



O BRAÇO DO SENHOR

T. Austin-Sparks

O Braço do Senhor

Por T. Austin-Sparks

Direitos Autorais

Publicado como E-book

Por

Participantedecristo.com

Traduzido do original em inglês:

[*The Arm of the Lord*](#)

Publicado em inglês por:

Austin-sparks.net

E-mail: contato@participantedecristo.com

T. Austin-Sparks desejava que aquilo que recebeu gratuitamente fosse também assim repartido, e não vendido com fins lucrativos, contanto que suas mensagens fossem reproduzidas palavra por palavra. Por isso, pedimos que, se você deseja compartilhar essas mensagens com outras pessoas, por favor, respeite sua vontade e ofereça-os livremente - sem alterações, sem cobranças (exceto os custos de distribuição, caso necessário) e com esta declaração incluída.

Capítulo 1 - A Situação e a Necessidade

Leitura: Isaías 52:13-53:12.

"Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR?"

A palavra "braço" é usada simbolicamente muitas vezes nas Escrituras, para significar aquilo em que o homem confia para obter força e apoio. Um braço representa a pessoa: quando ela está fraca, seu braço é descrito como fraco: em outros momentos está forte. Ele é empregado como símbolo da pessoa, do povo ou da nação, sempre indicando um estado de força ou de fraqueza. Esta expressão, portanto, "o braço do Senhor", quando adotada em relação a homens ou nações, implica no Senhor conceder Sua força e apoio àquilo que está de acordo com Sua mente, manifestando-Se em poder em favor deles.

A quem, então, o Senhor se manifestará em poder? A quem o Senhor 'desnudará' Seu braço (Is. 52:10)? "A quem foi revelado o braço do Senhor?"

Exemplos Bíblicos

Embora na Bíblia haja muitos incidentes em que o braço do Senhor é mostrado, existem ocasiões particulares caracterizadas por esta frase. Por exemplo, ao tirar Israel do Egito, encontramos repetidas referências ao desnudar e manifestar do Seu braço. Esse incidente é muitas vezes referido como uma ocasião notável em que o Senhor mostrou o Seu braço, o "golpe do Seu braço" (Is 30:30). Para retirá-los, o braço do Senhor foi "revelado". Se você ler e considerar toda a história do trato de Deus com o Faraó e com o Egito em nome do Seu povo, descobrirá que tudo se resume nisto: foi a revelação do braço do Senhor. Claro que isso é apenas uma ilustração – a emancipação de um povo eleito do reino deste mundo e das trevas; mas, para isso, o braço do Senhor foi revelado.

Vejamos a libertação de Israel da Babilônia, que foi outra ocasião em que o

braço do Senhor foi revelado. Quantas vezes isso foi considerado assim: o braço do Senhor, estendido sobre Babilônia, derrubou seus governantes e derrubou suas forças, a fim de trazer o povo de volta do cativeiro (Is 43:14). E mais uma vez, essa situação foi simbólica – a recuperação de um testemunho puro entre o povo do Senhor, testemunho este que havia sido perdido. Se for feita a pergunta: “A quem foi revelado o braço do Senhor?” ou em outro tempo verbal: ‘A quem será revelado o braço do Senhor?’ aí está a resposta: o propósito é esse, é para isso.

Mas é na ressurreição de Jesus, e na Sua exaltação à destra da Majestade nos Céus, que é o exemplo supremo da revelação do braço do Senhor. Naqueles primeiros dias da Igreja, quão maravilhosa foi esta revelação do braço do Senhor! Nos acontecimentos narrados naqueles primeiros capítulos do livro dos Atos, vemos Seu braço estendido o tempo todo. Quando sofriam perseguição, alguns se reuniram para orar e oraram: “Concede aos teus servos... intrepidez, enquanto estendes a mão... sinais e prodígios...” (Atos 4:29,30). Herodes foi atingido por aquele braço; Saulo de Tarso sofreu o mesmo impacto; muitas coisas aconteceram, em muitos lugares, porque o Senhor estava revelando Seu braço.

E antes de chegarmos ao final do Novo Testamento, toda a nação de Israel encontrou o braço do Senhor. Ele foi revelado na completa derrubada e dispersão de Israel como nação, e essa derrubada foi tão completa que sua integração original nunca foi recuperada. Mais ainda – Roma liberou todas as suas forças contra o Senhor e contra o Seu ungido, mas encontrou o braço do Senhor e foi inteiramente destruída; deixou de ser um império e uma nação. Estes são apenas alguns exemplos na história da manifestação do braço do Senhor, em resposta a esta pergunta: “A quem foi revelado o braço do Senhor?”

Características comuns

Agora você notará que muitas dessas instâncias têm certas características em comum.

Em primeiro lugar, havia uma exaltação dos poderes mundiais contra Deus: a elevação da cabeça por parte dos poderes deste mundo contra o Senhor e o

Seu ungido.

Em segundo lugar, havia o envolvimento da glória e do propósito do Senhor, através de condições de fraqueza ou apostasia entre o Seu povo. Não glorificava o Senhor ter Israel no Egito. Depois da aliança que o Senhor fizera com Abraão, Isaque e Jacó, era radicalmente contrário ao propósito revelado de Seu coração, que Ele mantivesse os filhos de Israel em cativeiro no Egito, entregando sua força aos poderes do mal. Era contrário à glória de Deus ter Israel na Babilônia; foi desonroso para Ele e isso contrariava Sua intenção revelada. Quantas vezes foi assim – que o Senhor revelou Seu braço por causa da condição prevalecente entre Seu povo.

E então, em terceiro lugar, havia um clamor interior por parte de um instrumento de intercessão. Havia Moisés, em contato com Deus em relação àquela situação no Egito. Vemos Daniel, e alguns outros com ele, dentro da situação na Babilônia, clamando a Deus. Também temos aquelas reuniões de oração registradas no livro de Atos – e vemos o clamor dos eleitos por justiça. Esta era uma característica comum à intervenção de Deus repetidas vezes – um clamor vindo de dentro.

Algumas questões surgem em relação a tudo isso em nossos dias. Existe alguma situação no nosso tempo que corresponda a estas situações, nessa conexão tríplice? Temos uma condição como essa hoje? A resposta é óbvia. As potências mundiais estão levantando a cabeça contra o Senhor? Já houve um tempo em que o trono de Deus fosse mais desafiado pelas potências mundiais do que hoje? Há uma condição no Cristianismo que traz muita desonra ao Senhor? Estaria o verdadeiro testemunho do Senhor mais envolvido num estado espiritual contrário à Sua mente revelada do que hoje? Vemos que a resposta novamente é evidente. É impossível hoje em dia mover-se por este mundo sem encontrar essas duas coisas e ser quase oprimido por elas.

A tremenda força do mal que está colocada contra Deus! Você sente, se depara com ela em todos os lugares. E se isso por si só já é angustiante, posso afirmar sem exagero que ainda mais angustiante é o estado do Cristianismo em geral, que hoje é uma grande contradição com o que Deus revelou quanto ao Seu propósito. Somos quase compelidos a dizer que o maior inimigo do

Cristianismo é o Cristianismo. Estou falando, é claro, de maneira muito genérica. A honra e a glória de Deus estão profundamente envolvidas hoje numa condição entre o Seu povo que é muito desonrosa para Ele. Estas duas condições sem dúvida prevalecem nos dias de hoje.

E quanto ao terceiro ponto? Temos um clamor vindo de dentro? É difícil falar muito sobre isso - talvez sim e não. Há uma sensação crescente no coração de muitos filhos de Deus de que as coisas não estão bem - uma sensação real que não foi essa a condição que o Senhor intencionou para o Seu povo. Creio que há um clamor profundo em muitos corações por alguma mudança na condição espiritual entre Seu povo.

Apesar de toda a satisfação geral com tão pouco, há aqui e ali um clamor por discernimento e compreensão, nascido da convicção de que o Senhor desejava algo diferente para a Sua Igreja. Essa condição nunca poderia atender ao padrão de Deus! Essa consciência e sua manifestação podem ser mais intensas e abrangentes do que conseguimos perceber. O Senhor precisa obter o que deseja, se for realizar algo; ainda que sejam apenas um Daniel e mais três ou quatro na Babilônia, já será suficiente para Ele. Minha ênfase maior está neste último ponto: a necessidade urgente de um clamor mais profundo, fortalecido a Deus.

O Senhor revelará novamente Seu braço?

Estas três coisas, então, por certo estão presentes nos nossos dias. Não é, portanto, hora do braço do Senhor ser revelado mais uma vez? 'A quem foi revelado o braço do Senhor?' Temos nas Escrituras algo que justifique a expectativa de que, no final, o braço do Senhor será de novo revelado, como ocorreu nessas ocasiões no passado? Há algo que poderia fortalecer nossa oração e aumentar nossa expectativa? Sem dúvida que sim, e muito!

Por exemplo, no dia de Pentecostes, Pedro citou as profecias de Joel; mas ele interrompeu a profecia antes de terminá-la. E o cumprimento da profecia naquele dia também parou num certo ponto: parou no derramamento do Espírito. Pedro disse: 'Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel' (Atos 2:16). Mas a profecia de Joel, que Pedro citou longamente,

não teve seu cumprimento completo naquele dia. Se você olhar outra vez para Atos 2:19-21, verá que algumas coisas poderosas foram incluídas nessa profecia, e elas foram suspensas no Dia de Pentecostes para um dia posterior. Elas estão reservadas para outro momento.

Novamente, podemos nos lembrar do incidente quando o Senhor Jesus, retornando do deserto no poder do Espírito, foi a Nazaré e entrou na sinagoga no dia de sábado (Lucas 4:16-19). O rolo foi entregue a Ele, e Ele o abriu em Isaías 61 e começou a ler. Mas a certa altura, antes de terminar a profecia, Ele parou. Ao ouvir as palavras: “o ano aceitável do Senhor”, Ele parou e sentou-se. Ele não concluiu com: “e o dia da vingança do nosso Deus”; não leu essa parte da profecia. Isso está suspenso; ainda não aconteceu.

Depois temos uma passagem como Mateus 24, do versículo 29 em diante, apontando para o que acontecerá no tempo do fim, no dia da vinda do Senhor. Vemos muitas marcas do desnudamento do braço do Senhor, da Sua intervenção no tempo do fim. É impressionante, não é, que algumas das declarações nessa passagem sejam idênticas em termos de linguagem ao restante da profecia de Joel. Estas coisas ainda não se cumpriram; estão suspensos para um dia posterior.

E o que devemos dizer sobre o Livro do Apocalipse? Qualquer que seja a sua interpretação desse Livro, historicista, futurista ou qualquer que seja, não dá para fugir do fato de que tudo se concentra no Dia da Vinda do Senhor. Esse dia está cheio de intervenções de Deus - na vida da Igreja, na vida das nações e no reino das trevas. Sim, pressuponho que temos muita base na Palavra que justificaria uma expectativa de que, no final, haverá uma grande revelação do braço do Senhor.

A Necessidade da Revelação do Braço do Senhor

(1) Entre Seu Povo

Mais adiante faremos a pergunta: Quais serão os princípios que guiarão a revelação do braço do Senhor, a qualquer momento, para qualquer grupo de pessoas, ou em face de qualquer situação? No momento, nos limitaremos ao fato da grande *necessidade* da revelação do braço do Senhor em nosso tempo.

Essa necessidade existe, em primeiro lugar, de forma muito forte e urgente entre o próprio povo do Senhor. De fato, torna-se um assunto pessoal e individual.

É de grande importância se o Senhor pode estar com cada um de nós - ao nosso lado com Sua força e poder; mostrando Seu braço em nosso nome e em nós, pessoalmente. É de tremenda importância que o Senhor possa comprometer-se conosco e dizer: 'Posso estar com aquele homem, posso estar com aquela mulher, empregando minha força.'. Colocarei Meu poder ao seu lado.'

Novamente, é muito importante saber se o Senhor pode colocar Seu poder atrás de nós como grupos dentro o Seu povo - se Ele pode permanecer conosco em força e dizer: 'Isto é algo que vou cuidar; vou defender; isso é algo pelo qual vou exercer Meu poder: estou junto com isso; estou nisso'. Essa é uma questão última. Qual é a vantagem de qualquer esforço que fizermos - todo o nosso ensino e o dispêndio de tempo e energia - se o Senhor não estiver conosco, não estiver livre para exercer Seu poder, para se mostrar poderoso em nosso favor?

E o que é verdade para o indivíduo e para os grupos, é verdade para o povo de Deus neste mundo. Pois, todo o povo de Deus está envolvido nesta situação mundial, e nada senão o braço do Senhor pode salvá-lo. Somente uma coisa pode atender a esta necessidade e situação atual entre o povo do Senhor: que Ele desnude Seu braço; que haja a 'iluminação' de Seu braço poderoso.

(2) No mundo

Mas se isso é verdade nestes três sentidos entre o Seu próprio povo, e quanto a este mundo, este mundo iníquo e mau? É nesse ponto que podemos chegar mais perto de ter a nossa maior controvérsia com o Senhor. Confesso que, ao percorrer grandes distâncias deste mundo e ver o que acontece por aí, surge a pergunta: 'Oh, Senhor, como podes suportar e permitir que essa situação continue? Como você pode, estando na posição que ocupa, tolerar isso?' Não estou exagerando. Em poucas horas de Londres eu poderia lhe mostrar algo que o deixaria tão horrorizado a ponto de fazê-lo clamar: 'Oh, Deus, acabe

logo com esta criação!' O mal, o sofrimento, é tamanho que nada além do braço do Senhor pode enfrentá-lo.

Esta é uma palavra para o momento, e vamos fazer esta pergunta e procurar respondê-la, na medida do possível, mais tarde. *Quais são os princípios sobre os quais o braço do Senhor será revelado?* Pois, devemos reconhecer que esse braço é, em certo sentido, governado; sua manifestação é condicional. Há momentos em que o braço do Senhor fica, por assim dizer, paralisado; está preso, não pode se mover, não é livre.

No clamor do profeta Ele era como um homem amarrado no meio do Seu povo, incapaz de se mover (Jeremias 14:9). Existem princípios, leis espirituais, que governam o braço do Senhor. E quer a necessidade do Seu braço seja pessoal, de um grupo, da Igreja ou do mundo, devemos compreender a base e as condições sob sobre a qual o Senhor exercerá o poder do Seu braço, estendê-lo e realizar Seus atos poderosos.

Como já disse, não responderei a essa pergunta nesse momento; isso virá mais adiante. No momento, quero apenas trazer à tona toda a questão da *necessidade* do braço do Senhor ser revelado. Quero que você seja capturado por essa necessidade. Esta palavra me exercitou durante muitas semanas, em especial enquanto eu andava pelo Extremo Oriente: 'Desperta, desperta, arma-te de força, braço do SENHOR!' (Is. 51:9).

Quão grande é a necessidade do braço do Senhor nesta situação mundial multifacetada. Isso pode ser expresso de outras maneiras: Oh, se o Senhor fizesse algo – se Ele *agisse!* Se o Senhor trouxer sobre Seu povo nestes dias um novo senso desta necessidade de revelação de Seu braço, e nos movesse, primeiro a enviar a clamar. Então poderíamos nos alinhar com as leis que governam o movimento de Seu braço, esta mensagem terá valido a pena, trazendo consequências muito reais.

A Necessidade de um Clamor do Coração

Em primeiro lugar, um clamor contra a iniquidade espiritual nesta terra. Gostaria de poder contar-lhes apenas um pouco do que tenho visto e ouvido como resultado da iniquidade espiritual que está em ação neste mundo – as

vidas despojadas, dilaceradas e assediadas; as famílias se separando - ah, é uma história terrível. É um mal puro e diabólico - nada além de engenhosidade e astúcia satânicas; e tudo está concentrado em livrar este mundo de Deus e de tudo o que é de Deus, representado em homens e mulheres. É inteiramente maligno.

A tristeza e o sofrimento que enfrentamos e tocamos dia após dia, e que sabemos que ainda persistem em algumas partes deste mundo hoje, são indescritíveis – inteiramente desumanos. A linguagem não pode expressar o caráter diabólico daquilo que está em ação na terra hoje. Oh, que um clamor ao Céu traga o Braço do Senhor contra esta iniquidade espiritual - pois é uma iniquidade *espiritual*. Não creio que o homem, mesmo no seu pior momento, pudesse, se deixado sozinho, conceber essas coisas.

Depois, por um clamor contra a desonra do Senhor no estado espiritual geral daqueles que levam o nome de 'cristãos'. Vemos uma história terrível se repetindo. Sim, a verdadeira dificuldade para o Senhor está entre aqueles que assumem o nome de "cristãos". É necessário que haja um clamor elevado ao Céu contra a desonra feita ao Nome do Senhor por aquela que é chamada de 'Igreja Cristã'.

Assim, surge um protesto contra a satisfação simplista que acompanha o entendimento superficial do magnífico propósito de Deus. Inúmeras vezes, minha alma foi perturbada pelo desconforto provocado pela atitude superficial e negligente que prevalece em relação ao sublime propósito divino. Vemos a revelação deste imenso propósito de Deus 'de eternidade em eternidade', e ainda assim a atitude em relação às coisas espirituais é muitas vezes: 'Oh, bem, um mínimo é suficiente.'

Tudo indica que a medida mais limitada é tudo que se faz necessário para proporcionar imensa satisfação. Se você tem alguma ideia da grandeza do propósito de Deus, e dá expressão a ele, é extremamente comovente tentar descobrir como um tipo superficial e glamoroso de cristianismo, essa coisa barulhenta e jazzística, pode corresponder ao vasto propósito de Deus em relação ao Seu Filho. Essas coisas te deixam indignado; mexe lá no fundo. É necessário que haja um clamor contra aquilo que se torna num substituto e

usurpa o lugar do grande propósito de Deus nos corações do Seu povo.

Quando o profeta Isaías ficou oprimido com os males encontrados entre o povo de Deus, Israel, e com o mal nas nações exteriores, ele levantou com um grande clamor: "Oh! Se fendesses os céus e descesses! Se os montes tremessem na tua presença (Quando fizeste coisas terríveis, que não esperávamos, desceste" (Is. 64:1,3). "Oh, se você fendesse os céus"! Você só precisa se movimentar neste mundo, sentindo as coisas, avaliando as coisas, para que esse clamor nasça em você. Mas peça ao Senhor que coloque dentro de você esse clamor, faça de você parte desse clamor 'interior', para a glória de Deus nesses dias.

Peça a Ele para torná-lo parte desse instrumento e vaso essencial, como o grupo de Daniel, Ester, Moisés, a 'reunião de oração' em Jerusalém, ou muitos outros vasos semelhantes, que alcançaram o Céu com um clamor, e atraíram aquele Braço. Pois esse é um princípio vital: "Ainda nisso permitirei seja eu solicitado pela casa de Israel" (Ezequiel 36:37). O Braço do Senhor não irá simplesmente 'acontecer'; o Braço do Senhor só será revelado em resposta a um clamor. "Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça" (Lucas 18:7,8). Ele irá - mas Ele precisa do clamor de um eleito.

O Senhor nos faça assim. Esta é, eu sei, uma palavra solene. Mas este é um dia para sermos sérios, um momento para enfrentar a situação real, e não apenas viver num paraíso de tolos, como se tudo estivesse bem. Deus deve ser alcançado com um clamor nestes dias. Só posso dizer isso por estar em contato muito próximo com essa grande necessidade. Ninguém que tenha visto um pouco das condições no Extremo Oriente não ficaria emocionado, ou sentiria diferente em seu coração: Oh, que o povo de Deus começasse a clamar a Deus em relação a esta situação! Portanto, trago esta ênfase no início, e depois poderemos ver algo dessa a base sobre a qual o Senhor se moverá.

Capítulo 2 - O Significado do Braço

Tendo considerado algo sobre o significado da expressão 'o Braço do Senhor', e visto que ela indica o apoio, a sustentação, a força do Senhor, dada àqueles que estão totalmente alinhados com o Seu propósito, vamos nos perguntar: O que a Palavra de Deus mostra ser a real implicação deste apoio ou sustentação do Senhor? O que temos em mente quando pensamos em ter o apoio do Senhor?

O que o braço do Senhor implica?

Todos nós desejamos Seu apoio, suporte e força. Ter o Senhor conosco, ao nosso lado, com todo o Seu gracioso e infinito poder exercido em nosso favor, é, afinal, a coisa mais importante na vida, não apenas para nós, como cristãos individualmente, mas para a Igreja, e para toda a obra do Senhor. Mas será que realmente pensamos no que queremos dizer com isso? O que esperamos? Seria apenas o simples apoio do Senhor, para nos ajudar, nos levar adiante, garantindo que não desmoronemos no caminho? Quando vemos alguém parado na beira da estrada, com medo de atravessar, às vezes oferecemos um braço, dizendo: 'Deixe-me acompanhá-lo' - um braço! Pois bem, o braço é um suporte; ajuda a chegar do outro lado. Será que isso é tudo que queremos do Senhor? Nem sempre falamos do Braço do Senhor; muitas vezes expressamos isso de outras maneiras. Pedimos graça; suficiência; pedimos muitas outras coisas; mas tudo está incluído no Braço do Senhor. O que estamos realmente buscando?

O que a Palavra de Deus mostra ser o significado deste suporte, deste Braço do Senhor? Antes de responder a essa pergunta, deixe-me fazer uma pausa para dizer que esta é uma questão da maior importância e aplicação. Neste momento não estou preocupado em meramente trazer um estudo bíblico. Há uma base prática muito boa para tudo o que é apresentado aqui. Vejo demandas constantes por ajuda nos problemas da vida cristã, das igrejas, dos relacionamentos cristãos; quase dia e noite, sem cessar. E continuamente chegam cartas - às vezes cartas muito longas - de assembleias do povo de

Deus em diferentes lugares, contando sobre as condições deploráveis nessas assembleias, com toda a sua frustração, limitação, decepção, impasse e derrota, e pedindo aconselhamento e ajuda no que deve ser feito. É neste contexto de necessidade real e urgente que estas mensagens são apresentadas. Quero enfatizar que há algo muito prático nisso.

Afinal, isso significa apenas uma coisa: onde está o Senhor? Apenas isso: Onde está o Senhor? Onde encontraremos o Senhor? Como vamos conhecer o Senhor abertamente conosco? E isso contém mais uma questão séria: até que ponto o Senhor é capaz de sustentar isto e aquilo – chegar e realizar as coisas, mostrar Seu poder, mostrar-Se poderoso? Esse é realmente o cerne de toda a questão. Será que existe uma limitação para o Senhor, o impedindo de fazer essas coisas, certos obstáculos? É de suprema importância, então, que conheçamos e compreendamos o terreno sobre o qual o Senhor mostrará Seu braço poderoso nestes dias, em nome de Seu povo, de Sua Igreja, de Sua obra.

Quando, portanto, fazemos a pergunta: O que realmente significa que o Braço do Senhor seja manifestado? encontramos na Palavra de Deus duas ou três coisas, ocupando um lugar de grande importância, em muitas formas de expressão, e que respondem a essa pergunta. Mas primeiro gostaria de fazer uma pausa novamente para dizer, entre parênteses, que a mensagem de Isaías 53 é a resposta para tudo! Talvez pensemos que conhecemos Isaías 53; talvez possamos até recitá-lo. Atrevo-me a sugerir que sabemos muito pouco sobre esse capítulo. É o capítulo mais abrangente de toda a Bíblia. Se pudéssemos lê-lo com verdadeira compreensão espiritual, descobriríamos que, naquele capítulo, todas as nossas perguntas são respondidas; todas as nossas necessidades são atendidas; todos os nossos problemas estão resolvidos! A Bíblia está compreendida em Isaías 53, e no que se segue estou me mantendo dentro do âmbito desse capítulo.

(1) A Vindicação de um Caminho tomado

Acredito que a primeira coisa que o Braço do Senhor significa em nome do Seu povo é o seguinte: a vindicação do caminho que eles tomaram. Se você consultar a Bíblia com isso em mente, descobrirá o quanto está ligado a isso. Concordarão comigo que se trata de uma questão muito importante, que o

rumo que tomamos deverá ser provado, no final, como sendo o caminho certo. Não poderia haver nada mais terrível e trágico do que, após ter tomado um caminho, e entregando a nós mesmos e tudo o que temos a ele, derramando nossas vidas nele e por ele, descobríssemos no final que estávamos errados, e que o Senhor não pode justificar o rumo que tomamos. É evidentemente da maior importância que o rumo que tomamos receba, no final, a aprovação Divina - que, contra tudo, apesar de tudo, dos homens e dos demônios, Deus seja capaz de dizer: 'Esse homem estava certo!' Afinal, essa foi a vindicação de Jó, não foi? Quanto aquele homem encarou de má interpretação e deturpação! Mas no final Deus disse: 'Meu servo Jó tem razão'; e não é pouca coisa que Deus diga isso a respeito de alguém. É isso que vemos em Isaías 53: a vindicação de um rumo seguido, apesar de tudo. E esse "apesar de tudo" representa bastante nesse capítulo, não é? - um peso esmagador de contradições e mal-entendidos; mas, no final, o Servo é justificado; Deus diz que Ele estava certo. "A quem foi revelado o braço do Senhor?" Para *aquela* - para *aquela*!

Esse pensamento está presente em toda a Bíblia, em relação a todos os grandes homens de fé, enquanto eles andavam com Deus. Que caminho difícil eles percorreram! Mas no final, Deus disse, não apenas em palavras, mas de forma muito, muito prática: 'Ele estava certo, ele estava certo.' Esse é o significado do Braço do Senhor. É isso que desejo quando peço o Braço do Senhor: 'Ó Senhor, que eu possa tomar tal caminho contigo que, no final, Tu possas ficar por esse caminho e dizer: Ele estava certo.' Você quer isso? Não há valor em nada que não funcione assim.

(2) O Fruto Permanente de uma Vida

Uma segunda coisa que vejo ser o significado, ou evidência, do Braço do Senhor é o fruto espiritual permanente de uma vida. Em Isaías 53:10 lemos: "Verá a sua posteridade" – isto é, a Sua descendência espiritual permanente; a vida que estava nEle agora perpetuada e estabelecida, indestrutível, em novas formas de expressão. De que vale se, depois de termos vivido a nossa vida aqui, realizado nossa obra e partido, esse for o fim de tudo? - uma memória cada vez mais indistinta, desaparecendo no passado? Seria como aquele verso muito deprimente que algumas pessoas gostam de cantar:

*'O tempo, como um riacho sempre em movimento,
Leva embora todos os seus filhos;
Eles voam, esquecidos, como um sonho
Morrem no dia da inauguração' -*

mas isso é pessimismo até ao último grau! Essa não deveria ser nossa herança. Isso não deveria ser verdade para nenhum servo do Senhor; que ele seja 'esquecido', 'levado embora', sem sobrar nada, um vapor. Não, "ele verá a sua posteridade". O Braço do Senhor em nome de qualquer verdadeiro servo do Senhor deveria significar que, quando a forma de serviço e expressão, o vaso e a estrutura, que eram apenas temporários, desaparecem, haverá algo intrínseco, indestrutível, perpétuo, e será encontrado no Céu, permanecendo por toda a eternidade. Esse é o Braço do Senhor! Essa é a vindicação da vida, e é isso que nós desejamos, não é? Certamente, essa é a única coisa que justifica termos vivido! Não que tenhamos feito todo tipo de coisas, e que houvesse muito para mostrar mesmo enquanto estávamos aqui, mas que, quando partirmos, a obra continua, há uma semente que continua viva - uma semente espiritual imperecível.

Isto é o que a Bíblia quer dizer com "o Braço do Senhor". É o Senhor dando o Seu selo, o Senhor envolvido nas coisas. O Braço do Senhor estabelece o que é dEle, como algo que não pode ser destruído. Você não deseja o Braço do Senhor dessa forma? Todos nós desejamos que haja fecundidade espiritual, crescimento espiritual, sem estagnação, sem fim, mas com continuidade. Podemos ver isso, ou não, no caso de todos os verdadeiros servos do Senhor - que o Senhor assumiu depois que eles partiram e manteve seu ministério. Ele ficou ao lado de Jeremias quando Jeremias partiu: "para que se cumprisse a palavra do SENHOR, por boca de Jeremias, despertou o SENHOR o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino..." (2 Crônicas 36:22; Esdras 1:1; Daniel 9:2). Paulo ministrou às sete igrejas na Ásia, e agora Paulo se foi; mas o Senhor volta às sete igrejas para vindicar o ministério do Seu servo (Atos 19:10,26; Ap 1-3). Esse é o Braço do Senhor - Ele não permite que Ele realizou por intermédio da vida de qualquer servo pereça. Está estabelecido. (Compare também o que é dito de Samuel, em 1 Samuel 3:19,20 e 28:17.)

Os Princípios da Revelação do Seu Braço

Vamos voltar à nossa pergunta inicial: Quais são os princípios sobre os quais o Braço do Senhor será revelado? Como já disse, achamos que estamos muito familiarizados com o capítulo 53 de Isaías. Mas quando o lemos, geralmente ficamos tão absortos com aquelas palavras vividamente descritivas a respeito das tristezas, dos sofrimentos e em como Aquele que está em vista levou nossos pecados, com a Pessoa e as experiências deste Servo sofredor de Jeová, que perdemos quase inteiramente de vista o tremendo significado daquela pergunta inicial fundamental: "A quem foi revelado o braço do Senhor?" E, no entanto, todo o capítulo teria muito pouco valor e significado se não fosse por essa questão. Pense nisso novamente: supondo que tudo o que está descrito ali - Seus sofrimentos, Suas tristezas e o fato de ter levado nossos pecados - tivesse acontecido, e então o Braço do Senhor não tivesse sido revelado em Seu favor, qual seria o valor de tudo isso? ? Aconteceu - mas onde está a vindicação? Qual é o veredicto de Deus sobre isso?

Pois, embora o conteúdo do capítulo seja tão tremendo e tão esmagadoramente comovente em sua tragédia, tudo se relaciona com esta única coisa: "A quem foi revelado o braço do Senhor?" A resposta é: Àquela Pessoa descrita aqui com detalhes tão vívidos. O Braço do Senhor é revelado Àquele que, com tanta plenitude e tanto *pathos*, é aqui apresentado como o objeto de toda essa tragédia, aflição, mal-entendido e deturpação. É a Ele que o Braço do Senhor é revelado.

O profeta está vendo a reação do mundo inteiro, tanto de Israel quanto dos gentios, ao relatório, à proclamação. "Quem creu na nossa pregação?" ele pergunta. 'Quem acreditou na mensagem que proclamamos?' Tudo está dirigido para o dia do Filho do Homem. Os mensageiros saíram; a proclamação foi feita – e que proclamação foi! Foi feito no Dia de Pentecostes; saiu de Jerusalém para todas as regiões circunvizinhas. Mas - quem acreditou? Qual foi a reação de Israel e dos gentios? O profeta, em sua presciência e inspiração maravilhosamente vívidas e inspiradas nas reações do mundo à mensagem do Evangelho, faz a pergunta e a responde em todo o capítulo. Mas ele pergunta também: "A quem foi revelado o braço do Senhor?" O

mundo reagiu assim; a grande maioria recusou e rejeitou a mensagem, deu uma interpretação totalmente falsa às aflições do Sofredor. Contudo, é para Ele que o Braço do Senhor foi revelado; é ao lado Dele que Jeová está.

O Servo do Senhor

E isso nos leva a todo o contexto abrangente da questão. O contexto mais amplo nos leva de volta ao capítulo 42: “Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios” [vs 1], e assim por diante. Mas essa frase, “Eis o meu servo”, também nos leva ao contexto imediato do nosso capítulo 53, pois encontramos que ela ecoa, por assim dizer, no versículo 13 do capítulo 52. Na verdade, nunca deveria ter havido um intervalo entre 52:15 e 53:1, pois toda esta seção realmente começa no versículo 13: “Eis que o meu Servo procederá com prudência; será exaltado e elevado e será mui sublime”. Somos assim levados ao contexto mais amplo do servo do Senhor, e do que é o verdadeiro serviço ao Senhor: isto é, qual é o serviço que o Senhor reivindica, qual é a servidão que o Senhor defende. Nós certamente estamos muito preocupados com isso, em sermos aqueles a quem o Senhor pode dizer: "Eis o meu servo, a quem sustenho" - e "a quem sustenho" é apenas outra maneira de dizer: 'a quem mostro o meu braço poderoso'.

Agora, este termo, 'Servo do Senhor', é usado por Isaías de uma forma tripla.

Em primeiro lugar (*por exemplo*, no cap. 41:8; 44:1,2,21), ele a usa para se referir a Israel: Israel é chamado “o servo do Senhor”, levantado para servi-Lo em Seus grandes propósitos no meio das nações. Mas Israel falhou com o Senhor como servo, falhou tragicamente.

Então, do meio de Israel, Deus levantou Um, Seu Messias, Seu Ungido, e transferiu o título para Ele: "Meu servo, a quem sustenho... pus sobre ele o meu Espírito" ... "Eis que meu servo... será exaltado e elevado e será mui sublime". Essa é a segunda maneira pela qual o título é usado. Isso abre uma linha de estudo muito proveitosa, se você quiser segui-la, pois descobrirá que Isaías 52-53 é citado nada menos que onze vezes no Novo Testamento, sendo

essas mesmas palavras transferidas para o Senhor Jesus. Por exemplo, Mateus (8:17) diz: “para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías”; então ele cita Isaías 53 em relação ao Senhor Jesus. Poderíamos dizer que todo o Novo Testamento pode ser colocado entre colchetes em Isaías 53, e neste título “O Servo do Senhor”, Sua Pessoa e Sua obra.

A terceira maneira pela qual Isaías usa o título ‘Servo do Senhor’ é de forma coletiva ou plural de crentes fiéis. No capítulo 54:17 (compare também 65:13,14) o povo fiel do Senhor recebe este mesmo título, “os servos do Senhor”. Há, portanto, um sentido em que nós estamos dentro do alcance desta grande vindicação Divina.

Mas aqui devemos fazer uma pausa para fazer uma distinção fundamental: a distinção entre o serviço único, a obra única do Senhor Jesus e aquela que se relaciona com os outros. Isto deve ser sempre lembrado. Pois Isaías 53 apresenta aquele serviço único de Cristo, aquela obra única de Cristo da qual ninguém mais participa. E, graças a Deus, partilhar disso não é necessária! Ele cumpriu tudo, sozinho. Acompanharemos isso mais de perto em um momento. Mas, embora seja verdade que não participamos de forma alguma da obra expiatória do Senhor Jesus, nem participamos deste serviço vicário, ainda assim participamos de um serviço, e um serviço que se baseia nos mesmos princípios espirituais que Ele seguiu. Isto é muito importante: pois é sobre esses princípios que o Braço do Senhor é revelado.

A obra peculiar e o serviço de Cristo

Vamos, então, passar alguns minutos observando a obra e serviço peculiares do Senhor. Acho impressionante notar que esta seção começa com o fim glorioso para o qual Deus está se movendo. "Eis que meu servo... será exaltado e elevado e será mui sublime" (52:13). É sempre bom ver o final logo no início e ver como tudo vai funcionar. Toda essa tragédia do capítulo 53, toda essa história terrível – como isso vai acabar? Bem, aqui Deus começa com Seu fim. Ele diz: 'É assim que tudo vai acabar: antes de contar tudo sobre o curso das coisas, que podem angustiá-lo e deprimi-lo terrivelmente, vou lhe dizer como tudo vai acabar. Este Servo, que vou descrever em Sua Pessoa e Sua obra, no final será exaltado, será elevado, será levantado!'

É claro que esta palavra nos transporta imediatamente para aquelas grandes passagens do Novo Testamento, como Atos 1 e 2; Filipenses 2: 'Ele se tornou obediente até a morte...' "Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho..."; e Hebreus 1: "ele... assentou-se à direita da Majestade, nas alturas..." Não é assim que vai *acabar* ; foi assim que *terminou!* E é assim que a terrível história é apresentada. Tudo se encontra nesta frase repetida de duas palavras: "Ele será..." 'Ele *será* exaltado... Ele *será* elevado... Ele *será* mui sublime... Ele *verá* o fruto do penoso trabalho de sua alma... e *ficará* satisfeito'. Está estabelecido desde o início. Isso é vindicação: esse é o Braço do Senhor! Deixe tudo isso acontecer – no entanto, o Braço do Senhor cuidará para que isso leve a um fim glorioso. Antes que qualquer coisa aconteça – antes da Cruz, antes da rejeição – está estabelecido nos conselhos de Deus: "Ele *será* ..."

E se nós entrarmos nos verdadeiros princípios espirituais do serviço de Cristo, é exatamente assim que será conosco. Deus cuidará para que assim seja o fim. "Se com ele sofreremos, também com ele seremos glorificados" (Romanos 8:17). "Se perseveramos, também com ele reinaremos" (2 Timóteo 2:12).

Tendo notado como este assunto é apresentado, vejamos agora a história de Seu serviço único.

Seus sofrimentos vicários

Há onze expressões no capítulo 53 que descrevem o caráter vicário dos sofrimentos do Servo do Senhor.

1. "Ele levou as nossas enfermidades" (vs. 4).
2. "Ele carregou as nossas dores" (vs. 4).
2. "Ele foi ferido pelas nossas transgressões" (vs. 5).
4. "Ele foi moído pelas nossas iniquidades" (vs. 5).
5. "O castigo que nos traz a paz estava sobre ele" (vs. 5).
6. "Pelas Suas pisaduras fomos sarados" (vs. 5).
7. "O Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos" (vs. 6).
8. "Por causa da transgressão do meu povo, foi Ele ferido" (vs. 8).

9. “Da tua alma farás uma oferta pelo pecado” (vs. 10).
10. “Ele levará sobre si as suas iniquidades” (vs. 11).
11. “Ele levou sobre si o pecado de muitos” (vs. 12).

É muito instrutivo notar as três palavras usadas aqui, descritivas do que Ele suportou. Os três termos são: 'iniquidade', 'transgressão' e 'pecado'. Se você abrir o livro de Levítico, capítulo 16, você entenderá o que Isaías estava falando, e o que o Espírito Santo, através de Isaías, estava apontando.

“Assim, fará expiação pelo santuário por causa das impurezas dos filhos de Israel, e das suas transgressões, e de todos os seus pecados. Da mesma sorte, fará pela tenda da congregação, que está com eles no meio das suas impurezas” (Lv. 16:16).

“Arão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados” (vs. 21). Aqui temos nossas três palavras de Isaías 53.

“Assim, aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles para terra solitária; e o homem soltará o bode no deserto” (vs. 22).

“Porque, naquele dia, se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados, perante o SENHOR” (vs. 30).

“Isto vos será por estatuto perpétuo, para fazer expiação uma vez por ano pelos filhos de Israel, por causa dos seus pecados” (vs. 34).

Aqui em Isaías, então, temos a obra que corresponde à obra do bode expiatório. Esse termo se encaixa perfeitamente neste capítulo. Este Servo sofredor é o “bode expiatório”, que carrega iniquidades, transgressões, pecados e é expulso para o deserto, para a desolação.

O que devemos concluir disso quanto ao Braço do Senhor, em relação ao Seu serviço?

O Braço do Senhor: Relacionado (1) À Cruz

O Braço do Senhor, com tudo o que isso significa, está inseparavelmente relacionado com a Cruz do Senhor Jesus. Aí está o coração e a totalidade de todo o assunto. Você deseja o Braço do Senhor? Deseja vindicação? Você quer

que o Senhor esteja ao seu lado e apoie, defenda, realize, comprometa-se, esteja ao seu lado, esteja com você em sua vida, e com você e seu grupo de irmãos, na obra do Senhor? O Braço do Senhor está inseparavelmente relacionado com a Cruz, e nenhum de nós jamais encontrará o Senhor conosco, a não ser no terreno da Cruz.

Falei, no início desta mensagem, das situações de tragédia espiritual que ocorrem em tantos lugares entre o povo do Senhor. A causa raiz destas situações vem à luz repetidas vezes, tanto em conversas pessoais como nas cartas que recebemos, em termos como estes: 'Parece que a Cruz ainda não fez o seu trabalho em nós!' Sim é isso! Uma obra mais profunda da Cruz é a única resposta, e a resposta segura, para toda esta tragédia espiritual. A ausência de tal obra explica toda a falta de apoio do Senhor. Isaías 53 cobre tudo. O apoio, a presença, o poder do Senhor e Seu o compromisso conosco e com a obra, só estará - só *pode* estar - no terreno da Cruz do Senhor Jesus. Essa precisa ser a base sobre a qual nos posicionamos e vivemos, seja individual ou coletivamente. O Braço do Senhor só opera por intermédio da Cruz. Você pode dizer, de fato, que a Cruz é o Braço do Senhor. É lá que se encontra a vindicação Divina. "Cristo crucificado... o *poder* de Deus" – o Braço do Senhor! [conf 1Co 1:23,24].

Relacionado (2) A uma semente, o fruto de seu trabalho

O Braço do Senhor está inseparavelmente relacionado, também, com uma semente que é fruto do penoso trabalho deste Servo do Senhor. "A quem foi revelado o braço do Senhor?" Para Este: "Ele verá sua posteridade"; "Ele *verá* o fruto do penoso trabalho de sua alma". A Igreja é essencialmente fruto do Seu trabalho, não da formação ou construção de homens. É algo que surgiu de Sua própria angústia e paixão; algo nascido de Sua Cruz. O Braço do Senhor está inseparavelmente ligado a isso.

Tenho certeza de que você reconhece, então, como é importante que façamos parte disso. Digo, 'uma parte disso', deliberadamente. Existe sempre o perigo de tornarmos as coisas demasiado pessoais - neste sentido, muitas vezes não estamos tão felizes por fazer parte de algo maior; queremos que a atenção se concentre em nós: se o foco estiver em nós, seremos felizes! Devemos dizer:

'Sou apenas parte de algo maior; Sou apenas um pouco de alguma coisa' - bem, isso não é muito interessante! Ah, mas o Braço do Senhor está ligado à uma coisa maior, da qual somos talvez apenas pequenos pedaços, e chegamos ao valor do Braço do Senhor sendo partes desse todo. Por exemplo, se o Braço do Senhor estiver com um grupo, só encontraremos o Braço do Senhor se estivermos realmente integrados nele. Se seguirmos uma linha independente e pessoal, poderemos não encontrar o Braço do Senhor; o Senhor não ficará ao nosso lado nesse terreno. É muito importante que abandonemos a nossa própria independência e individualismo (embora não, claro, a nossa individualidade) naquilo em que o Senhor encontra o Seu maior interesse e preocupação. Devemos viver para isso, pois é ali que encontraremos o Braço do Senhor.

Relacionado (3) À Vindicação do Filho de Deus

E finalmente, para o momento, o Braço do Senhor, com tudo o que significa, está inseparavelmente ligado à vindicação de Seu Filho. Esse é um teste para nossas vidas! Paulo disse: "Para mim o viver é Cristo", e Deus justificou Paulo. Quantos inimigos ele teve em sua vida, e quantos mais ele teve desde então, e ainda tem! Penso que nada foi deixado de lado nos esforços para desacreditar o apóstolo Paulo; mas ele ocupa hoje um lugar mais importante do que jamais ocupou na história. O Braço do Senhor está com aquele homem! Por que? Porque para ele viver era Cristo. Ele tinha uma preocupação abrangente – a vindicação do Filho de Deus. Leia novamente as palavras tristes e amargas de Paulo sobre sua vida anterior contra o Senhor Jesus. Repetidas vezes ele nos conta o que fez: como perseguiu a Igreja, como levou homens e mulheres para a prisão; mas agora todo o seu ser, até a última gota de sua força, está empenhado em vindicar Aquele a quem ele perseguiu, e Deus está com ele.

Lembre-se disso! Uma vida realmente derramada pela vindicação do Filho de Deus terá Deus com ela. Se estivermos servindo a nós mesmos, ou a alguma obra, tentando fazer algo funcionar e ter sucesso, Deus pode nos deixar carregar toda a responsabilidade e todos os problemas associados a ela. Mas tenhamos paixão pela honra, pela glória, pelo Nome de Seu Filho, e Deus cuidará do resto.

“A quem foi revelado o braço do Senhor?” Estas são algumas das coisas que respondem à pergunta. Encontraremos esse Braço revelado na base da Cruz, na base do Nome e na base da Glória do Senhor Jesus.

Capítulo 3 - A Base da Revelação do Braço

No capítulo 53 de Isaías (onde incluímos os últimos três versículos do capítulo 52), acreditamos que podem ser encontrados certos pensamentos, leis e princípios Divinos de aplicação perpétua e universal, sobre os quais o Braço de o Senhor pode ser revelado. Continuamos nossa investigação para descobrir quais são esses pensamentos Divinos. Há certas coisas que estão claramente na superfície, conforme temos o registro diante de nós.

A atitude do homem para com o Servo

Em primeiro lugar, uma coisa que é muito evidente é a diferença entre a atitude do homem e a atitude de Deus para com este Servo sofredor do Senhor. Estas duas atitudes estão claramente definidas e representam duas esferas completamente diferentes. O que é dito sobre a atitude ou julgamento do homem em relação a Este - 'Meu Servo' - divide-se em duas partes: em primeiro lugar, a dos gentios; em segundo lugar, a de Israel.

(1) Os gentios

A reação dos gentios, ao ouvirem o relato e receberem a descrição, é encontrada nos últimos versículos do capítulo 52: *“Como pasmaram muitos à vista dele (pois o seu aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua aparência, mais do que a dos outros filhos dos homens), assim causará admiração às nações, e os reis fecharão a sua boca por causa dele; porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que não ouviram entenderão”*.

O 'relatório', [ou 'pregação'] a respeito dEle que foi divulgado (mencionado no próximo versículo, cap 53:1) fez com que as nações e os reis ficassem admirados. Eles fecharam a boca em consternação horrorizada. A descrição

demonstra uma atitude de espanto e incredulidade. “*Quem* creu na pregação?” Não estes! Eles estão incrédulos – *este* nunca poderia ser o Servo do Senhor! Alguém assim! ‘Você nos diz que este é o servo de Jeová? - que esse fracote está dentro do âmbito da aprovação Divina? Nunca!’ Eles calaram a boca; suas mandíbulas estão fixas. Essa é a reação dos gentios.

(2) Israel

(a) Quanto à Sua Vida

Qual é a atitude de Israel? Toda a sua carreira é apresentada diante de nós. Em primeiro lugar, quanto ao Seu nascimento e juventude, Ele é descrito como “raiz de uma terra seca”. Em certo sentido, esta era uma descrição verdadeira, pois a semente de Davi parecia ter ficado muito seca; e ainda assim a nação O está descreditando nesse sentido. ‘Quando o vemos, não vemos beleza alguma que nos agrade’. Não há glória brilhante ou esplendor perceptível em Sua vinda a este mundo. Quem é Ele, afinal? De onde Ele veio? É claro que sabemos mais, mas você deve lembrar que Mateus e Lucas escreveram os registros de Seu nascimento muitos anos depois de Ele ter ido para a glória. Eles se esforçaram para rastrear Sua ancestralidade e descobrir todas as circunstâncias de Seu nascimento, e nós as temos nas suas narrativas dos evangelhos. Mas isso não eram de conhecimento comum em Israel. “Examina”, disseram eles, “e verás que da Galiléia não se levanta profeta” (João 7:52). “De Nazaré pode sair alguma coisa boa?” (João 1:46). Não, não houve transferência natural de glórias e grandezas humanas para esta vida; Ele nasceu sem o prestígio humano. Quanto à Sua vida – bem, na descrição aqui, temos mais coisas negativas do que positivas; mais desvantagens do que vantagens. Ele não tinha “formosura”, “beleza”; Ele “não tinha nenhuma beleza que nos agradasse”. Não devemos tentar fazer imagens mentais da aparição do Senhor Jesus, mas foi assim que *eles* O olharam. Ele tinha uma herança de desgraças - “um homem de dores e que sabe o que é padecer”. Em Sua vida, ligada como estava às tragédias da herança e da experiência humana, houve apenas tristezas, sofrimentos e desgraças - era assim que eles viam as coisas; esse foi o julgamento do homem. Na opinião deles, não havia nenhum fator positivo sobre Ele que pudesse atesta-lo como o Servo escolhido e ungido do Senhor, o Redentor e Messias.

(b) Quanto à Sua Morte

Qual é o julgamento de Israel ao receber o “relatório” de Sua morte? Como Israel olha para Ele? “Uma raiz de uma terra seca”. Não há nada de bonito ou atraente nisso: é o tipo de coisa que você encontrar no caminho e arranca. Essa é a estimativa deles. “Desprezado e rejeitado” – esse é o julgamento de Israel. “Um homem de dores e que sabe o que é padecer”. 'Diga-nos que esse é o Messias! Diga-nos que esse é o Ungido do Senhor! Diga-nos que esse é o Servo de Jeová! Diga-nos que esse é o Redentor de Israel! Não, nunca, mil vezes nunca!' “Como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso” [vs 3]. Não é difícil visualizar os gestos, as atitudes, os olhares destes rostos. “Nós o consideramos ferido de Deus...” ('Ferido por Deus! *Esse* é o significado de Sua Cruz - Ele mereceu! Deus O feriu!') “...ferido de Deus e oprimido.” 'Deus colocou sobre Ele o julgamento que Ele merecia e conquistou.' “Designaram-lhe a sepultura com os perversos” - isto é, sem dúvida, o que teria acontecido, se José de Arimatéia não tivesse intervindo e implorado Seu corpo a Pilatos. Ele teria sido jogado na vala comum com os malfeitores.

Que descrição completa temos de Sua morte! “Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca” [vs 7]. Ele era como uma vítima dirigida para o massacre – palavra terrível, horrível! Massacre! “Ferido de Deus” – essa foi a interpretação da Cruz. “Do... juízo foi arrebatado” [vs 8]. O fato é que naquela época o juízo estava sendo exercido por Ele sobre Seus opressores: mas a opinião deles era: 'Ele foi devidamente privado de julgamento; todos os Seus privilégios e direitos foram eliminados, e merecidamente.' “Foi cortado da terra dos viventes” [vs. 8]: 'Deus o eliminou - Deus fez isso!' Este é o julgamento de Israel, o julgamento do homem. O julgamento do homem sobre as coisas Divinas, as Pessoas Divinas e as obras Divinas é baseado inteiramente na consideração objetiva, sem qualquer conhecimento da realidade interior.

Por que esses estranhos caminhos de Deus?

Ao juntar todas essas reações, nos encontramos diante dos caminhos profundos de Deus à medida que Ele se move em direção à revelação de Seu Braço. Quão profundos são os Seus caminhos! Quão misteriosos! Dífceis de

perscrutar! E, ah, que surpreendente quando você começa a reconhecê-los! Ao considerarmos esta interpretação e julgamento da mente humana e da mente deste mundo sobre Este que sabemos ser o Divino Filho de Deus, o Redentor dos homens, temos que reconhecer que estes são os caminhos profundos de Deus, quando Ele se move – com firmeza, determinação e resolutamente – em direção ao ponto de revelar Seu Braço. Não é tremendo que este seja o Seu caminho?

Temos duas questões aqui. Primeiro, por que esta reação universal do mundo dos homens a este Servo de Jeová? Do nosso ponto de vista, como cristãos, é surpreendente que tais julgamentos e reações sejam possíveis universalmente por parte dos homens, mas sabemos que elas de fato ocorreram. Ademais, sabemos que essas reações ainda são um fato nos nossos dias. A mente deste mundo não vê nada desejável neste Crucificado.

Segundo - e esta pergunta talvez chegue ainda mais perto do cerne e da raiz de toda a questão: Por que este método deliberado de Deus, tornando esta reação inevitável por parte do homem? É uma coisa tão estranha. Parece que Deus se esforçou para produzir tal reação no homem. Por que Deus não deu Alguém “totalmente amável”, que todos apreciariam; Alguém que se colocaria numa posição de aceitação universal à primeira vista? Por que Ele não O trouxe ao mundo em opulência, grandeza e glória? Por que Ele não foi no início embelezado com todos os sinais do Céu, para todos os homens verem? Por que Deus deliberadamente, ao que parece, adotou uma atitude que produziria reações desse tipo? Elas seriam inevitáveis. Desenhe esta imagem, como foi desenhada por Isaías: "seu aspecto...mui desfigurado, mais do que outro qualquer" - distorcido "mais do que as dos outros filhos dos homens", e todos os outros detalhes - e então levante-o e afirme: 'Esse é o seu Redentor!' Parece que Deus tomou deliberadamente uma atitude para perturbar e escandalizar.

E assim Ele fez! Mas por que?

Por causa do falso padrão de valores do homem

Estamos chegando muito perto do ponto central. *O padrão de valores do homem*

é inteiramente falso, e Deus sabe disso. É totalmente falso – porque é o resultado do orgulho do homem. Não é o orgulho ofendido que afirma: 'Diga-nos que precisamos chegar a esse ponto! Que temos que aceitar *isso* para a nossa salvação! Que temos que condescender a esse nível! Não, nunca! É contrário à natureza humana!' Sim, é, porque a natureza humana tem um padrão de valores totalmente falso, produzido pelo orgulho do homem. Portanto, a ideia do Servo Sofredor é uma afronta ao orgulho humano, uma ofensa e um escândalo ao padrão humano. Por esta mesma razão, nem judeus nem gentios receberiam a pregação – o orgulho não permitiria isso. Nós cantamos:

*'Quando examino a maravilhosa Cruz
derramo desprezo sobre todo o meu orgulho.'*

Esse deveria ser o efeito da Cruz. Mas não. Sendo o homem o que é, seu orgulho não aceitará isso; e portanto 'Ele foi desprezado, rejeitado'; 'Ele não tem nenhuma beleza que nos agrade.'

A Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo representa o profundo enfraquecimento de toda falsa glória. Vai direto à raiz da auto-estima e da auto-importância do homem. Vai direto na raiz da vida que se baseia no prestígio e no valor do homem. Mesmo que, do ponto de vista e padrões deste mundo, um homem possa ser e ter alguma coisa; ainda que, por nascimento, ou por conquistas, por seu cérebro e inteligência, trabalho árduo e estudos, o homem possa adquirir alguma posição, glória, sucesso, prestígio: se basearmos nossa vida, diante de Deus, em qualquer dessas coisas, somos contados com aqueles que estão em absoluta contradição com o padrão Divino de valores.

O orgulho do homem esvaziado pela cruz

O fato é que, quando chegarmos à cruz, até as nossas glórias legítimas, tal como este mundo as considera, serão esvaziadas – simplesmente despejadas pelo ralo. Veja Saulo de Tarso – ele tinha algo em que se gloriar? Ele nos conta todas as suas vantagens pela ancestralidade, nascimento, educação e formação, suas conquistas e sucesso. Ele havia subido até o topo da escada. O que ele concluiu quando chegou diante da Cruz do Senhor Jesus? Ele chamou isso apenas de 'refugo'! Para ele, a vida não se baseava nisso de forma alguma.

Ele sabia muito bem que isso estava fora da esfera divina como base de qualquer posição diante de Deus. E se estamos entrando na 'comunhão do Filho de Deus' - o Servo de Deus - em coração, espírito e verdade, é isso que vai acontecer com nossos valores naturais. Estamos destinados a chegar a um lugar onde tudo o que temos como algo em que possamos nos gloriar - tenha isso adquirido antes, no ato do nascimento ou depois - se tornará em nada para nós. Veremos essas coisas com constantes ameaças à nossa vida espiritual, se não tomarmos muito cuidado.

Estou falando, é claro, sobre *basear nossa vida diante de Deus* nessas coisas. Não estou dizendo que não existam valores nelas; mas se começarmos a trazê-los à presença de Deus, e avaliar as coisas tomando elas como base, dando a elas muita importância, fica claro, não é, na companhia de quem nos encontramos? Não levamos Deus em consideração; Deus desacreditou todo o orgulho humano. Na Cruz do Senhor Jesus, Ele destruiu totalmente toda a glória do homem. A imagem aqui pintada do Servo Sofredor de Jeová, com toda a agonia, distorção, tudo o que é tão terrível, é um retrato do que o pecado faz - o que o orgulho faz - aos olhos de Deus. É assim que Deus vê o homem. Essas pessoas que não aceitaram o relato, por orgulho, são aqui retratadas como estão aos olhos de Deus, na pessoa daquele Homem pendurado na Cruz. Ele levou *nossos* pecados, *nossas* iniquidades, *nossas* transgressões; tudo o que somos foi colocado sobre Ele. É assim que somos aos olhos de Deus. Ele não foi levado a essa posição porque isso era verdade a Seu respeito, mas porque era verdade em relação a *nós*; esse é todo o argumento do capítulo.

Mas não é apenas uma vida baseada em coisas aparentemente legítimas e verdadeiras, em méritos e valores herdados ou adquiridos, que não tem posição diante de Deus, mas a vida baseada na importância *assumida*. Isto pode ser mais sutil, e é certamente mais terrível: quando uma pessoa, que não tem direitos naturais de ser alguma coisa, começa a assumir que é alguma coisa, demonstrando sua auto-importância, tomando uma posição, pavoneando-se na própria casa de Deus. Quão contrário ao espírito deste Servo do Senhor! "Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça." (Isaías 42:2). Não há nada nele que seja assertivo, alto, barulhento. Mas as pessoas podem assumir posições, até mesmo na própria casa de Deus, tornando-se barulhentas e assertivas, chamando a atenção para si mesmas.

Isso é algo que é muito horrível para Deus.

O salmista diz: “Eis que te comprazes na *verdade* no íntimo” (Salmo 51:6). O que é *verdade* a nosso respeito, afinal? O que é verdade sobre você, o que é verdade sobre mim, diante de Deus? Pois é diante de Deus que as coisas são pesadas corretamente (1Sm 2:3). O Apóstolo disse: “O amor... não se ensoberbece” (1 Coríntios 13:4). Que frase, ‘ensoberbecer’; - ficar cheio de ar e nada mais! O amor não é “inchado”; o homem não pode inflar na presença de Deus. Quando chegamos à presença de Deus, somos lançados no pó. Sempre foi assim – “Quando eu O vi, caí com o rosto em terra” (Ezequiel 1:28; Daniel 8:17; Apocalipse 1:17).

Assim, vemos o contraste do padrão de valores do homem e o de Deus. Que diferença! Este Servo desfigurado é a maneira de Deus nos mostrar o que somos aos Seus olhos. Há algo muito profundo nos caminhos de Deus. O homem sempre, desde o dia da Queda, procurou chamar a atenção para si mesmo, ser algo em si mesmo, ter glória para si mesmo; e no centro de tudo estava o orgulho. Isso tirou Satanás de sua posição elevada e tirou o homem da posição endereçada a ele. Deus repudiou tudo isso na Cruz do Senhor Jesus. “A quem foi revelado o braço do Senhor?” Não é revelado para ninguém que tenha algo disso. Aqui estão seus princípios de compromisso Divino. “o homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito.” (Isaías 66:2). “Os soberbos, ele os conhece de longe” (Salmo 138:6). “Abominável é ao SENHOR todo arrogante de coração” (Provérbios 16:5).

Por um lado, portanto, a Cruz do Senhor Jesus destrói todo o nosso orgulho e senso de auto-importância baseados num falso padrão de valores. Mas, por outro lado, a Cruz é a revelação daquilo que é o padrão de valores de Deus. Qual é o padrão dEle?

O padrão de valores de Deus

No capítulo 53 de Isaías (onde incluímos os últimos três versículos do capítulo 52), acreditamos que podem ser encontrados certos pensamentos, leis e princípios Divinos de aplicação perpétua e universal, sobre os quais o Braço de o Senhor pode ser revelado. Continuamos nossa investigação para

descobrir quais são esses pensamentos Divinos. Há certas coisas que estão claramente na superfície, conforme temos o registro diante de nós.

A atitude do homem para com o Servo

Em primeiro lugar, uma coisa que é muito evidente é a diferença entre a atitude do homem e a atitude de Deus para com este Servo sofredor do Senhor. Estas duas atitudes estão claramente definidas e representam duas esferas completamente diferentes. O que é dito sobre a atitude ou julgamento do homem em relação a Este - 'Meu Servo' - divide-se em duas partes: em primeiro lugar, a dos gentios; em segundo lugar, a de Israel.

(1) Os gentios

A reação dos gentios, ao ouvirem o relato e receberem a descrição, é encontrada nos últimos versículos do capítulo 52: “Como pasmaram muitos à vista dele (pois o seu aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua aparência, mais do que a dos outros filhos dos homens), assim causará admiração às nações, e os reis fecharão a sua boca por causa dele; porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que não ouviram entenderão”.

O 'relatório', [ou 'pregação'] a respeito dEle que foi divulgado (mencionado no próximo versículo, cap 53:1) fez com que as nações e os reis ficassem admirados. Eles fecharam a boca em consternação horrorizada. A descrição demonstra uma atitude de espanto e incredulidade. “Quem creu na pregação? Não estes! Eles estão incrédulos – este nunca poderia ser o Servo do Senhor! Alguém assim! 'Você nos diz que este é o servo de Jeová? - que esse fracote está dentro do âmbito da aprovação Divina? Nunca!' Eles calaram a boca; suas mandíbulas estão fixas. Essa é a reação dos gentios.

(2) Israel

(a) Quanto à Sua Vida

Qual é a atitude de Israel? Toda a sua carreira é apresentada diante de nós. Em primeiro lugar, quanto ao Seu nascimento e juventude, Ele é descrito

como “raiz de uma terra seca”. Em certo sentido, esta era uma descrição verdadeira, pois a semente de Davi parecia ter ficado muito seca; e ainda assim a nação O está descreditando nesse sentido. ‘Quando o vemos, não vemos beleza alguma que nos agrada’. Não há glória brilhante ou esplendor perceptível em Sua vinda a este mundo. Quem é Ele, afinal? De onde Ele veio? É claro que sabemos mais, mas você deve lembrar que Mateus e Lucas escreveram os registros de Seu nascimento muitos anos depois de Ele ter ido para a glória. Eles se esforçaram para rastrear Sua ancestralidade e descobrir todas as circunstâncias de Seu nascimento, e nós as temos nas suas narrativas dos evangelhos. Mas isso não eram de conhecimento comum em Israel. “Examina”, disseram eles, “e verás que da Galiléia não se levanta profeta” (João 7:52). “De Nazaré pode sair alguma coisa boa?” (João 1:46). Não, não houve transferência natural de glórias e grandezas humanas para esta vida; Ele nasceu sem o prestígio humano. Quanto à Sua vida – bem, na descrição aqui, temos mais coisas negativas do que positivas; mais desvantagens do que vantagens. Ele não tinha “formosura”, “beleza”; Ele “não tinha nenhuma beleza que nos agradasse”. Não devemos tentar fazer imagens mentais da aparição do Senhor Jesus, mas foi assim que eles O olharam. Ele tinha uma herança de desgraças - “um homem de dores e que sabe o que é padecer”. Em Sua vida, ligada como estava às tragédias da herança e da experiência humana, houve apenas tristezas, sofrimentos e desgraças - era assim que eles viam as coisas; esse foi o julgamento do homem. Na opinião deles, não havia nenhum fator positivo sobre Ele que pudesse atestá-Lo como o Servo escolhido e ungido do Senhor, o Redentor e Messias.

(b) Quanto à Sua Morte

Qual é o julgamento de Israel ao receber o “relatório” de Sua morte? Como Israel olha para Ele? “Uma raiz de uma terra seca”. Não há nada de bonito ou atraente nisso: é o tipo de coisa que você encontrar no caminho e arranca. Essa é a estimativa deles. “Desprezado e rejeitado” – esse é o julgamento de Israel. “Um homem de dores e que sabe o que é padecer”. 'Diga-nos que esse é o Messias! Diga-nos que esse é o Ungido do Senhor! Diga-nos que esse é o Servo de Jeová! Diga-nos que esse é o Redentor de Israel! Não, nunca, mil vezes nunca!' “Como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso” [vs 3]. Não é difícil visualizar os gestos, as atitudes, os

olhares destes rostos. "Nós o consideramos ferido de Deus..." ('Ferido por Deus! Esse é o significado de Sua Cruz - Ele mereceu! Deus O feriu!') "...ferido de Deus e oprimido." 'Deus colocou sobre Ele o julgamento que Ele merecia e conquistou.' "Designaram-lhe a sepultura com os perversos" - isto é, sem dúvida, o que teria acontecido, se José de Arimatéia não tivesse intervindo e implorado Seu corpo a Pilatos. Ele teria sido jogado na vala comum com os malfeitores.

Que descrição completa temos de Sua morte! "Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca" [vs 7]. Ele era como uma vítima dirigida para o massacre – palavra terrível, horrível! Massacre! "Ferido de Deus" – essa foi a interpretação da Cruz. "Do... juízo foi arrebatado" [vs 8]. O fato é que naquela época o juízo estava sendo exercido por Ele sobre Seus opressores: mas a opinião deles era: 'Ele foi devidamente privado de julgamento; todos os Seus privilégios e direitos foram eliminados, e merecidamente.' "Foi cortado da terra dos viventes" [vs. 8]: 'Deus o eliminou - Deus fez isso!' Este é o julgamento de Israel, o julgamento do homem. O julgamento do homem sobre as coisas Divinas, as Pessoas Divinas e as obras Divinas é baseado inteiramente na consideração objetiva, sem qualquer conhecimento da realidade interior.

Por que esses estranhos caminhos de Deus?

Ao juntar todas essas reações, nos encontramos diante dos caminhos profundos de Deus à medida que Ele se move em direção à revelação de Seu Braço. Quão profundos são os Seus caminhos! Quão misteriosos! Dífíceis de perscrutar! E, ah, que surpreendente quando você começa a reconhecê-los! Ao considerarmos esta interpretação e julgamento da mente humana e da mente deste mundo sobre Este que sabemos ser o Divino Filho de Deus, o Redentor dos homens, temos que reconhecer que estes são os caminhos profundos de Deus, quando Ele se move – com firmeza, determinação e resolutamente – em direção ao ponto de revelar Seu Braço. Não é tremendo que este seja o Seu caminho?

Temos duas questões aqui. Primeiro, por que esta reação universal do

mundo dos homens a este Servo de Jeová? Do nosso ponto de vista, como cristãos, é surpreendente que tais julgamentos e reações sejam possíveis universalmente por parte dos homens, mas sabemos que elas de fato ocorreram. Ademais, sabemos que essas reações ainda são um fato nos nossos dias. A mente deste mundo não vê nada desejável neste Crucificado.

Segundo - e esta pergunta talvez chegue ainda mais perto do cerne e da raiz de toda a questão: Por que este método deliberado de Deus, tornando esta reação inevitável por parte do homem? É uma coisa tão estranha. Parece que Deus se esforçou para produzir tal reação no homem. Por que Deus não deu Alguém "totalmente amável", que todos apreciariam; Alguém que se colocaria numa posição de aceitação universal à primeira vista? Por que Ele não O trouxe ao mundo em opulência, grandeza e glória? Por que Ele não foi no início embelezado com todos os sinais do Céu, para todos os homens verem? Por que Deus deliberadamente, ao que parece, adotou uma atitude que produziria reações desse tipo? Elas seriam inevitáveis. Desenhe esta imagem, como foi desenhada por Isaías: "seu aspecto...mui desfigurado, mais do que outro qualquer" - distorcido "mais do que as dos outros filhos dos homens", e todos os outros detalhes - e então levante-o e afirme: 'Esse é o seu Redentor!' Parece que Deus tomou deliberadamente uma atitude para perturbar e escandalizar.

E assim Ele fez! Mas por que?

Por causa do falso padrão de valores do homem

Estamos chegando muito perto do ponto central. O padrão de valores do homem é inteiramente falso, e Deus sabe disso. É totalmente falso – porque é o resultado do orgulho do homem. Não é o orgulho ofendido que afirma: 'Diga-nos que precisamos chegar a esse ponto! Que temos que aceitar isso para a nossa salvação! Que temos que condescender a esse nível! Não, nunca! É contrário à natureza humana!' Sim, é, porque a natureza humana tem um padrão de valores totalmente falso, produzido pelo orgulho do homem. Portanto, a ideia do Servo Sofredor é uma afronta ao orgulho humano, uma ofensa e um escândalo ao padrão humano. Por esta mesma razão, nem judeus nem gentios receberiam a pregação – o orgulho não permitiria isso. Nós cantamos:

'Quando examino a maravilhosa Cruz
derramo desprezo sobre todo o meu orgulho.'

Esse deveria ser o efeito da Cruz. Mas não. Sendo o homem o que é, seu orgulho não aceitará isso; e portanto 'Ele foi desprezado, rejeitado'; 'Ele não tem nenhuma beleza que nos agrade.'

A Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo representa o profundo enfraquecimento de toda falsa glória. Vai direto à raiz da auto-estima e da auto-importância do homem. Vai direto na raiz da vida que se baseia no prestígio e no valor do homem. Mesmo que, do ponto de vista e padrões deste mundo, um homem possa ser e ter alguma coisa; ainda que, por nascimento, ou por conquistas, por seu cérebro e inteligência, trabalho árduo e estudos, o homem possa adquirir alguma posição, glória, sucesso, prestígio: se basearmos nossa vida, diante de Deus, em qualquer dessas coisas, somos contados com aqueles que estão em absoluta contradição com o padrão Divino de valores.

O orgulho do homem esvaziado pela cruz

O fato é que, quando chegarmos à cruz, até as nossas glórias legítimas, tal como este mundo as considera, serão esvaziadas – simplesmente despejadas pelo ralo. Veja Saulo de Tarso – ele tinha algo em que se gloriar? Ele nos conta todas as suas vantagens pela ancestralidade, nascimento, educação e formação, suas conquistas e sucesso. Ele havia subido até o topo da escada. O que ele concluiu quando chegou diante da Cruz do Senhor Jesus? Ele chamou isso apenas de 'refugo'! Para ele, a vida não se baseava nisso de forma alguma. Ele sabia muito bem que isso estava fora da esfera divina como base de qualquer posição diante de Deus. E se estamos entrando na 'comunhão do Filho de Deus' - o Servo de Deus - em coração, espírito e verdade, é isso que vai acontecer com nossos valores naturais. Estamos destinados a chegar a um lugar onde tudo o que temos como algo em que possamos nos gloriar - tenha isso adquirido antes, no ato do nascimento ou depois - se tornará em nada para nós. Veremos essas coisas com constantes ameaças à nossa vida espiritual, se não tomarmos muito cuidado.

Estou falando, é claro, sobre basear nossa vida diante de Deus nessas coisas. Não estou dizendo que não existam valores nelas; mas se começarmos a trazê-los à presença de Deus, e avaliar as coisas tomando elas como base, dando a elas muita importância, fica claro, não é, na companhia de quem nos encontramos? Não levamos Deus em consideração; Deus desacreditou todo o orgulho humano. Na Cruz do Senhor Jesus, Ele destruiu totalmente toda a glória do homem. A imagem aqui pintada do Servo Sofredor de Jeová, com toda a agonia, distorção, tudo o que é tão terrível, é um retrato do que o pecado faz - o que o orgulho faz - aos olhos de Deus. É assim que Deus vê o homem. Essas pessoas que não aceitaram o relato, por orgulho, são aqui retratadas como estão aos olhos de Deus, na pessoa daquele Homem pendurado na Cruz. Ele levou nossos pecados, nossas iniquidades, nossas transgressões; tudo o que somos foi colocado sobre Ele. É assim que somos aos olhos de Deus. Ele não foi levado a essa posição porque isso era verdade a Seu respeito, mas porque era verdade em relação a nós; esse é todo o argumento do capítulo.

Mas não é apenas uma vida baseada em coisas aparentemente legítimas e verdadeiras, em méritos e valores herdados ou adquiridos, que não tem posição diante de Deus, mas a vida baseada na importância assumida. Isto pode ser mais sutil, e é certamente mais terrível: quando uma pessoa, que não tem direitos naturais de ser alguma coisa, começa a assumir que é alguma coisa, demonstrando sua auto-importância, tomando uma posição, pavoneando-se na própria casa de Deus. Quão contrário ao espírito deste Servo do Senhor! “Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça.” (Isaías 42:2). Não há nada nEle que seja assertivo, alto, barulhento. Mas as pessoas podem assumir posições, até mesmo na própria casa de Deus, tornando-se barulhentas e assertivas, chamando a atenção para si mesmas. Isso é algo que é muito horrível para Deus.

O salmista diz: “Eis que te comprazes na verdade no íntimo” (Salmo 51:6). O que é verdade a nosso respeito, afinal? O que é verdade sobre você, o que é verdade sobre mim, diante de Deus? Pois é diante de Deus que as coisas são pesadas corretamente (1Sm 2:3). O Apóstolo disse: “O amor... não se

ensoberbece” (1 Coríntios 13:4). Que frase, ‘ensoberbecer’; - ficar cheio de ar e nada mais! O amor não é “inchado”; o homem não pode inflar na presença de Deus. Quando chegamos à presença de Deus, somos lançados no pó. Sempre foi assim – “Quando eu O vi, caí com o rosto em terra” (Ezequiel 1:28; Daniel 8:17; Apocalipse 1:17).

Assim, vemos o contraste do padrão de valores do homem e o de Deus. Que diferença! Este Servo desfigurado é a maneira de Deus nos mostrar o que somos aos Seus olhos. Há algo muito profundo nos caminhos de Deus. O homem sempre, desde o dia da Queda, procurou chamar a atenção para si mesmo, ser algo em si mesmo, ter glória para si mesmo; e no centro de tudo estava o orgulho. Isso tirou Satanás de sua posição elevada e tirou o homem da posição endereçada a ele. Deus repudiou tudo isso na Cruz do Senhor Jesus. “A quem foi revelado o braço do Senhor?” Não é revelado para ninguém que tenha algo disso. Aqui estão seus princípios de compromisso Divino. “o homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito.” (Isaías 66:2). “Os soberbos, ele os conhece de longe” (Salmo 138:6). “Abominável é ao SENHOR todo arrogante de coração” (Provérbios 16:5).

Por um lado, portanto, a Cruz do Senhor Jesus destrói todo o nosso orgulho e senso de auto-importância baseados num falso padrão de valores. Mas, por outro lado, a Cruz é a revelação daquilo que é o padrão de valores de Deus. Qual é o padrão dEle?

O padrão de valores de Deus

A Carta de Paulo aos Filipenses é a grande carta da Cruz, não é? O segundo capítulo dessa carta é o complemento mais perfeito de Isaías 53. Ouça como começa esta parte da carta:

“Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tendes o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo.”.

Que desafio! Isso não minaria todas as nossas críticas, mesmo aquelas que consideramos tão necessárias? Esse irmão, essa irmã, pode ter alguns defeitos muito evidentes - mas, só Deus sabe, os meus são muito piores!

"Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros. Tende em vós a mesma mente" [Filipenses 2:4,5a - KJV fiel] - observe com que frequência esta palavra 'mente' ocorre - "Tende em vós a mesma mente que houve também em Cristo Jesus: que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus., Mas fez-se sem reputação, tomando sobre si a forma de um servo, fazendo-se semelhante aos homens. E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz". [Filipenses 2:5-8 - KJV fiel]

Este é o complemento, como disse, de Isaías 53. O que se segue imediatamente é o complemento do final de Isaías 52 ("Meu servo... será exaltado"):

"Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome..."

Qual é a base para a manifestação do Braço do Senhor? A quem...? A estes, a estes, descritos ou endereçados neste segundo capítulo da carta aos Filipenses. Ao chegar no terceiro capítulo, encontramos uma lista das coisas nas quais o homem se gloria e leva em conta, sobre as quais o homem constrói, exemplificadas na vida passada de Paulo. Mas Deus naquela época não olhou para Paulo dessa forma para aprovação e bênção; Ele não disse: 'Ficarei ao lado desse homem'. Ele primeiro encontrou Paulo e o lançou no pó, quebrou-o e despedaçou-o; e então, depois disso, o Senhor o levantou. O princípio é tão claro. O principal mal para Deus é o orgulho! A principal virtude é a mansidão! Portanto, isto é apenas uma confirmação do que temos neste grande capítulo de Isaías. A quem será revelado o Braço do Senhor? Para Este, e para aqueles como Ele - para aqueles que têm 'a mente que havia em Cristo Jesus'.

Mas não ficamos cada vez mais surpresos quando pensamos neste Servo

do Senhor - sabendo de antemão, como Ele sabia, tudo o que iria experimentar e sofrer, e o que isso significaria - e ainda assim permanecendo disposto a aceitar tudo isso? claro, para nos redimir do nosso orgulho - da iniquidade do nosso orgulho? A raiz da palavra 'iniquidade' em hebraico significa 'perversidade'. Foi para nos libertar daquela perversidade - na verdade uma aliança interior com Satanás, no orgulho de seu coração - que o Servo do Senhor desceu às profundezas da degradação! Isto nos dá uma estimativa verdadeira do orgulho: vemos o que é o orgulho diante dos olhos de Deus, bem como o padrão de valores totalmente falso do homem. E certamente se abre diante dos nossos olhos o valor infinito do abnegação, de "não ter confiança na carne" (Filipenses 3:3), do "espírito manso e tranquilo, que tem grande valor diante de Deus" (1 Pedro 3:4).

Então, se quisermos o Braço do Senhor por nós, e não contra nós; se desejarmos o seu fortalecimento, apoio e poder nas nossas vidas, congregações, assembleias e no nosso serviço - esta é a base. Nada que seja contraditório com isso fará com que o Braço seja levantado em nosso nome. Ele nos deixará chafurdar na lama que criamos, até que, na cruz, estejamos preparados para "derramar desprezo sobre todo o nosso orgulho" e descobrir o que significa estar "morto para todo o mundo" - mais particularmente o mundo dos nossos próprios corações. A Carta de Paulo aos Filipenses é a grande carta da Cruz, não é? O segundo capítulo dessa carta é o complemento mais perfeito de Isaías 53. Ouça como começa esta parte da carta:

"Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo."

Que desafio! Isso não minaria todas as nossas críticas, mesmo aquelas que consideramos tão necessárias? Esse irmão, essa irmã, pode ter alguns defeitos muito evidentes - mas, só Deus sabe, os meus são muito piores!

"Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que

é dos outros. Tende em vós a mesma mente” [Filipenses 2:4,5a - KJV fiel] - observe com que frequência esta palavra 'mente' ocorre - “Tende em vós a mesma mente que houve também em Cristo Jesus: que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus., Mas fez-se sem reputação, tomando sobre si a forma de um servo, fazendo-se semelhante aos homens. E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz”. [Filipenses 2:5-8 - KJV fiel]

Este é o complemento, como disse, de Isaías 53. O que se segue imediatamente é o complemento do final de Isaías 52 (“Meu servo... será exaltado”):

“Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome...”

Qual é a base para a manifestação do Braço do Senhor? A quem...? A estes, a estes, descritos ou endereçados neste segundo capítulo da carta aos Filipenses. Ao chegar no terceiro capítulo, encontramos uma lista das coisas nas quais o homem se gloria e leva em conta, sobre as quais o homem constrói, exemplificadas na vida passada de Paulo. Mas Deus naquela época não olhou para Paulo dessa forma para aprovação e bênção; Ele não disse: ‘Ficarei ao lado desse homem’. Ele primeiro encontrou Paulo e o lançou no pó, quebrou-o e despedaçou-o; e então, depois disso, o Senhor o levantou. O princípio é tão claro. *O principal mal para Deus é o orgulho! A principal virtude é a mansidão!* Portanto, isto é apenas uma confirmação do que temos neste grande capítulo de Isaías. A quem será revelado o Braço do Senhor? Para Este, e para aqueles como Ele - para aqueles que têm 'a mente que havia em Cristo Jesus'.

Mas não ficamos cada vez mais surpresos quando pensamos neste Servo do Senhor - sabendo de antemão, como Ele sabia, tudo o que iria experimentar e sofrer, e o que isso significaria - e ainda assim permanecendo disposto a aceitar tudo isso? claro, para nos redimir do nosso orgulho – da *iniquidade* do nosso orgulho? A raiz da palavra 'iniquidade' em hebraico significa 'perversidade'. Foi para nos libertar daquela perversidade - na verdade uma aliança interior com Satanás, no orgulho de seu coração - que o Servo do Senhor desceu às profundezas da degradação! Isto nos dá uma estimativa verdadeira do orgulho: vemos o que é o orgulho diante dos olhos de Deus,

bem como o padrão de valores totalmente falso do homem. E certamente se abre diante dos nossos olhos o valor infinito do abnegação, de “não ter confiança na carne” (Fp 3:3), do “espírito manso e tranquilo, que tem grande valor diante de Deus” (1 Pedro 3:4).

Então, se quisermos o Braço do Senhor *por* nós, e não contra nós; se desejarmos o seu fortalecimento, apoio e poder nas nossas vidas, congregações, assembleias e no nosso serviço - esta é a base. Nada que seja contraditório com isso fará com que o Braço seja levantado em nosso nome. Ele nos deixará chafurdar na lama que criamos, até que, na cruz, estejamos preparados para “derramar desprezo sobre todo o nosso orgulho” e descobrir o que significa estar “morto para todo o mundo” - mais particularmente o mundo dos nossos próprios corações.

Capítulo 4 - A Cruz

A maioria de nós, como povo do Senhor, provavelmente concordaria que atualmente existe uma grande necessidade de que o Senhor demonstre Seu poder. Essa poderia ser nossa confissão pessoal: cada um de nós diria: 'Há uma grande necessidade do Senhor fazer algo em minha vida - fazer algo novo, poderoso em mim, e talvez em meu ministério.' Além disso, muitos de nós confessaríamos que tal necessidade prevalece no círculo de crentes com os quais estamos relacionados – uma necessidade de que o Senhor se mova em poder de uma maneira nova. Mas não poderíamos ampliar isso ao máximo e dizer que há uma necessidade muito grande de que o Senhor faça algo poderoso em toda a Igreja e em todo o mundo?

A quem, então, o Braço do Senhor é revelado desta forma? Antes de prosseguir com esse assunto, deixe-me apresentar uma situação hipotética.

Uma situação imaginária

Suponhamos que uma doença muito complicada e grave tenha afligido um paciente - imaginemos que esse paciente somos nós mesmos, ou a Igreja, ou o mundo - e um médico seja consultado. Após consideração séria e cuidadosa, com alguma experiência considerável e conhecimento, e não pouca autoridade, o médico chega a uma conclusão sobre o problema e diz que sabe qual o remédio. Ele não tem nenhuma dúvida a esse respeito. Mas certos fatores impõe dificuldades consideráveis no seu desejo de ajudar.

Em primeiro lugar, ele tem de explicar que o seu remédio não será agradável – na verdade, será doloroso; irá contra toda a predisposição do paciente; e exigirá verdadeira cooperação e persistência, talvez durante um período prolongado, exigindo muita paciência e fé. Então, ele encara outro desafio. O paciente já ouviu falar do remédio antes, talvez muitas vezes, e sua reação é: 'Já ouvi falar muito sobre essa cura; tem-se falado muito sobre isso. Acho que você está muito limitado a só esse caminho, que não vê nada além disso;

talvez seja até um excêntrico. Não tem como variar um pouco? Não tem como introduzir alguma outra coisa um pouco mais palatável? Devemos estar vinculados a este único caminho?' Outra objeção é: 'Sabe, isso não é muito popular. A opinião pública tem muitas críticas a este respeito; temos muitas opiniões diferentes sobre o assunto.

Estas são coisas com as quais ele é confrontado. O que ele deveria fazer? Deveria ceder a estes fatores que vem para dissuadi-Lo e abandonar o caso, ou deveria prosseguir com o trabalho? Vejamos a questão de outro ângulo – do ponto de vista do paciente. Qual deve ser a atitude lógica do paciente neste assunto? Não deveria ser - 'Bom, a situação é grave, não há dúvida disso, e é muito complicada. Quais são as alternativas? Conheço alguma alternativa? Existem perspectivas, caminhos e meios em outras direções? Não deveria eu ser justo e honesto e submeter isto a um teste completo? Será que sinto suficientemente a gravidade da minha condição para me fazer afastar toda a opinião pública, os sentimentos e reações pessoais, gostos e desgostos, e realmente me dedicar a este assunto?'

Essa é exatamente a posição em que estamos. A grande necessidade na vida espiritual do povo de Deus é amplamente reconhecida. E, no entanto, circulam todos estes argumentos: que se fala tanto sobre esta questão em particular – já ouvimos isso repetidas vezes; que a opinião pública está tão dividida sobre este assunto; e que isso é algo que vai totalmente contra a nossa natureza. Mas o cerne da questão não reside, em primeiro lugar, em saber se percebemos que a situação é suficientemente grave para justificar que deixemos de lado todas as considerações secundárias e realmente dêmos ao remédio uma oportunidade e um teste completos; e, em segundo lugar, se temos alternativas - se há perspectivas de que tudo isto seja melhorado num sentido diferente deste?

O único remédio

Claro, você deve estar dizendo: Qual é a linha? qual é o remédio? do que você está falando? Talvez você já tenha tirado sua conclusão. O remédio, o único remédio, mas o remédio seguro, para todas as nossas doenças espirituais, é a Cruz – a Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. Não é agradável à nossa carne,

vai contra todos os nossos gostos e predisposições; não é popular; A opinião cristã está muito dividida sobre esta questão da obra da Cruz. E assim por diante... Mas, afinal, ficamos com a nossa condição; com a nossa necessidade; na nossa situação; e quer você perceba ou não, a situação no cristianismo, entre os cristãos, é muito crítica.

Tomemos, por exemplo, toda a questão das divisões entre o povo do Senhor. É uma praga; é uma coisa má; é o funcionamento de uma doença profunda; está minando a constituição de toda a Igreja de Deus. Assim poderíamos contornar a necessidade, encarando-a sob vários pontos de vista; e deveríamos constatar que, sem exagero, a situação é grave.

A Palavra de Deus nos oferece este remédio. Está completa e minuciosamente documentado; tem a autoridade muito bem estabelecida por trás dele. Repetidas vezes, tanto na vida individual como na vida coletiva, provou ser a resposta. A Palavra de Deus não nos oferece nenhuma alternativa, nenhuma perspectiva em qualquer outra direção. A Cruz é a resposta.

Vejam novamente por um momento as profecias de Isaías. Esta seção que estivemos considerando, do versículo 13 do capítulo 52 até o final do capítulo 53, mostra que a Cruz é o remédio para uma situação multifacetada e muito complicada neste mundo. Vemos aqui todas as coisas que compõem a situação. Pecado! pecado! "Ele levou o pecado de muitos" – a palavra ali é 'erro', 'fracasso'. Transgressões! - palavra ainda mais forte, que significa 'rebeliões' - "Ele foi ferido pelas nossas transgressões". Iniquidade! - que significa 'nossa perversidade' - "O Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos." Erros e falhas e rebeliões e perversidades – estes são o começo da doença. Enfermidades, tristezas - para que você possa preencher cada vez mais detalhes do caso a partir das palavras deste capítulo; e quando você junta tudo, você afirma: 'Esse paciente está em um estado deplorável; essa é realmente uma situação séria!' E o capítulo como um todo tem apenas um objetivo: mostrar que a Cruz do Senhor Jesus é o remédio para tudo, a resposta para tudo. Tudo é tratado e esclarecido pela Cruz.

A Exaltação e Vindicação de Cristo

Mas aqui devemos recuar por um momento para considerar duas coisas. Neste ponto é feita uma pergunta: “A quem foi manifestado o braço do Senhor?” e então o resto do capítulo é a resposta a essa pergunta. Esse Braço do Senhor é Deus entrando nesta situação, com habilidade, poder, sabedoria, para lidar com tudo isso e esclarecê-lo. E o capítulo diz que a Cruz é o Braço do Senhor, indo contra toda esta condição. O braço do Senhor está contra este estado de coisas. Essa é a primeira coisa.

Mas há algo mais. O braço do Senhor chega com uma nova condição, um propósito certo e claramente definido em vista, que é nada menos que a exaltação e vindicação de Jesus Cristo. Essa é o nosso segundo ponto. O Braço do Senhor é para isso, mas a Sua exaltação e vindicação demandam que a Cruz esclareça esta situação. É claro que isso inclui o Novo Testamento: foi porque a situação *foi* esclarecida no Calvário que Jesus foi exaltado e vindicado. Observe que a exaltação e vindicação de Cristo está no Seu poder e na Sua posteridade. Essas duas coisas resumem esta seção. Logo no início (52:13) temos: “O meu servo... será elevado e exaltado, e será mui sublime”. E então, no final da seção (53:10,11): “Ele verá a sua posteridade... Ele verá o fruto do penoso trabalho da sua alma...” Em poder: “elevado”; na Sua semente: “Sua posteridade” – em outras palavras, Sua Igreja.

Isso traz a questão muito mais perto de nós, porque o primeiro desafio de tudo isso está relacionado à nossa preocupação com a exaltação e vindicação de Cristo. Essa é a questão levantada aqui. Devemos nos fazer esta pergunta: 'Quanto estou realmente preocupado com a exaltação e vindicação do Senhor Jesus?' Se lhe fizessem esta pergunta numa conversa privada, não tenho dúvidas de que responderia: 'Estou muito preocupado com isso. Na verdade, não tenho desejo maior e não trabalho mais por outra coisa que seja a exaltação e vindicação de Cristo. Que propósito mais elevado temos para viver ou trabalhar do que este?' Você diria isso, tenho certeza. Mas será que percebemos que a prova da nossa preocupação, e aquilo que mede o grau de nosso interesse, é a nossa preparação para aceitar a Cruz? Não há outro caminho para a exaltação e vindicação do Senhor Jesus senão o caminho da Cruz. Provaremos se realmente estamos preocupados e, em caso afirmativo, o quanto estamos interessados nisso, pela medida em que estamos preparados para aceitar esta obra da Cruz em nós mesmos, esclarecendo toda situação que

desonra o Senhor.

A cruz é o único caminho para isso

É tão fácil falarmos ou pregarmos sobre a exaltação do Senhor Jesus. Sua entronização, Sua glorificação – é maravilhoso falar sobre essas coisas; e, claro, a Sua Igreja, a Igreja de Cristo, que é o Seu Corpo, também é uma grandiosa – a grande Obra-Prima de Deus. Sim, gostamos de conversar sobre isso. Mas o teste para saber se tudo isto tem influência sobre a nossa vida interior é o quanto deixaremos a Cruz trabalhar em nós: pois estas coisas tão grandiosas - Sua exaltação e Sua Igreja - não são possíveis de serem realizadas, exceto pela obra da Cruz nos crentes.

Este é um desafio que surge imediatamente e é muito investigativo. De qualquer forma, chegaremos a esse ponto, mais cedo ou mais tarde, à medida que prosseguirmos com o Senhor. Toda a nossa linguagem, nossas conversas e todas as nossas pretensões serão desafiadas por isso. O Senhor responderá: 'Sim - mas você está preparado para permitir que a Cruz trabalhe em você neste *assunto* específico, e *naquele* - *naquele relacionamento específico*, e nessa questão em *você*, e nessas *conexões*? Você está preparado para deixar a Cruz lidar com *essas coisas*?' A resposta a isso provará se, afinal de contas, temos preocupação pela exaltação e vindicação de Cristo. Nossa preocupação com isso será demonstrada em nossa avaliação e atitude em relação à Cruz.

Se, por outro lado, seguirmos a linha: 'Oh, ouvimos tanto sobre a Cruz; isso é uma obsessão' – se tomarmos uma atitude como essa, de alguma forma menosprezando a Cruz, ou tornando-a em algo menor do que Deus a fez; se a nossa atitude subestimar a importância da Cruz: então isso é prova de que ainda não fomos interiormente dominados por esta preocupação pela exaltação do Senhor Jesus.

Não esqueça que o próprio Senhor nunca teria sido exaltado, se não fosse pela Sua Cruz. Houve aquele poderoso "*Pelo que ...*" Por que? "...tornando-se obediente até a morte e morte de cruz. *Pelo que também* Deus o exaltou sobremaneira..." (Fp 2:8,9). Se não fosse pela Cruz, Ele nunca teria sido exaltado; e, em princípio, Ele nunca é exaltado, exceto na medida em que há

uma obra da Cruz em Seu povo. É tão claro, não é, que, se a Cruz não tratou das coisas em nós, o Senhor Jesus não pode ser glorificado em nossas vidas. E quanto à Sua Igreja - a Igreja nunca teria sido trazida à existência se não fosse pela Cruz, e, se não fosse pela Cruz, nunca poderia ter uma expressão no presente. O seu início, a sua continuidade, seu crescimento e sua consumação são sempre dirigidos por intermédio da lei da Cruz; e todo acréscimo ou aumento na Igreja, seja espiritual ou numericamente, acontece por intermédio da Cruz. Não há outro caminho. Portanto, esse é um teste e um desafio muito real para nós.

A cruz positiva, não negativa

Novamente desejo reforçar que o Espírito de Deus mostra que os caminhos e meios de Deus são sempre positivos e não negativos. Quero dizer isso com ênfase; vamos sublinhar isso em nossas mentes. Os caminhos de Deus são sempre construtivos e não destrutivos; eles não se limitam neles mesmos, mas têm um propósito maior por trás. Se o meio inclusivo e abrangente de Deus é a Cruz, entenda-se, de uma vez por todas, que através da Cruz Ele está trabalhando com uma finalidade – um grande objetivo. A Cruz nunca pretende terminar com destruição; nunca se pretende terminar com um negativo. Deus está trabalhando por algo grandioso e Ele usa a Cruz dessa maneira positiva.

Veja, a fraqueza em nossa compreensão da Cruz se deve em grande parte a uma *má* compreensão da Cruz. Nossa ideia da Cruz é que ela é destrutiva, negativa, mortal. Nós nos revoltamos contra ela; não queremos que falem sempre sobre esta morte de Cruz – morte, morte, morte. Na verdade, é possível pregar a cruz a ponto de trazer a morte; mas isso é uma pregação errada. Essa não é de forma alguma a interpretação de Deus da Cruz. Deixe-me repetir: o Espírito Santo mostra aqui muito claramente que os caminhos e meios de Deus são sempre positivos e não negativos; eles sempre têm em vista algo mais e não menos; não o nosso fim, mas uma maior plenitude.

Se pudéssemos realmente compreender isso, isso transfiguraria a Cruz diante de nós. Quando o Senhor nos confronta com esse desafio, o que fazemos? Nós nos revoltamos, recuamos – não gostamos dele! Por que? Simplesmente

porque não vimos que, nesta aplicação da Cruz, Deus está determinado a garantir algo mais nas nossas vidas – nas nossas comunidades, na Sua Igreja – algo mais do que existia antes. Essa é a lei de Deus. Deus não é um Deus negativo. Outros deuses são deuses negativos, mas o nosso Deus não é um deus negativo. Ele não está trabalhando para levar as coisas à aniquilação; Ele tem propósitos muito grandes diante de Si em todos os Seus caminhos e em todos os Seus meios.

O que realmente temos que ver é que, seja o que for na Cruz que possa ser negativo - e é claro que irá nos negar algumas coisas - ela é o instrumento mais positivo de Deus para assegurar valores espirituais, celestiais e eternos. A Cruz é o instrumento mais positivo de Deus para garantir a ampliação – e não a aniquilação – daquilo *que permanecerá para sempre*. Embora seja verdade que a Cruz, em primeiro lugar, representa o “Não” de Deus, e que não podemos ter o “Sim” de Deus – o Braço do Senhor – até que tenhamos aceitado o Seu “Não”, ainda assim, uma vez que estejamos dispostos vir e aceitar o 'Não' de Deus, então o caminho estará livre para chegarmos direto ao Seu 'Sim'. E, note bem, o Nome de Deus não é 'Não'! Seu Nome é 'Sim... e o Amém' (2 Coríntios 1:20) - Ele é "o Deus do Amém" (Is. 65:16 - “Deus da verdade” [verdade - hbr. amém אָמֵן]) - o Positivo, o 'Verdadeiro', o Deus de propósito.

Portanto, é absolutamente necessário que avancemos para esta base estabelecida, e que Deus sempre venha com o propósito de criar (ou de restaurar), para que haja edificação e crescimento. Se ao menos pudéssemos acreditar no Senhor - mesmo nos nossos momentos mais devastadores, quando tudo parece ter sido tirado de nós, e tudo nos é arrancado, e parece estar indo embora, e pensamos que podemos ver o fim se aproximando: se apenas pudéssemos acreditar que Deus está trabalhando - não para acabar com o que tem valor, mas para produzir um aumento! Esse deve ser o nosso terreno – que Ele está arando, Ele está cavando, e pretende fazer uma colheita; o Senhor deseja algo mais. Ele sabe por que está fazendo isso dessa maneira – nós não. Mas podemos ter certeza de uma coisa: Deus está trabalhando por intermédio da Cruz para tornar as coisas seguras para Ele mesmo.

A cruz torna as coisas seguras para o Senhor

Agora, suponhamos que o Braço do Senhor fosse revelado a nós; ou na localidade onde vivemos, no local onde servimos e estamos engajados, ou no grupo que estamos ligados; supondo que o Senhor manifestasse Seu braço poderoso, trazendo prosperidade, aumento: o que aconteceria? Talvez você não concorde com isso, porque sente que não seria verdade no seu caso; mas é exatamente aí que nossos corações são enganados. Posso lhe dizer o que aconteceria. Nós entraríamos em cena; começaríamos a nos pavonear no acontecido, agora as coisas estão crescendo, se ampliando, prosperando e se tornando algo digno de nota. Andaríamos por aí como pavões, com as caudas abertas; estaríamos metaforicamente, se não literalmente, usando um crachá com 'Superintendente', ou 'Gerente Geral', ou uma coisa dessa natureza, escrito em letras grandes! Começaríamos a falar sobre o assunto; e se as pessoas comessem a falar de nós, como isso nos deixaria satisfeitos!

Esse é o perigo infinito, e Deus não correrá o risco de permitir isso em algo que é inteiramente dEle. O Senhor deve tornar as coisas seguras para Si mesmo, de modo que, se Ele estender Seu braço poderoso e fizer algo, nós não começaremos a embolsar o crédito; seremos um povo escondido e coberto.

É impossível exagerar na importância disso. Esta não foi talvez uma das leis subjacentes mais profundas da revelação do Braço do Senhor ao longo de toda a história do Cristianismo? Por que ocorreu aquele crescimento e expansão, logo no início, que nunca teve paralelo ao longo dos séculos desde então? Porque a Igreja foi despojada, descascada e esvaziada, quebrada, espancada, machucada e perseguida, porque pregava Cristo crucificado como a sabedoria de Deus e o poder de Deus - e o mundo não aceitou. O Braço do Senhor foi revelado para isso. A Igreja não tentava evitar a ofensa da Cruz para encontrar um lugar neste mundo. Não, pregou a Cruz; não tinha vergonha de pregar Cristo crucificado. Custou tudo para eles - mas o Braço do Senhor foi revelado.

Que tremenda lição para nós!

Somos trazidos de volta a este capítulo em Isaías. Este capítulo, que é a quintessência do Novo Testamento e de todos os caminhos de Deus, mostra

que o Braço do Senhor é revelado àquele Servo humilhado, esvaziado, desprezado, quebrantado e crucificado. É uma lei permanente. Que não haja engano sobre isso – se tivermos um espírito assertivo, autoconfiante, “controlador” ou qualquer coisa do gênero, o Braço do Senhor não será revelado. Mas se descobrirmos que Ele está despojando, esvaziando e derramando, parecendo reduzir a nada, podemos ter certeza de que Ele está fazendo isso para tornar as coisas seguras para que Ele estenda Seu braço. Você acredita nisso? Digo mais uma vez – Ele é o Deus do positivo e não do negativo; Ele estenderá Seu braço se ao menos lhe for permitido completar, aperfeiçoar, aquela obra de minar tudo que roubaria Sua glória. Não sabemos o quanto existe desse tipo de coisa em nós, não é? Achamos que quase tocamos o fundo, chegamos ao fim; e não resta mais nada em nós. Mas o que aconteceria se toda a situação mudasse subitamente - tomasse o caminho ascendente e começasse se alargar? *Deveríamos* entrar em cena novamente - nossa carne inveterada começaria imediatamente a se afirmar! A Cruz é o grande instrumento de compensação; é o único caminho para a glória.

O Lugar Central da Cruz

Agora, quero que você observe que lugar maravilhoso este capítulo ocupa em Isaías. Você se lembrará da análise dessas profecias. Os primeiros trinta e cinco capítulos estão ocupados com uma ampla gama de julgamentos, começando, como sempre – note-se – com o povo de Deus. Esta é uma lei divina: como pode Ele julgar o mundo até que tenha julgado o seu próprio povo? Os capítulos 36 a 39 formam um breve interlúdio que trata de Ezequias; e então temos a seção final, os capítulos 40 a 66, que descrevem o processo de restauração e reconstrução. No meio da última seção, que tem vinte e seis capítulos, e está ocupada com a nova perspectiva, com restauração e reconstrução, vem este capítulo 53. Isso não é significativo? Dá à Cruz o lugar central na edificação, na restauração; e isso é sempre verdade, não é? Mas talvez você possa reagir e dizer: 'Isaías é uma história antiga - muito distante e aconteceu há muito tempo!' Gostaria, portanto, de colocar aqui um longo parêntese.

Toda esta sequência que acabamos de considerar é transportada diretamente para a dispensação em que vivemos. Temos isso trazido ou introduzido na

carta de Paulo aos Romanos; e (como veremos no próximo capítulo) é completada na primeira carta do mesmo apóstolo aos Coríntios. Você se lembra da carta aos Romanos. A primeira seção abre falando do alcance do julgamento Divino sobre toda a raça de Adão; é o 'Não' de Deus. Isso leva ao ponto focal do capítulo 6: a Cruz. Esse capítulo é colocado contra toda a situação anterior, declarando que a Cruz diz para sempre “Não” a tudo que foi falado. Mas quando passamos do capítulo 6 para capítulo 7, até o capítulo 8, descobrimos que estamos saindo daquela velha situação para uma nova, do negativo para o positivo. No capítulo 8 chegamos a uma perspectiva totalmente nova. “Agora, pois, já nenhuma condenação há...” [Rm 8:1]. Tudo o que foi condenado foi tratado na Cruz. Estamos “em Cristo Jesus”; e 'a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, nos libertou da lei do pecado e da morte' [conf Rm 8:2].

Esta nova e maravilhosa perspectiva entra em cena. O que isso significa? Deus, que sempre teve em vista a edificação da Sua maravilhosa e gloriosa Igreja, “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante”, olhou para a situação entre os homens, a fim de encontrar aquilo que serviria de fundamento para Sua edificação. Mas o que Ele encontrou? Ele encontrou a situação descrita nos primeiros capítulos da carta aos Romanos. A descrição nos mostra o pecado, a corrupção, os emaranhados, a complicação – uma imagem desesperadora da depravação humana. Foi isso que Ele encontrou quando veio estabelecer um alicerce para Sua gloriosa Igreja, e disse: 'Não posso lançar um alicerce sobre isso; Não posso fundar a Minha Igreja com base nisso. Devo limpar o terreno, limpar toda esta situação, queimá-la no fogo' - e foi isso que a Cruz fez. A Cruz, nos intensos fogos do julgamento, como o poderoso Altar de Bronze, lidou com aquele emaranhado retorcido e distorcido da natureza humana. Agora Deus tem Seu fundamento – Cristo crucificado. Agora Ele pode prosseguir na edificação de Sua Igreja.

Esta é a interpretação da Cruz. É o meio de Deus se livrar de tudo que torna impossível para Ele fazer o que Ele quer, realizar o que Ele tem em mente. Ele tem um propósito poderoso em vista, mas encontra as coisas no caminho e afirma: 'Essas coisas devem ser tratadas.'

Vamos, no entanto, ao encerrar este capítulo, voltar novamente à nota

positiva. Quando ouvirmos a frase “A Cruz”, guardemos as nossas mentes contra aquela revolta repentina – “Oh não, a Cruz de novo, mais uma vez a Cruz! Só morte, crucificação, tudo negativo!” Essa sugestão deve ser recusada resolutamente – é a distorção de Satanás dada ao instrumento mais maravilhoso de Deus para realizar o Seu propósito glorioso. Quando ouvimos 'A Cruz', digamos: 'Ah, isso significa uma nova perspectiva! Isso representa o abrir de um caminho; algo mais, não menos; isso significa que o Braço de Deus será manifestado!' Unamo-nos a Paulo ao dizer: “Longe esteja de mim gloriar-me, *senão* na cruz...” (Gl 6:14).

Capítulo 5 - Construindo sobre o Alicerce de Deus

Vimos que, com o capítulo 54 das profecias de Isaías, começa um movimento de Deus em direção à restauração e edificação. A Cruz abriu caminho para esta nova perspectiva. Do capítulo 54 em diante, uma série de notas brilhantes e cheias de esperança são tocadas. Por exemplo, no início do capítulo 60:

"Dispõe-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do SENHOR nasce sobre ti."

Tendo o caminho sido aberto, o terreno limpo e o fundamento lançado pela Cruz, o Senhor está atuando na questão da restauração, e edificação do Seu povo. Há uma nova perspectiva, esperança e mensagem de encorajamento. Mas, com isso, uma nova nota é atingida. Nestes últimos capítulos de Isaías, vemos luzes e sombras nesta nova perspectiva. O sol brilha: "vem a tua luz... a glória do Senhor nasce" - é como o sol nascendo num dia de início de verão; e então é como se uma nuvem pesada cobrisse a face do sol. Pode ser apenas passageiro, temporário, mas você se pergunta se toda a perspectiva irá mudar; se o tempo brilhante está passando, se esse é o fim.

É exatamente assim nós próximos capítulos de Isaías. O sol - a glória do Senhor - nasce; há uma perspectiva brilhante; mas então, aqui e ali, você encontra coisas mais sombrias, como o capítulo 58, começando:

"Clama a plenos pulmões, não te detenhas, ergue a voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão..."

De vez em quando aparecem estas nuvens escuras, que parecem passar por cima da face do sol, mesmo na presença desta nova perspectiva; e trazem ao coração um sentimento de incerteza. Esta 'manhã radiante' está se dissipando cedo demais? Estamos conscientes de sentimentos contraditórios: ainda não nos sentimos seguros de que tudo irá prosseguir nesta nova perspectiva, e vai se desenrolar de acordo com a promessa que vislumbramos.

Do lado do Senhor, é claro, não há dúvida: o Senhor tem para Seu novo terreno e Ele se revela como Alguém que pretende ser positivo. *Ele* não tem duas mentes, nEle não há mudança nem sombra de variação. Tudo do lado do Senhor mostra que Ele é Alguém que está em busca de alguma coisa - um novo dia, uma nova situação. Sim: o Senhor é positivo.

Uma verificação do braço do Senhor

Mas parece que o Senhor precisa agir com cautela. Ele deseja agir imediatamente, sem reservas, mas... mas... parece haver algo que ainda está segurando Seu Braço; Ele não pode seguir adiante, como Ele indica que faria. O antigo terreno sofreu uma purificação ardente na Cruz; todo aquele restolho, emaranhado e rede de espinhos e sarças foram eliminado pelo fogo. Ele obteve Seu fundamento: mas... parece ainda haver uma dúvida. Não lemos esses capítulos sem sentir: 'Ainda não chegamos a uma conclusão; não estamos do outro lado; ainda não temos certeza de como isso vai se desenrolar'. O Senhor transmite certeza; Ele encoraja dizendo que, no que diz respeito a *Ele*, *não é necessário afastamento*; mas Ele está encontrando um impedimento.

Deixe-me colocar assim. O terreno foi limpo e os alicerces foram lançados; mas agora surge a pergunta: O que será construído sobre esse alicerce? E é justamente aí que entra a incerteza, não quanto ao fundamento, pois isso foi estabelecido na Cruz - mas quanto à superestrutura: o que será posto sobre o fundamento? O Senhor não tem certeza do que Seu povo colocará sobre o *Seu* alicerce.

No que diz respeito ao Antigo Testamento, a resposta mais imediata à questão da nova construção nesse novo terreno é encontrada no que chamamos de profetas pós-exílicos, os profetas de depois do Exílio – Zacarias, Ageu e Malaquias. Vemos nesses livros “que tipo de edificação” o povo fez sobre o novo alicerce. Mas se você levantar novamente a objeção de que isso é o “Antigo Testamento”, deixe-me lembrá-lo que mencionei no capítulo anterior que a contrapartida disso pode ser encontrada no Novo Testamento, em nossa própria dispensação. Vimos que Isaías 53 encontra seu paralelo na carta aos Romanos, onde a Cruz encontra todo o lixo, o mal e o emaranhado, lidando

com isso por intermédio de um julgamento ardente e limpa o terreno para uma nova perspectiva. Essa nova perspectiva é apresentada no capítulo 8 de Romanos. Deus agora tem Seu fundamento. Mas qual é a contrapartida dos próximos capítulos de Isaías?

A edificação correta e a edificação errada ilustradas em 1 Coríntios

A contrapartida – tão evidente quanto podemos ver – está na primeira carta de Paulo aos Coríntios. Escrevendo sobre a sua primeira chegada a Corinto, o Apóstolo disse: "Eu, irmãos, quando fui ter convosco... decidi" — a linguagem é: 'Deliberadamente decidi' "nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado." (1Co 2:1,2). O alicerce foi lançado: "lancei o fundamento como prudente construtor" (3:10), e o alicerce é Cristo crucificado. A Cruz, como Paulo tão claramente expõe na sua carta aos Romanos, proveu o fundamento; e esse fundamento foi lançado em Corinto. Mas continuando a leitura do verso, o coração quase para. Paulo afirma: "lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele". Ele mostra que é possível construir sobre ele, seja "madeira, feno, palha", ou "ouro, prata, pedras preciosas"; e que o trabalho de cada homem será testado pelo fogo, para descobrir sua natureza. Se a obra de alguém for queimada – o que acontece? Bem, "esse mesmo será salvo" – ele simplesmente entrará – "mas como que através do fogo"; ele terá perdido tudo.

Então surge esta grande questão: O que você vai estabelecer sobre a base, o fundamento da Cruz? Você vai trazer de volta coisas que são absolutamente contraditórias com a Cruz? Se sim, você vê o que acontece.

Nesta primeira carta aos Coríntios temos muita coisa sobre construção. Talvez seja um pouco lamentável que, em diversas passagens do Novo Testamento, e consistentemente ao longo das cartas aos Coríntios, as palavras originais para "construir" e "construção" tenham sido traduzidas por "edificar" e "edificação" - embora a Versão Revisada geralmente use a palavra 'construir' ou 'construir sobre' na margem, e o verbo composto, 'construir sobre', é geralmente - por exemplo, em 1 Coríntios 3:10-15 - traduzido conforme mencionei. Mas durante os 300 anos desde que nossa Versão Autorizada foi feita, palavra "edificar" perdeu um pouco de sua força, e o uso atual pode

tender a nos dar a idéia de adquirir conhecimento intelectual, o que, obviamente, não é absolutamente a ideia de Paulo. A raiz da palavra persiste, e Paulo está o tempo todo se referindo a uma *construção espiritual* – a construção do verdadeiro caráter espiritual.

Sugiro que você siga as nove ocasiões nesta primeira carta onde as palavras “edificar” ou “edificação” são usadas. Toda a questão dos dons espirituais, por exemplo, é resumida nesta única palavra: eles edificam? Se não o fizerem, não terão valor no propósito de Deus; eles podem ser descartados; não atingiram o objetivo - pois até mesmo os dons Divinos podem perder o foco se desviarem; teremos que tocar nisso novamente. É o lado espiritualmente construtivo das coisas que recebe tanta ênfase nesta primeira carta aos Coríntios. O fundamento – Cristo crucificado – está lançado. Agora vamos à construção!

O que Deus *não* permitirá sobre o seu fundamento

Quando chegamos à construção, uma verdadeira batalha tem início. A questão é: O que Deus permitirá *que* seja colocado sobre seu Seu fundamento? Pois através desta carta encontramos uma longa série de 'Não's - coisas às quais Deus diz: 'Não, não é *isso que* vai ser posto sobre o Meu fundamento, por favor; Não tenho lugar para isso. Você pode passar a vida inteira com isso, mas tudo virará fumaça. Não é adequado ao Meu fundamento; não está de acordo com a Cruz do Senhor Jesus.'

Agora, demoraria muito tempo para considerar todas as coisas nesta carta às quais Deus diz: 'Não'. Iremos apenas abordar dois ou três, como representativos dos demais. Ao lermos a carta, com isto em mente: Deus permitirá que algo assim seja colocado em Seu fundamento? - e ao vermos a resposta, certamente a nossa reação deve ser: Muito bem, deixemos a Cruz lidar com isso imediatamente. Não queremos que isso seja adiado até que seja tarde demais, e simplesmente subamos para o Céu, sem nada que possamos levar conosco do trabalho de uma vida - pois essa é a questão. Não queremos adiar ou recusar a operação da Cruz até que seja tarde demais para salvar a obra de nossa vida, para salvar o fruto de todas as nossas energias.

(1) Carnalidade

Começamos com o capítulo 3: *“Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnis, como a crianças em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnis: PORQUANTO”* - esta é a descrição da carnalidade - *“Porquanto, havendo entre vós CIÚMES ...”* Vamos pesar essa afirmação do apóstolo, mesmo que seja para o nosso próprio julgamento e condenação; pois é melhor que a Cruz entre em ação agora mesmo. 'Há ciúme entre vocês'? Deus diz 'Não' a isso: 'Não posso ter isso em Meu fundamento. Meu alicerce é a Cruz, e ela diz Não a isso.'

Paulo continua: *“Havendo entre vós ciúmes e contendas...”* Contendas! Devemos pensar bem sobre isso e enfrentá-lo honestamente. Pode parecer muito elementar, mas não estamos enfrentando o mundo, os não convertidos, aqui; estamos bem no meio da Igreja, entre os crentes. Estamos lidando com aqueles entre os quais o fundamento de Deus foi lançado; com aqueles que são *“chamados para serem santos”* (1Co 1:2); isto é, aqueles que são considerados por Deus como Seu próprio povo. Conflito? Deus diz 'Não' a isso em Seu fundamento. Isso é encontrado entre nós? Você sabe o que vai acontecer? Mais cedo ou mais tarde, ficará exposto como madeira, feno e restolho - esse é o seu valor - e virará fumaça.

“Não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?” Você não tem permissão para andar segundo a maneira dos homens no fundamento de Deus - simplesmente não tem permissão. Deus diz 'Não' à *“maneira dos homens”* em Seu fundamento. *“Quando, pois, alguém diz: eu sou de... e outro, eu sou de...”* Aqui devemos nós mesmos preencher os nomes apropriados: nomes que atualizados; nomes do nosso círculo, assembleia; do mundo cristão, ou religiosos históricos. 'Um diz, eu sou de... e outro, eu sou de...; e ainda outro, eu sou de...'. Todos eles expressam parcialidades e preferências humanas, gostos e desgostos que produzem divisões. Deus diz: 'Não, não no Meu fundamento; essa não é a Minha Igreja, nem o Meu edifício. Eu nunca construo com material assim, e você também não. Você pode ter um cenário maravilhoso – criado por você – com coisas desse tipo: mas tudo vai virar fumaça. Por mais que você pareça ter alguma coisa, no final não terá nada.'

(2) Sabedoria Mundana

Quanta coisa nesta seção inicial sobre “a sabedoria do mundo” (1:20) – a sabedoria do homem, a mente do homem sobre as coisas. Deus diz: 'Nada disso no Meu fundamento; não há lugar algum para a sua mente no Meu fundamento, só há lugar para a mente do Espírito'. Se não tivermos a mente do Espírito, não temos o direito de fazer nada com base em Deus. Não são estes os mesmos problemas que estão destruindo o Cristianismo nos nossos dias? Sim! E não pensemos no Cristianismo de uma forma imparcial e objetiva. Isso está muito ligado a nós. Estas mesmas coisas podem causar danos, mesmo entre nós: podemos estar trazendo uma mentalidade que não é do Espírito para o fundamento de Deus. É isso que significa: uma mentalidade. *“Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus”* (2:11). Temos duas mentalidades diferentes – a mente natural e a mente espiritual. Deus diz: 'Nada da mente ou mentalidade natural no Meu fundamento.'

Paulo isso aqui chamade “mundo” entrando e construindo algo sobre o fundamento de Deus; e Deus diz: 'Não há lugar para o mundo sob nenhuma forma no Meu fundamento.' Se olharmos atentamente, descobriremos que isto refela muito: os padrões, julgamentos ou valores do mundo - como o mundo pensa, como o mundo faz as coisas. Esses coríntios tentavam impressionar e, sobretudo, por meios naturais. A Cruz de Isaías 53 não é muito “impressionante”, julgada pelos padrões mundanos, não é? Não há nada nela que possa popularizar o Evangelho – pelo contrário, causa ofensa.

(3) Apelo Anímico

Você está tentando tornar a obra de Deus bem-sucedida apelando ao homem natural? Não defendo a feiúra ou a grosseria; acredito que Deus é um Deus de beleza. Mas se pensamos que vamos tornar a obra de Deus bem-sucedida ou aceitável através da exibição e do apelo à alma do homem – artística, esteticamente, e assim por diante – estamos no caminho errado. Deixe-me dizer de outra forma: a fonte de qualquer “apelo”, “impressão”, “captura”, e “arrebatamento”, deve residir *essencialmente* e *apenas* em valores espirituais, que são interiores, e não naquilo que cativa ou gratifica os sentidos naturais das pessoas. O Braço do Senhor não será revelado ao 'homem natural' ou ao

'mundo' de forma alguma para o seu benefício; apenas contra essas coisas.

À medida que avançamos nesta carta, descobrimos que a Cruz toca muitas outras coisas. Toca os nossos sentimentos – as nossas emoções e paixões naturais, há muito sobre isso aqui. E, tal como acontece com a nossa mentalidade, também ocorre com as nossas emoções, o Senhor diz: 'Nada disso no Meu fundamento, absolutamente nada.' Há tantas coisas aqui às quais a Cruz diz “não”, quanto à edificação. Convido você a olhar mais de perto; não é meu propósito fazer uma exposição da carta aos Coríntios. Quero tomar o lado positivo.

Temos um lado positivo nesta carta. O que é que Deus diz que *pode* ser colocado em Seu fundamento? Seria muito patético, não seria, se a carta fosse toda negativa, toda: Não, não! Jamais! Tome nota disso, porque você deve se lembrar que eu disse anteriormente que você nunca poderá chegar ao “Sim” de Deus até que tenha aceitado o “Não” de Deus. Mas existe um “Sim” muito poderoso nesta carta. O que é? Talvez pensemos que já o conhecemos. Bem, talvez conheçamos a letra; mas sugiro que não sabemos praticamente nada de uma delas.

Dons espirituais mal aplicados

Vejamos, então, o capítulo 13. Aqui o apóstolo descarta tudo o que não é espiritualmente construtivo. Pode ter sido algo dado por Deus, mas foi possuído pelo homem e usado para sua própria satisfação, gratificação, prazer e auto-glorificação. A mentalidade e a emoção do homem natural foram aplicadas às coisas divinas - dons espirituais, como línguas, e assim por diante - e roubaram-lhes o seu valor para edificação, tornando-as apenas ocasiões para exibição. Ele tem se gloriado nesses dons espirituais. O apóstolo aqui escreve tudo isso e diz que eles nunca foram dados com esse propósito; embora tenham sido concedidos por Deus, eles equivalem a “nada” – essa é a palavra que ele usa aqui – quando se trata de edificar. "Se eu... não tiver amor, nada serei." Paulo descarta essas coisas; mas observe que ele está o tempo todo buscando o positivo através do negativo.

"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o

bronze que soa ou como o címbalo que retine". [13:1] Foram liberados dons espirituais que não cumpriram seu propósito na edificação da Casa de Deus. Não nos apeguemos a nada que não sirva a esse propósito.

"Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes..." Isso é muito bíblico – foi isso que o Senhor Jesus disse: "se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará" (Mt 17:20). Isso é perfeitamente bíblico; e ainda assim você pode ser perfeitamente bíblico e ter uma fé como essas, e isso pode não representar nada. Se falhar na edificação da Casa de Deus, se não resultar nesta estrutura bíblica, torna-se negativo. *Abandone* todo conhecimento de mistérios, sabedoria secreta e fé que remove montanhas. 'Você vai pra fora se não edificar! Esse é o seu valor: nada!' "Se eu tiver toda fé... mas não tiver amor, nada serei". Com tudo isso, não sou nada!

"E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado..." Se eu for um filantropo, e for muito caridoso, até mesmo me sacrificar, em minhas doações; mesmo que eu seja um mártir e entregue meu corpo para ser queimado; tudo isso pode ser feito sem qualquer valor construtivo na edificação da Casa de Deus. Se eu fizer todas essas coisas, *"mas não tiver amor, nada disso me aproveitará"*.

Isso, então, é a exibição exterior dessas coisas – coisas maravilhosas em si mesmas – mas que falharam em servir o propósito para o qual foram concedidas, a saber, para "edificação espiritual".

O que Deus *permitirá* em seu alicerce: amor

Agora, vamos seguir para o positivo. Introduzamos aquilo a que Deus diz: Sim! Ele diz 'Não' a isso, e a isso, e a isso; mas agora, onde está o Seu 'Sim'? Aqui está - *amor!*

"O amor tudo sofre..." Houve alguns que, porque seus direitos foram feridos ou privados deles, arrastaram seus irmãos imediatamente diante dos magistrados. *"O amor é paciente, é benigno..."* Você pode colocar isso no alicerce;

é algo construtivo, não é? *“O amor não arde em ciúmes...”* Quando você trabalha silenciosamente, assim, dentro e através de cada parte, você não sente desejo de parar e dizer: 'Não diga mais nada - isso me confronta demais'? Mas devemos prosseguir, pois, afinal, é isso que Deus está pedindo.

“O amor não se ufana, não se ensoberbece...” Volte ao início do capítulo 8 e você lerá isto: *“O saber ensoberbece, mas o amor edifica”* [8:1]. Há uma grande diferença entre *“ensoberbecer”*, ou inchar [palavra usada na versão utilizada pelo autor] e *“construir”*. 'O amor não é arrogante': não há nada de falso, artificial, de faz-de-conta, de fingimento, no amor. As coisas falsas são como um balão de borracha: você pode enchê-las bastante, mas basta colocar tocar a ponta de uma agulha nelas e o que acontece? Já se foi. Paulo diz que não adianta colocar isso no fundamento de Deus.

“O amor... não se conduz inconvenientemente...” Comportamento impróprio: poderíamos gastar muito tempo nisso, não é? Isso é apropriado? isso convém a um cristão? isso convém ao Senhor Jesus? Cabe na santa Casa de Deus? é apropriado à Cruz do Senhor Jesus? O amor é apropriado; não se comporta de maneira imprópria. *“O amor... não procura os seus interesses”* – não quer as coisas do seu jeito, não trabalha para seus próprios fins; não atrai para si; *“não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba...”*

Você pode pensar que não estou dizendo muito, mas estou falando muita coisa. Gostaria de lhes dar essa passagem numa tradução que considero um clássico:

“Posso falar as línguas dos homens e dos anjos, mas se não tiver amor, serei um gongo barulhento ou um címbalo que retine; posso profetizar, sondar todos os mistérios e conhecimentos secretos, posso ter uma fé tão absoluta que posso mover colinas de seu lugar, mas se não tiver amor, não terei valor algum; posso distribuir tudo o que possuo em caridade, posso entregar meu corpo para ser queimado, mas se não tiver amor, não ganho nada com isso. O amor é muito paciente, muito gentil. O amor não conhece o ciúme; o amor não faz ostentação, não se mostra arrogante, nunca é rude, nunca é egoísta, nunca se irrita, nunca fica ressentido; o amor nunca fica feliz quando os outros erram, o amor se alegra com a bondade, é sempre lento para expor, sempre

ansioso para acreditar no melhor, sempre esperançoso, sempre paciente. O amor nunca desaparece.”

Você pode colocar isso no fundamento, pois Deus diz *sim* a tudo isso. A quem foi revelado o Braço do Senhor? Para isso; só para isso.

Há uma necessidade muito premente de que enfrentemos esta questão do que a Cruz deixa de lado e do que a Cruz traz consigo; o que pode ser colocado no fundamento de Deus e o que não pode. Preocupa-nos muito seriamente com o que restará no final: não com o que existe agora, por mais vistoso e popular que pareça, e por mais que desfrute da aprovação e do aplauso do homem. Deus está se movendo para construir: Ele mostra o que não pode e não quer usar em Sua construção, e então diz: *‘Isto é o que usarei; este é o material para a construção da Minha Igreja. Isto é o que realmente constrói: “O amor edifica”.*

Que o Senhor golpeie nossos corações, se necessário, para nos esclarecer sobre quais são os verdadeiros valores. Nem mesmo os dons espirituais são os valores reais, *a menos que* o efeito deles seja um verdadeiro aumento espiritual entre os crentes. Esse é o teste. Não são as coisas em si, nem a sua presença, nem mesmo o fato de o Senhor as ter dado. O teste de cada dom é: Será que ele realmente edifica a Igreja? isso realmente constrói a Casa? está realmente resultando em uma medida maior de Cristo?

Pois essas coisas podem ser uma obstrução para Cristo. Esta carta aos Coríntios deixa bem claro que a posse de dons espirituais não é garantia de maturidade espiritual. Aqui você tem a mais imatura das igrejas - Paulo diz: *‘Leite vos dei a beber; e vocês ainda são bebês - apesar de caracterizados por todos esses dons. Não é que os dons estejam errados, mas que foram desviados; eles não serviram ao propósito para o qual foram concedidos – isto é, levar à plena medida de Cristo. Esse é o objetivo, e esse objetivo só é alcançado pelo amor.*

Que o Senhor nos dê esse tipo de amor! Isto não é amor natural; este amor brota da Cruz. É o amor que surge da obra da Cruz *dentro de nós*. Não podemos consegui-lo lutando por isso; mas, à medida que a Cruz realiza a sua

obra nos nossos corações e nas nossas naturezas, ela surgirá e crescerá. O Senhor aumente o nosso amor!

Capítulo 6 - Ressurreição

Quando chegamos ao capítulo 54 das profecias de Isaías, temos o que podemos chamar de um exemplo de capítulo de ressurreição – vemos as condições que o Senhor demanda para caracterizar como Seu “Novo Dia”. Encontramos neste capítulo oito características do Novo Dia. Oito, como sabemos, é o número da ressurreição. Vamos dar uma olhada breve no capítulo e observar esses pontos em ordem.

(1) No versículo 1, vemos o movimento da esterilidade para a fecundidade. *“Canta alegremente, ó estéril, que não deste à luz; exulta com alegre canto e exclama, tu que não tiveste dores de parto; porque mais são os filhos da mulher solitária do que os filhos da casada, diz o SENHOR.”*

(2) Versículos 2 e 3: da estreiteza ao alargamento. *“Alarga o espaço da tua tenda; estenda-se o toldo da tua habitação, e não o impeças; alonga as tuas cordas e firma bem as tuas estacas. Porque transbordarás para a direita e para a esquerda; a tua posteridade possuirá as nações e fará que se povoem as cidades assoladas.”* Quão verdade isso foi em relação à ressurreição do Senhor Jesus!

(3) Versículos 4 e 5: da vergonha à honra. *“Não temas, porque não serás envergonhada; não te envergonhes, porque não sofrerás humilhação; pois te esquecerás da vergonha da tua mocidade...”;* e assim por diante.

(4) Versículos 6 e 7: do abandono à comunhão. *“Porque o SENHOR te chamou como a mulher desamparada e de espírito abatido; como a mulher da mocidade, que fora repudiada, diz o teu Deus. Por breve momento te deixei, mas com grandes misericórdias torno a acolher-te.”*

(5) Versículos 8 a 10: da ira à misericórdia. *“Num ímpeto de indignação, escondi de ti a minha face por um momento; mas com misericórdia eterna me compadeço de ti, diz o SENHOR, o teu Redentor.”* Ao para trás, para a Cruz, percebemos como todas essas coisas foram verdadeiras; mas agora estamos no terreno da

ressurreição, e elas passaram. É uma mudança poderosa e maravilhosa.

(6) Versículos 11 e 12: da aflição e da desolação, ao conforto e à glória. *"Ó tu, aflita, arrojada com a tormenta e desconsolada! Eis que eu assentarei as tuas pedras com argamassa colorida e te fundarei sobre safiras. Farei os teus baluartes de rubis, as tuas portas, de carbúnculos e toda a tua muralha, de pedras preciosas."*

(7) Versículos 14 e 15: da opressão à segurança. *"Serás estabelecida em justiça, longe da opressão, porque já não temerás, e também do espanto, porque não chegará a ti. Eis que poderão suscitar contendias, mas não procederá de mim; quem conspira contra ti cairá diante de ti."*

(8) Versículos 16 e 17: da reprovação à vindicação. *"Eis que eu criei o ferreiro, que assopra as brasas no fogo e que produz a arma para o seu devido fim; também criei o assolador, para destruir. Toda arma forjada contra ti não prosperará; toda língua que ousar contra ti em juízo, tu a condenarás; esta é a herança dos servos do SENHOR e o seu direito que de mim procede, diz o SENHOR."*

Este não é um exemplo maravilhoso da vida, poder e a glória da ressurreição? Como fizemos anteriormente, também transportamos tudo isso da história do Antigo Testamento para o Novo Testamento, para a dispensação em que vivemos – o Dia da Ressurreição. Quão verdadeiro tudo isso foi – e ainda é – com relação ao Senhor Jesus, em primeiro lugar. Temos o lado negativo - aquele estreitamento que Ele se referiu: "Quanto me angustio até que o mesmo se realize!" (Lc 12:50). Vemos o despojamento, a esterilidade e a desolação da Cruz; a vergonha e a ignomínia; o abandono, mesmo de Seu próprio Pai e Deus – a ira de Deus repousou sobre Ele; o Senhor Jesus sofreu aflição, opressão e reprovação. Todas essas coisas de fato aconteceram, como vimos no capítulo 53. Mas agora todo o cenário mudou. Que fecundidade tomou o lugar da esterilidade! Sim, o "grão de trigo, caindo na terra e morrendo", realmente deu muitos frutos – frutos em muitas nações. Que grande alegria é para nós saber, e em muitos casos conhecer pessoalmente, um pouco da fecundidade dos Seus sofrimentos, na 'Sua posteridade'. Da esterilidade para a fecundidade; saindo de Seu aperto, que o fez se angustiar, para o grande alargamento que Ele experimenta hoje - e que alargamento! - da vergonha para a honra: multidões e multidões desde então. Temos multidões

hoje, em todo o mundo, que estão apenas acumulando honra sobre Ele. E assim poderíamos continuar indefinidamente.

Entretanto também podemos ver como isso também se tornou verdade com relação aquele pequeno grupo de discípulos. Pode-se dizer que, no tempo da Cruz, essas coisas negativas e sombrias eram, em certo sentido, verdadeiras para eles. Sim, tudo se foi, as árvores ficaram nuas; foi uma verdadeira esterilidade. Em seus corações eles diziam: 'De que serviu tudo isso? Tudo se foi; perdemos tudo. Mas veja a mudança a partir do Dia de Pentecostes. Da esterilidade à fecundidade - novamente vemos esta lista de características - da estreiteza, como um pequeno bando, um punhado de homens, cercado a poucos quilômetros de Jerusalém, da Judéia, da Palestina, um pequeno país - até o quê? "O seu som", disse Paulo, "saiu por toda a terra,... até aos confins do mundo" (Rm 10:18). Que ampliação! foi o alongamento dos cordões, o fortalecimento das estacas na ressurreição [conf Is 54:2]. A solidão deles - a terrível solidão que se apoderou deles quando eles pensavam que o Senhor estava morto - deu lugar a uma comunhão maravilhosa, que está sendo estabelecida no relacionamento com um grupo sempre crescente de irmãos na fé. Todas estas coisas aconteceram: esta mudança maravilhosa foi verdadeira para os discípulos.

Mas isso para por aí? Não! A mesma coisa aconteceu com cada novo crente; e tem sido verdade desde então até agora. Estas são as características da vida do verdadeiro crente – a vida *de um crente!* Se você está vivendo do outro lado da cruz, ou mesmo se está vivendo no dia da Sua morte, apenas vivendo com Cristo morto, essas coisas não são verdadeiras para você. Mas se estamos vivendo, como os verdadeiros crentes deveriam viver, no terreno da Sua ressurreição, então todas essas coisas são reais para você. É uma bênção podermos dizer, sem qualquer hesitação ou reserva, que Ele mudou a nossa vida da esterilidade para a fecundidade; do estreitamento ao alargamento; da vergonha à honra; do abandono e da solidão à comunhão; e assim por diante. Esta é a herança de todo verdadeiro crente.

Efeitos Imediatos da Ressurreição de Cristo

Na ressurreição do Senhor Jesus, esta nota maravilhosa é tocada e soada –

uma nova vida, uma nova esperança, uma nova segurança! Vemos isso claramente no Novo Testamento. É digno de nota o efeito maravilhoso que as aparições do Senhor tiveram sobre as pessoas envolvidas. Até onde podemos ver, houve cerca de dez aparições do Senhor após Sua ressurreição. Cinco delas ocorreram num dia, entre o nascer do sol e talvez um pouco depois do pôr do sol; as outras cinco foram espalhados ao longo de um período de tempo, em diferentes locais. Mas é muito impressionante e instrutivo, ver a tremenda mudança que ocorreu nas pessoas e em toda a situação, entre o momento antes de Ele aparecer e o momento em que Ele desapareceu. Vamos observar algumas dessas aparições.

A primeira, sem dúvida, foi com Maria Madalena, que chegou cedo ao túmulo, com especiarias, para ungir Seu corpo (Mc 16:9; Jo 20:1-18). Que pessoa pobre, triste, desolada e vazia ela era naquela manhã! Que nota melancólica é ouvida quando ela contempla o Senhor, mas não o reconhece, confundindo-O com o jardineiro: 'Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste' [Jo 20:15]. Jesus, tão perto, pronuncia o seu nome – “Maria” – e toda a situação é transformada, transfigurada! Ela sai correndo do túmulo para contar aos discípulos. Parece, também, que havia outras mulheres por perto, e que, enquanto elas iam, Maria e essas mulheres, para contar aos discípulos, Jesus as encontrou no caminho - outra cena e experiência transformadora (Mt 28:8-10; Mc 16:10,11).

E então, somos informados de que o Senhor apareceu a Simão Pedro (Lc 24:34; 1Co 15:5). Não é preciso muita imaginação para imaginar como Simão estava quando Jesus lhe apareceu. Ele não devia ser um homem muito feliz! Se alguma vez houve um homem que se sentiu despojado - despojado de tudo, arrasado, sozinho, abandonado e em total desespero - deve ter sido Simão Pedro. E então Jesus apareceu para ele – concedendo-lhe um encontro particular! Ah! isso mudou toda a situação, transformou completamente toda a perspectiva de Simão.

A seguir temos os dois discípulos a caminho de Emaús (Lc 24:13-35; Mc 16:12,13). Que homens tristes, desanimados e desolados eles eram! Enquanto caminhavam esses cinco quilômetros, esses devem ter parecido os cinco quilômetros mais longos que dois homens já haviam caminhado na vida! Mas

então Jesus aparece... Seus olhos foram abertos, eles viram... Ele se foi... e aqueles cinco quilômetros de volta foram os três quilômetros mais curtos que os homens já haviam percorrido! Não sei quanto tempo isso levou! - mas tenho certeza de que eles não estavam mais conscientes daquelas três milhas. A distância e o tempo perderam todo o significado enquanto eles corriam de volta, com passos rápidos, para Jerusalém, para contar aos outros. E quando eles entraram, antes que pudessem contar qualquer coisa sobre o que havia acontecido com eles, eles se depararam com essa informação dos outros discípulos: “O Senhor realmente ressuscitou e apareceu a Simão”! Eles eram homens transformados, e a Jerusalém para onde voltaram era um cenário diferente agora.

E Ele apareceu aos Seus apóstolos, e a Tiago, e “a mais de quinhentos irmãos de uma só vez” (1Co 15:6,7). Sua aparição – isto é, Sua vinda em ressurreição – trouxe uma mudança maravilhosa em todas as ocasiões e situações que ocorreu. Representou um cumprimento real de Isaías 54 – Isaías 54 é a ressurreição!

Esta pode ser uma experiência atual?

A grande pergunta que se coloca diante de nós é: temos alguma base para acreditar que esta pode ser a nossa experiência atual? Gostaria de dizer que o Novo Testamento nos apresenta uma base muito sólida para isso. Encontramos muitas coisas, nas experiências de homens e mulheres depois que o Senhor foi para a glória, que tiveram esse efeito. Preciso apenas levá-los ao livro de Atos e lembrá-los daquele etíope voltando para casa, decepcionado e desolado, triste e perplexo. Certamente podemos dizer que, por intermédio do Seu servo Filipe e da palavra de Isaías 53, o Senhor Ressuscitado encontrou aquele homem. Todo o cenário mudou. A última coisa que ouvimos dele é: “ele foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo” (At 8:39). Aqui está uma vida e situação transfigurada, porque entrou em contato com o Senhor Ressuscitado. Esse incidente é típico da transformação maravilhosa que ocorreu quando o Espírito do Senhor tocou as pessoas, entrou em suas vidas, entrou em seu meio. Eles se encontravam perplexos e oprimidos, aflitos e sofrendo com as ameaças dos governantes, e se tornaram pessoas mudadas, cheias de alegria e confiança.

A dispensação mudou desde a época dos Atos? Esse livro nunca teve uma conclusão; foi apenas interrompido. O Espírito Santo nunca pretendeu que Lucas escrevesse o final da história, porque ela teria que continuar indefinidamente até o fim da dispensação. O que era verdade naquela ocasião é verdade em nossa experiência hoje. Sim, temos muitos fundamentos e evidências para isso. Mas você diz: 'Em que base essa experiência pode ser minha?' Se a Escritura dá algo que justifica a expectativa de que deveria ser verdade no nosso caso, se realmente temos na Palavra que deveria ser assim conosco, então surge a pergunta: 'Como isso pode se tornar verdade para mim?' Deixe-me, portanto, tentar dizer, da forma mais concisa possível, como isso pode acontecer - como podemos realmente saber disso.

A Necessidade de (1) Uma Posição Positiva Baseada na Cruz

Em primeiro lugar, devemos assumir uma posição positiva naquele terreno que Deus proveu para nós por intermédio da Cruz do Senhor Jesus. Ou seja, devemos nos apropriar de todos os valores de Isaías 53, como sendo providos para *nós*. Isaías 53 nos conta tudo o que foi feito por nós. “Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele”. Ele “levou sobre si o pecado de muitos”. Todo o nosso estado e condição, debaixo de condenação e julgamento, foram impostos a Ele pelo próprio Deus. 'Ele, *Ele* fez de Sua alma uma oferta pelo pecado.' Isso está do lado Divino. Se ainda permanecermos na dúvida sobre se o Senhor Jesus fez isso por nós, em relação aos nossos pecados, passados, presentes e futuros, não há esperança desta experiência transformadora da ressurreição! Se você ainda está nutrindo a condenação, ainda abrindo seu coração ou sua mente para acusações, você está, na verdade, negando a obra do Senhor Jesus na Cruz, e Deus não pode lhe mostrar Seu braço poderoso.

“A quem foi revelado o braço do Senhor?” Nunca acontecerá ao homem ou mulher que levanta qualquer dúvida sobre a obra do Senhor Jesus em Sua Cruz! Nunca! Você precisa sair dessa base, em todos os sentidos. Se você gosta tanto de duvidar e questionar, se você se apega tão tenazmente à condenação, e não consegue virar na direção oposta, colocar toda essa capacidade de

duvidar e descreer do outro lado, e dizer sobre a sua condenação: 'Não acredito! Isaías 53 diz que Ele levou tudo isso para mim: então definitivamente não acredito, não acreditarei - a Cruz do Senhor Jesus me proíbe de acreditar - que existe condenação.' Sim, invista a sua forte e poderosa capacidade de incredulidade no sentido contrário – deixe-a ser convertida! Coloque isso contra toda a obra dos espíritos acusadores, da consciência acusadora e do coração acusador. Enfrente tudo isso ao contrário!

Não, nunca conheceremos esta transformação e transfiguração poderosa e multifacetada da vida ressurreta, até que tomemos uma posição positiva sobre os valores que vemos garantidos para nós em Isaías 53. Iremos mais uma vez, e na simplicidade de um iniciante, sentar com aquele capítulo e, como já foi dito tantas vezes, colocar nosso próprio nome ali: 'Ele foi ferido pelas *minhas* transgressões; Ele foi ferido pelas *minhas* iniquidades; o castigo que traz a *minha* paz estava sobre Ele; pelas Suas pisaduras *estou* sarado.' Nunca experimentaremos a glória da ressurreição até que tenhamos os pés firmemente plantados nesse chão. Veja, somos *nós mesmos* que constituímos a base da morte: ela está em nós – não está em Cristo; devemos, portanto, repudiar essas coisas em nós mesmos. Devemos dizer, quando o Acusador trazer à lembrança todos os nossos pecados: 'Sim, eu os conheço bem, e milhares de outros mais; mas... existe Alguém que morreu em meu lugar.' A fé deve creditar a Deus e a Cristo o pleno significado da Cruz.

(2) Um Extração Positiva do Poder de Sua Ressurreição

Em seguida, devemos ter sempre uma atitude positiva em relação ao “poder da sua ressurreição” (Fp 3:10) – a atitude de fé no “Deus que ressuscita os mortos” (2Co 1:9). Devemos realmente contar com esse “extra” e com aquele “outro”, que é representado pelo poder da Sua ressurreição. É tudo real – que isto é isto e aquilo é aquilo, e as coisas são como são; é tudo verdade. Não estamos colocando antolhos, tentando fazer de conta que não somos tão ruins quanto somos, ou que as coisas não são tão ruins quanto são: sabemos que elas são de fato ruins, por dentro e por fora. *Mas...* há algo mais do além disso – um fator totalmente transcendente: e isto é o poder da Sua ressurreição. Devemos ter sempre uma atitude muito positiva em relação a isso.

(a) Para a vida pessoal

Isto significa, em termos práticos, uma extração definida da Sua vida ressurreta. Mas isso não significa que tenhamos o direito de violar as leis de Deus. Por exemplo, se você fala em três, quatro ou cinco reuniões por dia, durante cerca de onze semanas, sem um dia de descanso, está violando as leis de Deus, e Deus não irá protegê-lo. Isso é exatamente o que já presenciei. Quanto tempo leva para aprendermos essas lições – às vezes uma vida inteira! Somos atraídos pela necessidade e os apelos e assim por diante. Acredito que o Senhor é muito simpático, mas, mesmo assim, Ele não deixa de lado Suas leis. Portanto, devo dizer que, embora evitemos quebrar as leis Divinas, as leis da natureza, as leis dos nossos corpos (e você nunca pode falar das leis da natureza sem se referir a Deus, pois as leis da natureza são uma expressão de Deus, e Deus é Ele mesmo a Lei suprema da Natureza: isso não é Panteísmo, mas significa que as leis da natureza colocam você em contato direto com Deus). Afirmo que, quando não estamos violando Deus em Suas leis, no corpo e assim por diante, devemos sempre recorrer deliberadamente à Sua vida de ressurreição. Devemos *fazer* isso; devemos nos apegar firmemente, por assim dizer, à vida ressurreta do Senhor e recorrer a ela; faça disso uma coisa muito prática.

Quando eu era pequeno, lembro-me de minha mãe me contando algo que permanece comigo até os dias de hoje. Ela estava me descrevendo a morte de meu avô, um senhor de oitenta e quatro anos. Ela estava sentada ao lado da cama dele, segurando sua mão, enquanto ele morria lentamente. Ele era um homem muito forte fisicamente, e foi isso que ela me contou. 'Ele segurou minha mão', disse ela, 'com um aperto muito forte: eu estava orando por ele, mas ele estava gradualmente afundando: mas eu sentia como se ele estivesse extraindo toda a minha vida; senti minha própria vitalidade sendo minada; ele estava arrancando algo de mim, para se agarrar à vida: e finalmente eu não aguentava mais - tive que arrancar minha mão da dele; e quando eu fiz isso, ele se foi'.

Bem, não sei se existe verdade científica nisso; mas para mim é uma ilustração. Temos literalmente que recorrer à vitalidade de nosso Senhor. É uma atitude, um apego à fé: devemos 'agarrar-nos à vida', como disse Paulo a

Timóteo (“toma posse da vida” - ARA 1Tm 6:12). Deve ser algo que fazemos .

Temo que sejamos demasiado vagos nesta questão do nosso relacionamento com o nosso Senhor Ressurreto. Cremos na ressurreição; acreditamos na vida ressurreta; e acreditamos que é para nós: mas não somos suficientemente definidos a esse respeito. Devemos primeiro nos perguntar: ‘Preciso da vida de ressurreição? Estou precisando do poder de Sua ressurreição?’ É claro que, se você não tiver nenhum senso de necessidade, não será definitivo a esse respeito. Mas se você realmente sentir a necessidade do poder de Sua ressurreição, de que o Braço do Senhor lhe seja revelado dessa forma, faça a si mesmo a seguinte pergunta: ‘Existe algum texto nas Escrituras, alguma declaração na Palavra de Deus, que justifique minha crença de que essa vida é para mim?’ Então, se você acredita que a resposta é afirmativa, diga a si mesmo: ‘Deixe-me chegar à Palavra e descobrir o que ela diz a esse respeito; deixe-me pesquisar e juntar tudo o que a Palavra de Deus diz sobre esta questão da vida ressurreta *para mim!*’

Faça isso como um exercício, não apenas escolhendo textos aleatórios; estabeleça um forte alicerce das Escrituras debaixo dos seus pés. *“Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita.”* (Rm 8:11). Isso está na Bíblia! *“Levando sempre no corpo o morrer de Jesus... para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal.”* (2Co 4:10,11). Isso está nas Escrituras! Junte assim tudo o que encontrar, leve-o ao Senhor e diga: ‘Senhor, a tua Palavra diz claramente...’ (e aqui você pode citar a Escritura para Ele, se quiser: é uma atitude muito saudável lembrar o Senhor de Sua Palavra). ‘Senhor, você disse que o poder da ressurreição deve ser conhecido em Seu povo, nos crentes, como uma experiência presente: aqui está Sua Palavra sobre isso.’ Leve-o ao Senhor; apresente a Ele tudo o que você puder encontrar; seja muito definido a respeito. Poderíamos ver coisas maravilhosas, realmente incríveis, e ter um testemunho muito maior da vida ressurreta, se ao menos fôssemos mais definitivos a esse respeito. As coisas não vão simplesmente “acontecer” na nossa vida, casualmente. Qualquer hesitação nesse sentido não nos permitirá desfrutar do benefício dessa vida. Devemos ser positivos; definitivos; devemos tornar isso um assunto muito importante para nós.

Isso não é apenas algo pessoal, para o nosso bem particular; todo o testemunho do nosso Senhor Ressuscitado está ligado a isto. Existe, é claro, graças a Deus, a aplicação pessoal, e esta pode ser espiritual - pois certamente todos nós, individualmente, temos necessidade constante de novas adesões de vida espiritualmente - ou pode ser físico também. Bendito seja Deus, que podemos receber vida para os nossos corpos! Podemos conhecer a vida da ressurreição nos levando através de situações impossíveis, fisicamente. Ou pode ser que precisemos de um novo acesso à vida, da 'descoberta do Seu braço' no nosso ministério: pois todo ministério, se quiser ser um verdadeiro ministério espiritual, tem de ser cumprido no poder da Sua ressurreição.

(b) Para Vida Corporativa

Prosseguindo para além das necessidades pessoais e individuais, podemos aplicar isso também ao grupo dentre o povo do Senhor da qual fazemos parte, ou no qual podemos ter alguma responsabilidade. As coisas estão caindo na morte, na angústia e na desonra; a situação não glorifica ao Senhor; e estamos muito sobrecarregados com a necessidade – Oh, que o Braço do Senhor possa ser revelado! Oh, que o poder da ressurreição possa ser manifestado! O que você vai fazer sobre isso? Bem, isso requer o mesmo exercício. Esta ressurreição do Senhor Jesus é para todos os aspectos da vida do crente e da Igreja.

Mas... isso não acontece simplesmente. Repito mais uma vez: temos de adotar uma atitude muito definida e positiva nesta questão. Se quisermos, e se o fizermos, há aqueles que podem testemunhar, a partir de uma longa história, que isto realmente funciona. Vemos repetidos milagres de sustento, capacitação e suprimento, de elevação e avanço, que resultam repetidamente, de uma tomada de posse definitiva do fato de que Cristo ressuscitou *por nós*. Ele morreu por nós – Ele ressuscitou por nós. Ele morreu em nosso lugar – Ele vive em nosso lugar. Ele é Aquele que Vive!

Capítulo 7 - Restauração do Testemunho Perdido

À medida que avançamos para os capítulos seguintes de Isaías - assumindo o lado positivo da ressurreição, o lado construtivo da Cruz - descobrimos um fato que é muito visível: a saber, a restauração do testemunho de Deus na cidade e nas nações. Essa é a chave para esta seção de Isaías do capítulo 54 em diante. Perceba que Sião está muito à vista aqui. Se lermos o texto e circularmos as palavras “Sião” e “Jerusalém”, veremos a ênfase, o ponto focal do testemunho. No entanto, também vemos muito destaque para as nações. Isso ficará mais claro à medida que prosseguirmos.

Chegamos, então, primeiro ao capítulo 55, e notamos duas coisas que marcam este capítulo.

Graça abundante e a Palavra Segura de Deus

Nos versículos 1-9, vemos a gratuidade e a abundância da graça liberada para o povo de Deus nesta base da ressurreição – graça gratuita e abundante. *“Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite....”* Quanto do Novo Testamento poderia estar incluído nisso!

Então, do versículo 10 ao versículo 13, temos a palavra segura de Deus: *“A minha palavra... não voltará para mim vazia”*. Hoje em dia, costumamos reivindicar essa promessa do Senhor quando vamos dar uma mensagem, de que Sua palavra não voltará para Ele vazia. É claro que esse princípio tem uma aplicação geral; não erramos ao nos apegarmos a isso, desde que seja realmente a palavra do Senhor que vamos transmitir.

Mas desejo salientar que esse não é o significado específico da afirmação aqui. Você notará a sequência nos versículos 11 e 12: *“assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei. PORQUE ...”* (você não deve parar por aí) - *“PORQUE, com*

alegria, saireis e, em paz, sereis guiados; os montes e os outeiros..." [Is 55"12 ARC], e assim por diante. O significado imediato da promessa da palavra segura e eficaz é: Este povo recebeu a promessa de libertação de Deus; tiveram a certeza de que o Senhor os traria de volta do cativeiro. (Compare com Is.35:10; 48:20; 52:12). Ele havia dado Sua palavra de que deveriam sair com alegria e em paz, nessas condições. Essa era a palavra, e essa palavra não iria falhar.

A Casa de Oração e a Necessidade de Mansidão

Quando você chega ao capítulo 56, descobre que tudo está centrado na Casa de Oração para todos os povos. *"Também os levarei ao meu santo monte e os alegrarei na minha Casa de Oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar, porque a minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos."* (vs 7). Isto ainda está relacionado com a restauração do testemunho do Senhor, e pode ser encontrado em Sua Casa - 'Minha casa de oração'.

No capítulo 57, encontramos mais algumas advertências ao povo do Senhor contra qualquer recorrência daquilo que havia destruído o testemunho anterior. Parece sempre necessário que o Senhor diga, e repita: Tenha cuidado com o retorno daquelas coisas antigas que destruíram o seu testemunho no passado; as coisas que (usando a frase de Jeremias da casa do oleiro) "estragaram" o vaso do testemunho. (Veja Jr 18:4) Portanto, Ele nos traz aqui uma advertência a respeito desses constantes perigos.

Então, no versículo 15, a base da presença e comprometimento do Senhor é mencionada. *"Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos"*. Estas são as condições da presença do Senhor, aquelas nas quais o Seu testemunho será reconstituído.

Os capítulos 58 e 59 estão cheios de advertências, admoestações, instruções, a fim de limpar o céu das nuvens que obscureciam o testemunho. Observe o capítulo 58, versículo 8: *"Então, romperá a tua luz como a alva..."* É o brilho deste testemunho que está governando tudo com o Senhor. Esses avisos e advertências são dados a fim de provocar a remoção das nuvens que

permanecem no céu e tentam obscurecer esse claro resplendor.

Um testemunho claro e brilhante restaurado

Somos assim conduzidos ao capítulo 60. Tudo o que aconteceu antes preparou o caminho, sempre com isto em vista: *"Dispõe-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do SENHOR nasce sobre ti."* Aqui chegamos a esta questão do testemunho restaurado; a luz brilhante da Igreja no meio de condições sombrias, num mundo que está em trevas. *"Porque eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão, os povos; mas sobre ti aparece resplendente o SENHOR, e a sua glória se vê sobre ti."* Isso é o que predomina nesta última seção das profecias de Isaías. Quando o testemunho é restaurado (vs 1) isso gera um efeito nas nações: *"Levanta em redor os olhos e vê; todos estes se ajuntam e vêm ter contigo; teus filhos chegam de longe, e tuas filhas são trazidas nos braços. Então, o verás e serás radiante de alegria; o teu coração estremecerá e se dilatará de júbilo, porque a abundância do mar se tornará a ti, e as riquezas das nações virão a ter contigo"* (vs 4,5).

Quando o testemunho é claro e o seu brilho não é ofuscado e quando Deus tem na Sua Casa, no Seu povo, condições que respondem a tudo o que a Cruz significa, então você encontra esse efeito ao redor: as nações são afetadas, os povos são tocados; algo acontece, e um enriquecimento e plenitude voltam para a própria Igreja. Se o Senhor tem as coisas de acordo com Seu propósito: ou seja, se Ele realmente tem o Seu testemunho em plenitude, sem nuvens nem sombras, no meio do Seu povo, no vaso da Sua Casa: então as nações sentem esse efeito, o impacto disso, e a própria Igreja é grandemente enriquecida. *"Certamente, as terras do mar me aguardarão; virão primeiro os navios de Tárzis para trazerem teus filhos de longe e, com eles, a sua prata e o seu ouro, para a santificação do nome do SENHOR, teu Deus, e do Santo de Israel, porque ele te glorificou."* (vs 9).

A contraparte do Novo Testamento

Sabemos que esta é a profecia do Antigo Testamento. Reconhecemos que o profeta estava dizendo mais do que sabia – que suas declarações continham e

combinavam dois elementos entrelaçados. Por um lado, no que diz respeito a Israel, havia história em formação; mas por outro lado, durante todo o processo, houve (como vemos no capítulo 53) uma indicação para o Messias – o próprio Senhor; para a Cruz, e para todos os que seguiriam a Cruz na ressurreição. Temos o temporal e o passageiro, mas também o espiritual e o eterno, que o Espírito Santo sempre viu e teve em vista na história.

Assim, em todas essas conexões, como vimos, somos, por assim dizer, “encaminhados”, por essas profecias, ao Novo Testamento. E a contrapartida neo-testamentária daquilo que vimos em Isaías sobre o testemunho restaurado encontra-se particularmente numa das cartas de Paulo, nomeadamente na sua Segunda Carta aos Coríntios.

Segunda Carta de Paulo aos Coríntios

O grande tema de ambas as cartas aos Coríntios era o testemunho da Igreja na cidade de Corinto e no mundo. Quando lemos estas cartas, é claro que ficamos muito envolvidos com todos os detalhes: na Primeira Carta, com os detalhes infames; as muitas coisas que foram tratadas ali. Na maior parte das vezes, não é uma carta feliz ou agradável de ler: talvez você tenha desistido dela muitas vezes antes de chegar ao fim, não entendendo muito e nem gostando tanto assim de seu conteúdo. Mas precisamos dar um passo atrás e nos perguntar: Afinal, do que se trata tudo isso? Não vamos nos preocupar com todos os detalhes, por enquanto; todos eles vão se resumir num problema específico. Qual é o problema?

Pois bem, como já disse, a questão central das cartas aos Coríntios é o testemunho do Senhor na Igreja, na cidade e nas nações. Sejamos claros sobre isso. Na Primeira Carta, como vocês sabem, fala-se muito sobre o mundo e como a igreja em Corinto não estava conseguindo vencer o mundo, porque o mundo já a havia vencido a partir de dentro. O testemunho foi destruído por dentro e, portanto, não havia impacto real no mundo. O homem natural, o carnal, encontrou o seu caminho para dentro da igreja, e a igreja, portanto, perdeu o seu testemunho. Isso sempre vai acontecer dessa maneira. Se alguma coisa do homem natural e do homem carnal fizer incursões, em qualquer localidade, na igreja, esse será o fim do testemunho ali, no que compete o

mundo. Quando o homem natural entra, o testemunho desaparece.

Testemunho destruído por elementos carnisais

Na Primeira Carta, então, toda a questão não era apenas uma questão de condições locais, mas de condições locais que destruíam o testemunho da Igreja na cidade. E, portanto, todas essas condições tiveram que ser enfrentadas, expostas, descobertas e levadas à Cruz de Cristo. É claro que o que temos em 1 Coríntios é a segunda grande estratégia de Satanás para paralisar o testemunho da Igreja. A sua primeira estratégia foi a perseguição aberta, para tentar destruir, obliterar o testemunho da Igreja na cidade de Jerusalém e na nação. Como sabemos, essa estratégia falhou! Mas agora Satanás regressa com uma segunda linha de estratégia: isto é, ele insinua, nas próprias fileiras da igreja, homens de acordo com a sua própria mente - usando elementos carnisais - o homem natural, o homem carnal. Eles servem tão bem ao propósito do Diabo; eles efetuam exatamente o que o inimigo deseja. Quando ele descobre que não pode ter sucesso através da perseguição aberta, ele dá a volta, por assim dizer, pela entrada dos fundos e introduz elementos carnisais e naturais por ali - e pronto! O testemunho é perdido; está destruído.

Mas entre essas duas cartas aos Coríntios algo aconteceu. No capítulo 7 da Segunda Carta lemos: *“Agora, me alegro não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento ... Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar”* (2Co 7:9,10) . O apóstolo tem muito a dizer sobre o que evidentemente aconteceu depois de sua primeira carta. Houve arrependimento; julgamento dos próprios corações e suas das condições; houve, como ele disse, *“Que defesa, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vindita!”* (v. 11). Vemos uma verdadeira angústia e preocupação com a própria condição espiritual, e isso ocorreu entre as duas cartas. Podemos dizer que levaram a situação até à cruz e isso mudou tudo. E agora que as coisas tinham sido tratadas internamente, toda a questão do testemunho ao mundo, na cidade, poderia ser reconsiderada, e um contra-ataque poderia ser feito pela igreja contra o inimigo.

Então é isso que vemos nesta Segunda Carta – a restauração do testemunho na

localidade e para o mundo. Tudo isso traz à tona de forma muito clara os constituintes do testemunho eficaz – ou, para usar a figura de Isaías, o resplendor da luz. Vejamos algumas das coisas que Paulo nos diz a esse respeito.

O valor do amor triunfante

“Porque, no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração, vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida.” (2Co 2:4).

A primeira coisa que vemos é o valor do amor triunfante. Isso é um constituinte do testemunho eficaz, do resplendor. Isto claramente teve seus dois lados no Apóstolo. Se alguma vez um homem pudesse ter encontrado seu amor esgotado, isso poderia ter acontecido com o apóstolo, no que diz respeito aos coríntios; pois ele disse: "Se mais vos amo, serei menos amado?" (2Co 12:15). Certamente isso é suficiente para desanimar qualquer homem – descobrir que toda a sua manifestação e entrega de amor significa apenas que o amor está sendo drenado; que cada vez menos amor retorna.

Que situação ele teve que enfrentar! ainda assim, seu amor triunfou. Mas parece ter surtido efeito também neles: parece ter acontecido algo do que ele escreveu na sua Primeira Carta, no capítulo 13. Sim, o triunfo de 1 Coríntios 13 pode ser traçado nesta Segunda Carta em um grau muito real – o amor que “é paciente e é benigno”, e assim por diante – essa qualidade do amor triunfante.

Esse, poderíamos muito bem dizer, é o primeiro e principal fator para um testemunho eficaz. O Senhor Jesus disse que: “Nisto conhecerão todos... se vos amardes uns aos outros” (Jo 13:35). Este é o testemunho; é assim que será conhecido - se tivermos amor uns pelos outros. É muito importante que o mundo seja afetado pelo que vê. Não podemos fechar as portas para nós mesmos e dizer: 'Oh, bem, o mundo, de qualquer forma, é hostil e insensível; por que levá-los em consideração? Vamos nos fechar e continuar com nosso trabalho.' Você não pode fazer isso; não pode ignorar o mundo. Estamos aqui para afetar o mundo – essa é uma das principais razões pelas quais o Senhor

nos deixou aqui. Não devemos viver enclausurados e fechados, indiferentes ao mundo, friamente desligados dele.

Além disso, o mundo vai descobrir, mais cedo ou mais tarde, o que está acontecendo dentro da igreja – o que está acontecendo na sua assembleia local! Não se engane sobre isso. O mundo conhecerá a condição da igreja: você não pode fechar portas e janelas e manter as coisas ali dentro! Todos ao redor saberão; tudo se tornará conhecido. E repito: é muito importante que o mundo seja afetado, não pelo que nos ouve dizer, mas pelo que vê em nós.

E a única coisa que pode realmente ver, e que de fato irá afetá-lo, será o amor mútuo que temos uns pelos outros. "Nisto *todos* os homens saberão... se vos *amardes* uns aos outros." Uma das formas mais eficazes de testemunho é – não pregar, mas – *amar* ! Se isso existir, fará muito mais do que a nossa pregação. Bem, pelo menos dará um grande suporte à nossa pregação. Toda a nossa pregação deve ser apoiada por isso: um amor forte e triunfante no meio do povo do Senhor.

O valor do sofrimento com Cristo

A segunda coisa relacionada ao testemunho é o valor do sofrimento com Cristo. Temos muito sobre isso na Segunda Carta aos Coríntios. Por exemplo: *"Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus. Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo. (2Co 1:3-5).*

Em primeiro lugar, sofrer com Cristo traz um retorno maravilhoso na descoberta das consolações de Cristo.

É algo muito importante, num mundo como este, que tenhamos algum conforto para repartir. Tanto na Igreja como fora dela, existe uma grande necessidade de um ministério de conforto. Vamos voltar em Isaías: "Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus." (Is 40:1). Mas você não pode cumprir

um ministério de consolação com meras banalidades; se deparando com situações difíceis e problemáticas e apenas dizendo coisas agradáveis. Se as pessoas estão realmente em apuros, em verdadeira angústia, e você começa a falar com elas, a primeira coisa que elas têm o direito de lhe dizer é: 'Bem, o que você sabe sobre isso? Você já esteve na minha posição, na minha condição? você já teve algum sofrimento muito profundo? O que você sabe a esse respeito?'

Talvez, portanto, esse seja um desses caminhos soberanos e providenciais de Deus. Ele permite que Seu povo conheça muito sofrimento, para que possam derivar este valor maravilhoso das consolações de Cristo, e então possam ter algo com que confortar ou encorajar os outros - os provados, os sofredores, os abatidos. E o que temos para dar? Bem, a palavra é: *"para podermos consolar... com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus"*.

E se há alguém lendo estas linhas, que está passando por um momento doloroso e de sofrimento, passando por um "caminho escuro", como costumamos dizer, posso tentar transfigurar isso para você, da seguinte forma. Olhe para a sua situação assim, diga a si mesmo: 'Isso me dá a oportunidade de fazer uma descoberta do Senhor que será essencial para o serviço futuro. Em minha angústia e dificuldade posso encontrar conforto e ajuda do Senhor, o que pode ser de um valor tremendo para outras pessoas no futuro.'

Ministério formado por intermédio da Experiência da Ressurreição

Pois é assim que o ministério é formado. O homem ou a mulher que ambiciona estar "no ministério" – falar e pregar, conduzir reuniões e todo esse tipo de coisa – mas que não passou por lugares profundos e encontrou o Senhor ali, e trouxe algum tesouro dessas profundezas, alguma 'pérola de grande valor': não tem um ministério real. Esse ministério é artificial, meramente profissional. O verdadeiro ministro de Jesus Cristo será levado às profundezas, para descobrir lá, bem lá no fundo, e de lá trazer essas pérolas, essas coisas preciosas, pelo bem da Igreja. Você notou aquela frase em Isaías "porque a abundância do mar se tornará a ti" (Is 60:5)? Sim, mas o mar pode ser um lugar muito profundo, um lugar muito escuro, um lugar muito terrível: e ainda assim encontramos tesouros ali. Esse é o caminho do

testemunho.

Observe o que Paulo escreve no início de sua carta. *“Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida.”* (2Co 1:8). É assim que o ministério é formado – quando você tem uma experiência real e um testemunho do poder da Sua ressurreição. Quando tudo parecia sem esperança em sua situação, no meio dos irmãos que você congrega; e a providência de Deus te conduziu a descobrir o poder da sua ressurreição, ‘para que não confies em ti mesmo, mas no Deus que ressuscita os mortos’ [vs 9]: esta é uma constituição de um ministério. Se você seguiu esse caminho, é um verdadeiro ‘ministro’; não precisa levar o nome, nem ser separado, nem nada. Se você tem conhecimento do grande poder de Sua ressurreição, é um ministro; tem algo que é extremamente necessário.

O Valor do Quebrantamento

A terceira coisa no testemunho eficaz é o valor do quebrantamento e da fraqueza.

“Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida” (2Co 4:7-12).

Devemos continuar lendo até o versículo 18. Você notará que esta seção tem como mensagem real o tremendo valor da qualidade do quebrantamento e da fraqueza. Isso é algo vital no testemunho eficaz. Talvez nós, naturalmente, não damos muito valor ao quebrantamento e à fraqueza; mas aqui, muito valor é dado a isso. *“Temos este tesouro em vasos de barro.”* O que o Apóstolo está dizendo, com efeito, é isto: ‘Somos homens quebrantados; somos vasos fracos. A única coisa sobre nós, que é de suprema importância, é a nossa capacidade de sermos quebrados – parece que fomos feitos para isso.’ E então ele diz que há um valor infinito associado a esse processo.

Na Primeira Carta aos Coríntios, a igreja não estava quebrada. Foi difícil; estava tentando manter-se intacta; estava orgulhoso; julgando; foi cruel; foi impiedosa; estava tudo menos quebrada. Mas agora, ao lermos esta Segunda Carta, descobrimos uma suavidade na igreja. Está macia - derretida - quebrada! Você pode falar sobre “ministério” agora; pode falar sobre 'testemunho'; você não poderia fazer isso antes. Não: até que o vaso se rompa, nada pode fluir; se algo tiver que fluir, isso só acontecerá a partir do momento que o vaso estiver quebrado. O apóstolo está dizendo que foi assim com ele pessoalmente (e é claro que ele está, por inferência, transmitindo isso à igreja em Corinto). Nossa fraqueza, nosso quebrantamento, é da extrema importância e valor, pois só então o verdadeiro tesouro poderá ser manifestado.

Você fala sobre 'o testemunho'? você adota essa fraseologia relacionada ao 'testemunho'? Você fala e tem ideias sobre 'ministério'? Meu querido amigo, o Espírito Santo diria para nós que o testemunho e o ministério só são reais quando vêm de homens e mulheres quebrantados. Não nos enganemos a esse respeito. Eu sei que é o caminho mais difícil, mas é o único. Nós não temos o direito de ministrar, nem direito de falar sobre 'o testemunho', sobre 'a Igreja', 'o vaso' ou qualquer coisa assim, a menos que saibamos algo sobre esse quebrantamento, essa fraqueza.

Perceba como isso é verdade em relação ao que lemos em Isaías. O Senhor diz: “A minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos” (Is 56:7); - “Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito” (Is. 57:15). Você O encontra na humilhada e disciplinada Corinto. Há algo novo nesta segunda carta – algo que estava faltando na primeira. Você sente a unção do Espírito, a beleza do Senhor. Sim: o Senhor está aqui agora, porque eles estão quebrados. Essa unção do Senhor só é encontrada em homens e mulheres que realmente tiveram um enfraquecimento, uma quebra, um esvaziamento, que perderam toda a “confiança na carne”, cuja própria força se foi. Esse é o caminho do brilho; esse é o caminho do testemunho restaurado.

Amor, o Caminho do Alargamento

Há mais uma passagem que gostaria de mencionar.

"Para vós outros, ó coríntios, abrem-se os nossos lábios, e alarga-se o nosso coração. Não tendes limites em nós; mas estais limitados em vossos próprios afetos. Ora, como justa retribuição (falo-vos como a filhos), dilatai-vos também vós." (2Co 6:11-13).

Qual foi a causa do testemunho perdido e destruído em Corinto? Eles eram muito estreitos; muito pequenos. Paulo disse que ele tinha que tratá-los como bebês – eles eram rabugentos! As crianças costumam ser assim, não é? Dão muita importância as ninharias. Paulo diz: 'Alargai-vos, ampliai-vos! Deixem seus corações serem ampliados! Sejam pessoas *maiores* – sejam tão grandes ao ponto de não se rebaixarem a essas coisas ruins. Tenham grandes pensamentos, sentimentos grandiosos - claro, sem presunção ou e se considerarem superiores; mas tenham um grande coração - um coração de amor!'

O que o amor faz? O amor "não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade". O amor "tudo crê": é preciso um grande coração para isso, não é? Nunca está pronto para acreditar num relatório desfavorável, mas está sempre pronto para acreditar que pode haver algo positivo - que pode haver outra explicação. O amor não se alegra quando alguém que cometeu um erro sofre as consequências por seu erro – isso é mesquinho.

É aqui que Davi é uma grande repreensão para nós. Basta pensar nele: que vida ele passou na mão de Saul durante aqueles anos! Ele o caçou, disse ele, como uma pulga, como uma perdiz (1Sm 24:14; 26:20); perseguiu-o de rocha em rocha, de caverna em caverna, no deserto, se ao menos ele pudesse pegá-lo e destruí-lo; não lhe deu paz nem de dia nem de noite. Ele estava implacavelmente determinado em tirar a vida de Davi. Então chegou o dia em que, numa dessas perseguições, Saul, com seus 3.000 homens escolhidos - um exército para capturar um homem! - chegou em determinado local à noite, e deitou-se para dormir. Sem que ele soubesse, Davi estava muito próximo, bem ali (acho que ele não teria dormido se soubesse!); e Davi veio com os seus homens e olhou para ele; e os homens de Davi disseram: 'Eis que te entrego

nas mãos o teu inimigo, e far-lhe-ás o que bem te parecer.' (1Sm 24:4).

Se pudermos imaginar que temos o apoio Divino para alguma coisa, isso é tudo que desejamos. Queremos apenas que alguém diga: 'É a vontade do Senhor', e, se isso for algo que serve os nossos próprios interesses, algo que naturalmente nos agrada, prontamente o faremos! É uma tentação muito forte, não é, quando uma ação parece ser apoiada pelo Senhor?

Mas aqui, Davi – como em outra ocasião, quando seu companheiro disse: 'Deus te entregou, hoje, nas mãos o teu inimigo; deixa-me, pois, agora, encravá-lo com a lança, ao chão, de um só golpe; não será preciso segundo.' (1Sm 26:8) - Davi respondeu: 'Não, não; Deus me livre de tocar no unguido do Senhor!' Ah, isso é grandeza; verdadeira grandeza. Ele evitou isso, para sua própria dor. Davi não sabia quantos anos de sofrimento ainda teria pela frente, mas os aceitou. Ele poderia ter acabado com todo o seu sofrimento de uma só vez, mas disse: 'Não, não devo tocar no unguido do Senhor. Posso estar certo, e o unguido do Senhor pode estar completamente errado: no entanto, não cabe a mim tocar nele. Deixo-o com o Senhor; Não devo levantar minha mão contra ele. Deus me livre de tocar no unguido do Senhor.' Repito: isso é grandeza, isso é grandeza espiritual! E assim Paulo apela aos coríntios: "*Ora, como justa retribuição (falo-vos como a filhos), dilatai-vos também vós.*" O Senhor nos faça grandes pessoas, neste sentido espiritual.

O que Constitui o Testemunho Restaurado

Vamos agora tentar resumir o que constitui o testemunho restaurado, seja esse testemunho local ou mundial.

Esse testemunho deve nascer, em primeiro lugar, como vimos, daquilo que conhecemos do conforto divino por intermédio do sofrimento.

Em segundo lugar, ele é originado daquilo que conhecemos da ressurreição (seja individual, coletivo e local), quando tudo parecia sem esperança.

Em terceiro lugar, é fruto do que aprendemos sobre o amor Divino através do nosso próprio fracasso. Tenho certeza de que este foi um grande fator em

Corinto. Quão profundamente eles reconheceram seu fracasso! Eles afundaram, mergulharam no pó, com a sensação de que haviam sido um fracasso miserável como assembléia. E então, impressionados com a compreensão do seu próprio fracasso, descobriram que havia amor derramando sobre eles, através deste Apóstolo, provindo do coração de Deus; e essa descoberta constituiu seu novo testemunho.

Em quarto lugar, deve nascer do quebrantamento e do alargamento do coração que surge através da consciência da fraqueza. Suponho que, se alguém deveria estar consciente de sua própria fraqueza, esse seria o povo de Corinto. Há, de fato, indicações nesta Segunda Carta de que eles chegaram quase ao desespero em relação a eles mesmos. Acho que essa percepção de sua própria falibilidade e falta de auto-confiança simplesmente os sobrecarregou, transbordou. Entretanto, foi por meio disso que eles chegaram a esse alargamento de coração. Se nós estamos gemendo debaixo da consciência de nosso próprio fracasso, não seremos mesquinhos e sórdidos com os fracassos de outras pessoas; seremos muito mais pacientes e compreensivos – totalmente diferentes, com um coração muito maior. Diremos: 'Bem, eu mesmo preciso andar com muito cuidado. Mas pela graça de Deus, aqui estou eu!' Isso é grandeza de coração, verdadeiro quebrantamento.

Em quinto e último lugar, que dedicação ao Senhor deve resultar de um senso de responsabilidade por Sua honra na localidade e no mundo. Acho que é isso que entra em cena aqui. Se isso não estiver presente, todo o resto não significa nada. Deve ter ficado claro para os coríntios que eles estavam decepcionando o Senhor na sua localidade. A condição deles, a situação entre eles, estava apenas trazendo desonra ao Senhor. E isso provocou um sentido de responsabilidade: 'Oh, não podemos nos permitir decepcionar o Senhor! Pelo amor do Senhor, pelo amor do Seu Nome, devemos acertar as coisas entre nós, custe o que custar.' Há muito nos capítulos posteriores de Isaías sobre o Nome do Senhor em Sião, quando restaurado. E assim, na igreja de Corinto, este sentido de responsabilidade pelo Seu Nome e pela Sua honra, naquela vizinhança e naquela cidade e no mundo, produziu uma nova dedicação para o Senhor.

Voltamos à nossa pergunta: “A quem é revelado o braço do Senhor?” Bem, para aqueles, como vimos, que aceitam as implicações da Cruz. Tudo isso é o resultado, a operação da Cruz. Tudo isso vem de Isaías 53. A restauração de um testemunho como esse só pode ser resultado da Cruz. A Cruz é a base de tudo em todo testemunho.

Capítulo 8 - A Cruz e o Espírito Santo

Leitura: Isaías 61:1-62:1a

Chegamos agora a outro aspecto deste fruto multifacetado da Cruz do Senhor Jesus. Lembramos que os três primeiros versículos deste capítulo sessenta e um de Isaías, tão completos, foram citados pelo próprio Senhor Jesus. Depois do Seu batismo abriram-se os céus, e o Espírito desceu e pousou sobre Ele. Aquele foi o grande momento da Sua unção como o Servo, que acabara de passar, simbolicamente, pelo caminho da Cruz, representada pelo Seu batismo [o Jordão]. Agora, depois de ungido, Ele encontra o inimigo no deserto e o derrota completamente em todos os pontos. Voltando do deserto no poder do Espírito, Ele chega a Nazaré, onde foi criado.

No dia de sábado, Ele entra na sinagoga e Lhe entregam as Escrituras. Ele as abre exatamente neste ponto das profecias de Isaías e lê esses versículos. Depois de lê-los, devolve o rolo ao chefe da sinagoga e se senta. (Isso, ao contrário do nosso costume, era um sinal de que Ele tinha algo a dizer. Quando temos algo a dizer, geralmente nos levantamos; mas nas sinagogas era o contrário). Então a Palavra diz que “todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele” - porque Ele havia se sentado e sabiam que tinha algo a dizer. “Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir..” (Lc 4:14-21).

Vemos assim que o Senhor Jesus se apropriou desta parte de Isaías. Reconhecemos que existe uma relação entre essas profecias, o Senhor Jesus e esta dispensação, além de uma conexão com a história de Israel. É sobre isso que falaremos agora.

A Unção da Cabeça Flui para os Membros

Observe, então, que esta unção, repousando antes de tudo sobre o 'Servo do Senhor' - pois esse é o título de Cristo em Isaías: "Eis o meu servo" (Is 42:1) -

enquanto esta unção repousa sobre Ele e se relaciona, de forma plena e suprema com Ele, como a Cabeça, a linguagem da narrativa profética imediatamente faz uma transição abrupta para a terceira pessoa. Após a declaração a respeito da unção do Servo, o texto de Isaías continua: “*Edificação* os lugares antigamente assolados, *restaurarão* os de antes destruídos e *renovarão* as cidades arruinadas, destruídas de geração em geração” (61:4). O povo de Deus deriva dos valores e benefícios desta unção. É como se a unção sobre Ele, como Cabeça, simplesmente fluísse e abraçasse todos os Seus membros – os membros de Cristo.

É por isso que lemos o primeiro fragmento do próximo capítulo: “Por amor de Sião, não me calarei...” Como mencionei no capítulo anterior, temos muita coisa sobre Sião nestas profecias posteriores de Isaías - sobre o benefício da unção sendo encontrado em Sião, Sião herdando todos esses valores. E Sião, como sabemos, é a figura da Igreja no Antigo Testamento. Estávamos falando, naquele capítulo, da luz de Sião: “Dispõe-te, resplandece, porque vem a tua luz” (60:1) – este é o testemunho restaurado. Aqui, no capítulo 61, abordamos a vida e a liberdade de Sião.

"Para Proclamar Liberdade aos Cativos"

Perceba, antes de tudo, que esta é uma mensagem *para* Sião, *para* a Igreja. Tudo isto deve ter o seu cumprimento, sua realização no povo do Senhor. Israel, nesta ocasião, estava exilado na Babilônia, num estado de escravidão e morte espiritual, e as profecias têm a ver com a sua libertação dessa escravidão, dessa morte, este povo desfrutando de vida e liberdade. Disse que Jesus tomou para Si esta Escritura sobre a unção do Senhor estar sobre Ele, “para proclamar libertação aos cativos”, e assim por diante. Mas você deve se lembrar que a Sião terrena, a Jerusalém terrena – em outras palavras, o povo judeu – nunca chegou à realidade desta libertação. Eles perderam todos esses valores. Sião não herdou os valores de Sua unção, mas a Igreja herdou tudo isso. Esta se tornou a herança do Israel *espiritual*, do povo *espiritual* de Deus. O Judaísmo – “Israel segundo a carne” – foi o antagonista supremo da unção. Com a arma do legalismo, eles mataram o Senhor. Mas o povo que entra nesses valores adicionais da segunda parte deste capítulo, deve responder a tudo isso que é dito sobre a unção.

Ou seja, deve ser um povo capaz de apreciar a Boa Nova porque é manso: e isso não aconteceu com Israel segundo a carne. É necessário que esse povo tenha um coração quebrantado, e isso não era verdade em relação a Israel segundo a carne. O povo deveria ser consciente de que realmente era cativo, e isso não era um fato com os judeus nos dias de nosso Senhor. Eles pensavam e acreditavam que eram as pessoas mais livres na terra, os que menos sabiam sobre a escravidão. Esse era um dos pontos de controvérsia entre eles e o Senhor Jesus (Jo 8:33). O povo que recebe esses valores da unção deve perceber que o seu estado é de prisão, se quiserem desfrutar da “libertação dos algemados”; e assim por diante. Os valores da unção só podem chegar às pessoas que percebem espiritualmente, de todas estas maneiras, a sua necessidade deste Servo do Senhor, trabalhando, debaixo da unção, a seu favor, para o seu benefício.

A Contraparte do Novo Testamento

Seguimos agora o mesmo caminho que temos adotado anteriormente. Esta parte das profecias de Isaías, e este capítulo em particular, nos leva à uma contraparte do Novo Testamento. Vimos que existem partes do Novo Testamento que respondem distinta e claramente às diferentes fases e movimentos destas profecias de Isaías. E a contrapartida do Novo Testamento deste capítulo sessenta e um é, sem dúvida, a Carta de Paulo aos Gálatas. Vejamos alguns fragmentos dessa carta. Veja como eles trazem Isaías 61 à luz, a unção do Espírito.

Carta de Paulo aos Gálatas

“Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé? Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?... Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?... Cristo nos resgatou da maldição da lei... para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Cristo Jesus, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido” (Gl 3:2,5,13,14).

“E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!” (4:6).

“Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé.” (5:5).

“Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei... Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito” (5:16-18,25).

“Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna” (6:8).

Tudo isso, como você percebe, tem a ver com o Espírito – o que é, obviamente, outra maneira de falar da unção. Tomaremos agora outra breve série de versículos, que segue a linha da Cruz.

“Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (2:19,20).

“Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado?” (3:1).

“E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências” (5:24).

“Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” (6:14).

Estas duas séries de versos desta breve carta “às igrejas da Galácia” (1:2) deixam claro que dois dos seus temas principais são a Cruz e o Espírito Santo. É a ponte entre Isaías 53 e Isaías 61.

A Natureza Essencialmente Espiritual do Cristianismo

Agora todos sabemos que esta Carta aos Gálatas contém a tremenda batalha de Paulo. Sim, Paulo estava disposto a lutar quando se propôs a escrever este documento. Não há produto mais veemente da pena de Paulo do que esta carta. Mas qual é a razão da batalha? Sobre que assunto? É claro que existem respostas teológicas e doutrinárias para essa questão; mas pode-se dizer, com bastante apoio tanto da própria carta como de outras partes do Novo Testamento, que esta batalha de Paulo estava toda relacionada com o caráter essencialmente *espiritual* do Cristianismo. O verdadeiro Cristianismo é algo essencialmente espiritual. É disso que se trata esse combate. Paulo nos mostra tão claramente, em todos os aspectos, que a Cruz leva a uma posição espiritual, a uma condição espiritual.

O grande inimigo, que tinha instrumentos muito úteis nos judaizantes, lutava para fazer do cristianismo algo diferente de algo espiritual; trazê-lo para uma base diferente. Desde então, o inimigo tem procurado restringir o Cristianismo numa questão de ritos e cerimônias – rituais, formalismos, símbolos terrenos e temporais, representações, figuras, e assim por diante; ou, na ausência dessas coisas, substituí-las pela falsa espiritualidade, por vezes dignificada pelo nome de “misticismo”. Esse era o objetivo de Satanás, e Paulo viu que a questão era nada menos do que o verdadeiro *significado*, a *natureza essencial* do Cristianismo – o que ele é. E Paulo não ia abrir mão disso, porque ele tinha tido uma experiência tremenda nesse exato ponto. Ele, portanto, decidiu lutar com todas as forças ao seu alcance, para deixar perfeitamente claro que o Cristianismo não é de forma alguma um sistema terreno - é uma vida celestial. O Cristianismo é essencialmente uma vida no Espírito, e a Cruz pretende produzir isso. Se ela não o produz, há alguma razão para isso nos envolvidos. Significa que toda a natureza do Cristianismo foi mudada e o significado da Cruz foi subvertido.

Assim, Paulo ataca esse movimento sutil do inimigo com toda a força da cruz e traz consigo todas as armas que pode usar. Quais são algumas dessas armas?

As Armas de Paulo Contra a Degradação do Cristianismo

(1) Sua História Pessoal

Bem, antes de mais nada - e esta é uma arma muito poderosa, como você notará nesta carta - Paulo traz a arma de sua própria história e de sua própria experiência. Há poucos lugares em todos os seus escritos – talvez apenas em Segunda Coríntios – onde ele se refira mais a si mesmo do que nesta carta. Ele fala sua própria história e experiência; esse é um de seus golpes de mestre. E ele era o homem certo para fazer isso! Basta olhar para Saulo de Tarso: olhar para a sua história – o que ele nos conta a respeito dela. Já houve um homem que colocou todo esse sistema judaico à prova de forma mais completa do que ele? Ele havia se comprometido com as observâncias, com a execução de cada parte do ritual judaico até o fim. Na verdade, ele nos diz que era muito mais zeloso nesse assunto do que muitos de sua idade. "E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais." (Gl 1:14). Este homem percorreu todo o caminho com este sistema, com as suas cerimônias e ritos, os seus tipos e figuras, os seus símbolos e formas; ele foi até o fim.

O que isso fez por ele? Onde isso o levou? Ele o exauriu de forma completa, conscienciosa e sincera: porque uma coisa que temos a dizer sobre Saulo de Tarso é que ele era um homem que não acreditava em meias medidas - falava sério, e era sincero no que fazia. Ele nos diz: "Na verdade, a mim me parecia... que muitas coisas eu devia praticar" - 'pensei que devia *fazer*' - "contra o nome de Jesus, o Nazareno" (At 26:9). Essa era uma questão de consciência para este jovem fariseu brilhante, que subiu tão alto na escala do Judaísmo. Mas onde isso o levou? Temos sua própria exclamação; ele diz: 'Foi aqui que isso me levou!' - "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" (Rm 7:24). Você não poderia ficar muito abaixo disso, não é? Essa é a última palavra em qualquer coisa. Na sua própria experiência, na sua história, tudo falhou. Na verdade, ele diz: 'Foi aí que isso me levou; isso foi tudo que esse sistema fez por mim. E não vai fazer nada melhor para ninguém, por mais dedicados que sejamos a ele.'

(2) O Significado da Cruz

Tendo chegado a esse fim ignominioso, clamando por libertação - 'Ó homem

miserável que sou, quem me livrará? Nada nem ninguém, ao longo de toda esta longa história, provou ser um libertador adequado para mim!" - Paulo encontrou o Senhor Jesus; e o Senhor Jesus fez por ele tudo o que todo o sistema falhou completamente em fazer. Ele encontrou a cruz e disse: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2:20). Você percebe a mudança do pensamento de "morte" para o pensamento de "vida". Ele é um homem morto vivificado, que voltou à vida. Ele conheceu um novo começo, uma nova história, uma nova experiência, que nasceu da Cruz do Senhor Jesus.

Além disso, Paulo encontrou o Espírito Santo, e o Espírito Santo fez por ele o que este vasto sistema do Judaísmo, ao qual ele se entregou tão completamente, nunca poderia fazer. É por isso que ele dá um lugar tão importante ao Espírito Santo nesta carta. É por isso que a Cruz e o Espírito Santo são trazidos como linhas orientadoras de todo este testemunho. O Espírito Santo, no terreno da Cruz, inverteu toda a experiência, mudou toda a situação.

(3) O Significado de Cristo

E então – aqui poderíamos percorrer a carta tomando outra linha dominante – Paulo descobriu o verdadeiro significado de Cristo. O nome de Cristo ocorre quarenta e três vezes nesta pequena carta, que pode ser lida em dez minutos ou um quarto de hora. Isso é significativo; na verdade, é como se gritasse para nós sobre o tema da epístola. Paulo está realmente procurando mostrar aqui qual é o verdadeiro significado de Cristo. Qual é o verdadeiro significado de Cristo? Apenas isto: que todo esse sistema foi – em Si mesmo – completamente cumprido. O vasto sistema da lei e todas as suas ordenanças foram cumpridas em e por Cristo, na Cruz; toda a justiça foi cumprida. Ao ser batizado no Jordão, tipificando Sua morte na Cruz, Jesus disse: "Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça." (Mt 3:15). Essa era a questão que estava em jogo, e tudo se cumpriu na Cruz do Senhor Jesus; Cristo crucificado cumpriu tudo. O Antigo Testamento é cumprido em Cristo. É isso que falamos sobre Isaías; e o que é verdade para Isaías é verdade para todo o Antigo Testamento. Não poderemos tentar mostrar aqui como o Antigo Testamento se cumpriu em Cristo, mas é isso que Paulo está dizendo. 'Fui

crucificado com Cristo: e por isso estou unido a Ele nessa anulação, nesse cumprimento de todas as exigências de Deus; e, pelo Espírito, chego ao benefício de tudo o que Jesus é.'

(4) O Significado da Graça

Temos outro tema nesta carta que vale a pena estudar: é o significado da graça. Isso é algo grandioso na Carta aos Gálatas. A graça nos coloca em uma base inteiramente nova. Todo o ritual, as formas, as exigências da lei, apenas serviram para acentuar a nossa má consciência. Paulo deixa isso muito claro. Como sabemos, esta Carta aos Gálatas foi escrita antes da Carta aos Romanos: provavelmente Paulo, quando escreveu aos Gálatas, disse consigo mesmo: 'Devo escrever algo mais sobre isto', e então aproveitou a oportunidade para ampliar esse assunto ao escrever aos romanos. Mas a questão é que tudo estava relacionado com esta questão de *consciência*. "Mas eu não teria conhecido o pecado... se a lei não dissesse: Não cobiçarás..." (Rm 7:7). 'Apenas dizer isso já afetou minha consciência: todo esse sistema estava apenas mantendo minha consciência viva - não estava me salvando de uma consciência má. Mas a graça fez isso; a graça me colocou em uma base totalmente nova e diferente, onde a má consciência é tratada.' Sim, a graça trata da consciência. Que palavra maravilhosa contra uma má consciência: "A Graça de Deus".

(5) O Significado do Espírito Santo

Por último, Paulo descobriu o significado do Espírito Santo. O que Paulo diz de maneira preeminente sobre o Espírito Santo aqui? "E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!" (Gl 4:6). "Recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai." (Rm 8:15). Paulo coloca isso contra a servidão. E aí ele vai direto ao cerne da questão. Pois se reconhecermos, como é fácil fazer, a diferença entre um servo e um filho, teremos o segredo de tudo.

Um servo é alguém que simplesmente tem que fazer o que lhe é ordenado. Alguém lhe diz que deve ou não deve, e, quer ele goste ou não, concorde com

isso ou não, cabe a ele obedecer, e isso é tudo. Quaisquer que sejam as suas reações, ele não consegue evitar: pois é apenas um servo. Interiormente ele pode estar positivamente revoltado contra tudo que está acontecendo, mas não pode fazer nada a respeito. Estou falando, é claro, de um servo daquela época. Um servo dos dias de hoje simplesmente desistiria do seu emprego e iria embora - é assim que acontece nos dias de hoje. Mas você não poderia fazer isso lá no Império Romano nos dias de Paulo. Um escravo não tinha poder de escolha; ele não poderia dizer: 'Estou renunciando. Vou encontrar outro mestre' - ele simplesmente não podia. Ele foi comprado em corpo, alma e espírito; e, embora ele pudesse estar revoltado com todas as fibras do seu ser, não havia nada que pudesse fazer a respeito. Ele simplesmente era o escravo desta lei.

O Espírito de Filiação

Isso é um servo, um escravo. O que é um filho? Bem, se ele é um filho no verdadeiro significado da filiação cristã, o seu serviço é uma delícia para ele. Existe uma dinâmica do amor: ele se deleita em fazer as coisas que agradam ao seu Pai, e esse amor lhe dá o incentivo e o poder para fazê-las. Ele tem outro espírito, o Espírito de Filiação trabalhando nele, tornando-lhe possível responder a todas as exigências: pois esse é o significado do Espírito Santo - um poder interior, de amor, que torna tudo possível. Como todos sabemos, se tivermos um grande amor por alguma coisa, nada é impossível! Gostaríamos de possuir mais deste amor - o amor que não irrita, que não espera até que as coisas sejam indicadas e que sua atenção seja atraída para elas, mas está o tempo todo alerta, ansioso e atento, observando o que precisa ser feito. Precisamos desse espírito, não é?

Isso é algo que impressiona em alguns grupos que conhecemos no Extremo Oriente. Menciono aqui a título de ilustração e exemplo, não como forma de condenação ou crítica aos demais. Uma grande sala de reuniões, por exemplo, com capacidade para 1.600 pessoas internamente e capacidade para mais 3.000 pessoas nos arredores, e com seus 1.000 painéis de vidro, precisa, como você pode imaginar, de muito cuidado - com a limpeza, o cuidado de todas as instalações elétricas, dos amplificadores e assim por diante. Há tanta coisa conectada até mesmo com um local como esse. Depois de cada reunião você

vê um exército de homens e mulheres, preparados, e indo direto ao assunto, varrendo, limpando e enxugando, ajustando e cuidando das coisas, para que tudo esteja limpo e saudável e no devido lugar, para a próxima reunião. Ao observar essas pessoas trabalhando, talvez você pergunte sobre uma pessoa que está ocupada trabalhando com suas roupas velhas: 'Quem é esse irmão?' 'Oh! esse é o major-general fulano de tal!' Você vê outro homem mais jovem se dedicando a um trabalho sujo: 'Quem é aquele irmão mais novo?' 'Ele é o Diretor Geral da maior fábrica têxtil desta ilha!' E assim você prossegue – General, Coronel, Diretor – mas todos eles estão “tomando a frente”. Um desses altos oficiais decidiu limpar aquelas mil vidraças uma vez por semana!

Como eles fazem isso? Bem, antes de começarem o trabalho, todos se reúnem, oram e louvam. Eles oram todos juntos, esse grande exército de trabalhadores, depois louvam bastante; e começam a trabalhar. Tudo é feito com um espírito de alegria como esse. Esse é o espírito de filiação! Isso não é escravidão; é o verdadeiro espírito de filiação. Precisamos de muito mais disso. Esse é o significado do Espírito Santo. Você não fica surpreso que essas pessoas sejam radiantes, e não se espanta que a pergunta - “A quem é revelado o braço do Senhor?” seja respondida no caso delas. Na verdade, é revelado ali. Salvo a ilustração; é muito saudável ter visto essas coisas realmente funcionando. Essas pessoas servem; eles realmente trabalham.

Este é então o significado do Espírito, o significado de Cristo: o verdadeiro espírito de filiação. Isso é o que Paulo está dizendo aqui. Satanás vai contra isso – simplesmente odeia esse espírito. Ele tentará estragar tudo, a todo custo. Essa era a batalha em que Paulo estava. Ele não estava apenas lutando com os judaizantes, mas com o antagonismo direto do grande inimigo contra um testemunho desse tipo – contra o verdadeiro fruto da Cruz.

Liberdade da Lei significa Governo pelo Espírito

Agora, se Satanás for frustrado em uma linha, ele não desistirá – ele tentará outro caminho. Satanás é um grande mestre da estratégia, e uma de suas iniciativas favoritas é levar as coisas ao extremo. Entre os crentes da Galácia, ele procurou levar o legalismo ao extremo. Mas agora ele está frustrado; Paulo vence a batalha – não há dúvida disso. Qual é a próxima linha de ataque do

inimigo? 'Muito bem então', diz ele, 'se você não tem a lei, então não tenha nenhuma lei; descarte toda a lei.' "Você não está mais debaixo da lei, você está debaixo da graça" - você pode fazer o que quiser! Comporte-se como quiser; prossiga fazendo o que desejar; você não precisa de limitações, nem restrições. Qualquer tipo de restrição é lei – repudie-a! Vá para o outro extremo: licenciosidade em vez de lei!' Acredito que, se Paulo estivesse vivo hoje, ele seria tão veemente contra isso quanto foi contra o legalismo: pois aqui está realmente uma obra de Satanás. Se Satanás não puder aprisionar pela lei e mudar toda a natureza das coisas assim, ele tentará rejeitar toda a lei e tornar-nos totalmente iníquos.

Mas lembre-se, se esta Carta aos Gálatas é a carta da liberdade do Espírito, é também a carta do governo do Espírito. Só somos livres quando somos governados. Nas conhecidas palavras de George Matheson, que às vezes cantamos:

*'Faça-me um cativo, Senhor,
e então serei livre'*

Um paradoxo – mas quão verdadeiro! Não somos livres quando cedemos à licenciosidade, quando levamos a liberdade a esse ponto. Não: esta Carta, e as Cartas aos Romanos e aos Hebreus, não são documentos da ilegalidade. Mesmo que ponham de lado todo o sistema judaico, não introduzem um regime de anarquia. Mas eles trazem claramente a vida e o governo do Espírito Santo. Lembre-se: nenhum filho de Deus que seja governado pelo Espírito Santo, que esteja realmente vivendo uma vida no Espírito, infringirá qualquer princípio Divino. Na verdade, uma vida governada pelo Espírito Santo será ainda mais meticulosamente cuidadosa com os princípios espirituais.

Nenhuma Mudança nos Princípios Divinos

Veja, a mudança não está na lei; e foi aí que um grande erro foi cometido. Cristo crucificado não altera a lei; O próprio Cristo não altera a lei; o Espírito Santo não modifica a lei. A mudança não está na lei – a mudança está no homem. Graça não implica em que, porque você não está debaixo da lei, você

pode agora assassinar e escapar impune; pode roubar agora, e não está sob a lei; pode cometer adultério pois não está debaixo da lei; pode cobiçar agora, pois não está sob a lei. Graça não indica isso; você fica horrorizado com essa sugestão.

Mas leve esse direito a tudo e qualquer coisa do princípio Divino - e lembre-se de que a Lei de Moisés é apenas a personificação dos princípios Divinos. Agora o Senhor Jesus pegou isso e disse: 'Moisés disse: Não matarás; Eu lhes digo que se você estiver zangado com seu irmão, você não estará menos em perigo de ser julgado' (Mt 5:21,22). O apóstolo João vai mais longe, e diz que se você odeia o seu irmão você é um assassino: se você o odeia, sem tomar nenhuma medida para matá-lo, você já é um assassino no seu coração (1 João 3:15). Tomemos novamente as palavras do Senhor Jesus: 'Moisés disse: Não cometerás adultério; Eu lhes digo: basta olharem com má intenção e vocês quebraram o mandamento' (Mt 5:27,28). É o princípio da coisa, você vê. Isso é terrivelmente procurado.

Não, nem Cristo, nem o Espírito Santo, nem a Cruz mudam a natureza da lei, o princípio da lei – é o homem que é mudado. É assim que a lei é retirada de nós, porque nos tornamos pessoas mudadas. O Espírito, que guarda a lei, agora entrou em nós, e se andarmos pelo Espírito, no Espírito, não satisfaremos os desejos da carne (Gl 5:16,25). É uma questão da pessoa ser transformada.

Andar pelo Espírito é Guardar a Lei

Portanto, a graça não diz: 'Você não está mais debaixo da lei, portanto não precisa observar o sábado.' Devemos reconhecer que o sábado é a personificação de um princípio: não um dia. É o princípio sobre o qual Deus constituiu a criação, em todos os domínios; que deve haver um período de descanso para algo novo. Em toda a natureza é preciso haver um período de descanso, a fim de nos prepararmos para algo novo. Nossos corpos precisam de um período de descanso antes de algo novo. Em assuntos espirituais, no serviço espiritual, são necessários períodos de descanso, para o Senhor poder falar conosco e nos dar algo novo – esse é o princípio do sábado. Mas mesmo aí, o Senhor graciosamente tornou possível que muitos ainda tivessem um dia

por semana para deixar outras coisas de lado, santificando-o para o Senhor, para a renovação espiritual.

Então perceba que é o princípio que importa, não a forma exterior. Nada muda o princípio. Os princípios de todas as leis Divinas são permanentes: nunca são revogados, nem deixados de lado ou anulados – eles ainda estão válidos. Jesus foi além do código de conduta e apontou o dedo para o princípio de cada parte dele; dizendo: Você não deve ser governado por um sistema exterior de 'farás' e 'não farás'; você deve ser governado pelo Espírito Santo que observa essas coisas. O Espírito é o Espírito de *santidade*: ninguém que vive no Espírito e faz coisas profanas de forma persistente, habitualmente. O Espírito Santo é o Espírito do *amor*: ninguém que vive no Espírito terá outro espírito além do Espírito do amor, nem deixará de observar as leis do amor. O Espírito Santo é o Espírito da *verdade*: ninguém que vive no Espírito e pelo Espírito será falso, em qualquer sentido - e a inverdade abrange não apenas que falamos, mas tudo na vida que não é real, genuíno, honesto e transparente. O homem ou a mulher que vive no Espírito será verdadeiro, alguém real. O Espírito Santo é o Espírito de sabedoria, e aqueles que vivem no Espírito terão uma sabedoria Divina governando suas vidas.

É a vida no Espírito, por intermédio da Cruz, que está sendo vislumbrada aqui. As pessoas a quem o Braço do Senhor será revelado são o homem, a mulher, a assembleia ou igreja que andam e vivem no Espírito. Será que queremos conhecer o poder de Deus – Deus conosco, Deus por nós? Então esse é o caminho: a Cruz é a nossa base, o Espírito é a nossa vida, caminhando e vivendo como filhos de Deus.

Capítulo 9 - Reintegração de Todas as Coisas por Intermédio da Cruz

Neste capítulo final faremos algumas outras referências adicionais às profecias de Isaías. Procuraremos, em primeiro lugar, resumir, ou rever, todo o assunto que estivemos considerando, e depois apresentar algumas reflexões adicionais que surgem das cartas aos Efésios e aos Colossenses.

Gostaria que você traçasse uma imagem mental. Imaginemos, em primeiro lugar, a Carta aos Romanos colocada como pano de fundo e, depois, sobreposta a ela, uma figura da Cruz. Vimos que a carta aos Romanos apresenta a Cruz como o instrumento de Deus para preparar o terreno para a edificação de Deus, proporcionando o lugar para o alicerce daquele grande edifício que sempre esteve no Seu pensamento e na Sua intenção - a Igreja.

Romanos

A Carta aos Romanos se inicia abordando muitas coisas sobre as quais Deus não edificará - sobre elas Ele não pode construir. À medida que Deus examina o cenário humano, com o objetivo de lançar os alicerces para Sua Igreja, Sua gloriosa Igreja, Ele encontra as coisas numa condição tão confusa, má, falsa e errada, que Ele diz: 'Não posso estabelecer Meu alicerce sobre isso; devemos limpar tudo isso. Devemos queimar, consumir e abrir uma grande clareira para a fundação.' E assim, na Carta aos Romanos, a Cruz é introduzida e apresentada como aquilo que, por um lado, dispõe de todas essas coisas. E em que estado estão! Que condição terrível é apresentada nos primeiros capítulos dessa carta! A Cruz é colocada ali para lidar com tudo isso, para se livrar e consumir tudo. É como o grande altar de bronze com seu fogo consumidor, levando tudo a julgamento e não deixando nada além de uma clareira, um vazio, esterilidade.

Mas então, do outro lado, vemos Deus lançado o Seu fundamento, nos capítulos restantes daquela Carta, quando surge uma nova perspectiva. Tudo agora é possível para Deus. Encontramos no capítulo 8 tanta coisa dita sobre os eternos conselhos e presciência de Deus, Seus maravilhosos pensamentos e concepções na eleição, predestinação e adoção em conformidade com a imagem de Seu Filho, vemos a criação redimida da corrupção; os filhos de Deus libertados da escravidão. Tudo agora parece ter se concretizado, pois a Cruz abriu o caminho.

Essa, então, é o primeiro item na imagem mental que peço que você desenhe: a Cruz, como o meio de Deus para assegurar o fundamento para todo o resto.

1 Coríntios

A partir dessa Cruz você desenha linhas radiais. A primeira linha chega à Primeira Carta aos Coríntios. Aqui a Cruz é aplicada – não nas condições do mundo, nem nos que estão fora de Cristo – mas às condições prevalentes entre os crentes que não correspondem à Cruz. O Apóstolo traz o significado da Cruz para o homem natural, o homem carnal, e todas as suas obras, sobre tudo o que resultou da presença dele entre o povo do Senhor - as divisões, e toda aquela situação horrível no Igreja é descrita na Primeira Carta. Ele diz: “Quando fui ter convosco, decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1Co 2:1,2). Assim, a primeira “irradiação” de Romanos é dirigida para todas as condições dentro da igreja que não estão de acordo com o significado da Cruz. Deus não pode prosseguir com a edificação até que essas coisas sejam resolvidas.

O Apóstolo diz aos Coríntios naquela Primeira Carta que o fundamento já está lançado: “Lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica.” (1Co 3:10). Como já apontamos, essas coisas que encontramos naquela carta, são as coisas para as quais Deus diz: 'Não, você não deve colocar isso no Meu fundamento. Minha fundação merece algo melhor que isso. Não podemos ter essas coisas aqui – elas apenas irão desorganizar tudo mais uma vez e tornar necessário que passemos por todo o processo de consumir tudo novamente. Porque a obra de todo homem que não estiver de acordo com a Cruz se transformará em chamas e fumaça -

não restará.’

Esse, então, é o primeiro alcance da Cruz a partir de Romanos, tocando nas condições entre o povo do Senhor que não estão de acordo com o que Deus entende pela Cruz. Deus diz 'Não' a tudo isso. 'Não vou usar isso em Meu alicerce; Não vou construir com isso. Livre-se disso e então prosseguiremos com a construção. Como vimos no capítulo anterior, essas coisas foram tratadas pelos próprios coríntios. O fogo queimou entre eles – o fogo do arrependimento, do autojulgamento, da limpeza, do coração quebrantado (2Co 7:11). Algo aconteceu e eles lidaram com tudo isso.

2 Coríntios

A segunda linha radial conduz à Segunda Carta aos Coríntios. Temos a grande restauração do testemunho na igreja em Corinto – na localidade, na cidade e no mundo. O testemunho que foi manchado e arruinado agora pode ser restaurado. Quando Deus encontra esse estado de coração e de espírito - quebrantamento, humildade, contrição, muito abatimento diante Dele, 'tremor diante da Sua palavra' (Is 66:2) - Ele pode prosseguir com o desenvolvimento do testemunho no mundo. Isto é, Ele agora pode edificar. Quando Ele tem essas condições, as coisas começam a acontecer exteriormente – e isso não requer um grande esforço, elas simplesmente acontecem – porque temos a expressão do poderoso poder dinâmico de Deus.

O Apóstolo diz naquela carta: “Foi Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz” (ou, ‘Haja luz’, na primeira criação), que “resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.” (2Co 4:6). Alguns versículos antes Paulo disse: “Nós... contemplando... a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem” (3:18). Este é o testemunho: quando as coisas são tratadas interiormente, o brilho é espontâneo. É o resultado de uma obra profunda e silenciosa de Deus. Quando Deus proferiu Seu decreto: “Haja luz!” em meio ao caos, não creio que tenha havido muito barulho a esse respeito. Nunca é necessário que haja um grande barulho quando Deus exerce Seu poder. Ali “está velado Seu poder”, usando a frase de Habacuque (Hc 3:4). Mas isso não indica a minimização do Seu poder. Deus só precisa falar, e

coisas imensas podem acontecer. Ele apenas disse: 'Que haja luz!' - mas observem a força e o poder da luz nesta criação. Quão incrível é a luz! - e apenas com uma palavra. Isso também é simbólico.

Mas aqui em Corinto a luz brilha quando Deus tem as condições corretas; e é assim que vai acontecer. Não é necessário que haja o grande barulho da publicidade, propaganda, organização, da agitação e da atividade febril. Se o testemunho estiver presente, as pessoas saberão e sentirão. Se as condições forem adequadas, algo acontecerá. E se não há nada acontecendo, então é melhor olharmos para as nossas condições.

Gálatas

A terceira linha que irradia da Cruz, como vimos no capítulo anterior, leva-nos à Carta aos Gálatas, onde nos é mostrada a vida resultante no Espírito. A Cruz produz uma vida no Espírito: ela produz um Cristianismo verdadeiro e espiritual, distinto de um tipo de Cristianismo meramente profissional, formal ou ritualístico que está totalmente do lado de fora. Esta coisa poderosa, o verdadeiro cristianismo espiritual, uma vida no Espírito: quão real e quão eficaz é! É a isso que chegamos quando chegamos à Carta aos Gálatas. Essa epístola nos diz que a Cruz resulta numa vida no Espírito, e que o verdadeiro Cristianismo é algo espiritual.

'Efésios' e 'Colossenses'

Com esse breve resumo do que aconteceu, vamos compartilhar alguns pontos adicionais sobre as epístolas gêmeas, "Aos Efésios" (assim chamados) e "Aos Colossenses". É bastante evidente que são epístolas gêmeas: você não pode lê-las sem descobrir que está cobrindo em grande parte o mesmo terreno, com apenas uma ênfase diferente em cada uma delas. Nessas epístolas chegamos a coisas tremendas.

Notemos, em primeiro lugar, que nestas epístolas, como acontece com as demais, a Cruz é o fundamento. Em Efésios, somos informados de que 'nós, que estávamos mortos em ofensas e pecados, fomos vivificados e

ressuscitamos juntamente com Ele' (Ef 2:1,5,6): a Cruz está ali. Na Carta aos Colossenses, lemos sobre "... o despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo; tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo" (2:11,12) - aqui você tem o Cruz novamente. A Cruz é básica, esse é o ponto. É o fundamento trazido de Romanos.

Então, ao perceber isso, você se depara com podemos dizer que são as duas maiores coisas que já foram reveladas por Deus. São coisas tão maravilhosas que, se realmente as virmos, não como na Bíblia como uma leitura, mas como uma realidade no coração, algo certamente acontecerá conosco.

Você já se deparou com algo na Palavra de Deus que simplesmente te maravilhou e arrebatou? Talvez possa ilustrar isto com um pequeno incidente engraçado que aconteceu durante uma ministração no Extremo Oriente. Certo dia, estava falando em uma reunião - é claro, com um intérprete - quando de repente o querido irmão ao meu lado, que estava interpretando para mim em chinês, teve acessos de riso incontroláveis! Lá estava ele - simplesmente não conseguia parar de rir: e então as pessoas perceberam e começaram a rir também! Bem, este querido irmão não conseguiu parar; ele tentou e se esforçou, mas quanto mais lutava, mais parecia perder o controle. Eu não tinha consciência de ter dito algo extraordinário - pelo menos; nada que pudesse gerar tanta alegria. Tive que esperar e me perguntar o que estava acontecendo - me perguntando o que havia dito para causar essa reação. Um pouco mais tarde, quando ele já havia se recuperado um pouco, e já tinha passado, o riso voltou, e ele teve o acesso novamente; e isso aconteceu mais de uma vez.

Então, depois, quando fiquei a sós com ele, lhe disse: 'Irmão, o que foi que eu disse? o que disse para fazer você ficar assim, e todas as pessoas também? Disse algo tão escandaloso e engraçado para você? Ele disse: 'Não, irmão, não, nada disso. Era algo que nunca tínhamos visto antes, só isso, nunca tínhamos visto isso antes!'

A questão é esta: é possível ver algo na Palavra de Deus que te arrebatou - é tão novo! O Senhor livre-nos de nos tornarmos tão familiarizados com tudo, que a Palavra nunca provoca nem desperta nada em nós. Deveria acontecer conosco

o mesmo que aconteceu com aqueles queridos amigos chineses. Mas isso é incidental. Quando chegamos a essas cartas, se tivermos os olhos realmente abertos, veremos coisas que são calculadas para nos tirar o fôlego, para nos tirar arrebatado: pois são realmente maravilhosas. Talvez quando eu as mencionar, eles sejam tão familiares que não irão mexer com você; mas não posso em nenhum momento refletir sobre elas sem ficar tremendamente comovido. A linguagem delas é realmente familiar, mas que o Senhor nos traga novamente algo do real impacto e significado dessas palavras. Vejamos então qual é a chave e o resumo desta carta, que se chama Carta aos Efésios.

Efésios: “Todas as coisas em Cristo”

Em meio a toda a plenitude maravilhosa que temos nesta carta – e é realmente uma carta muito completa; quase todas as frases são além da nossa compreensão - temos um pequeno fragmento, que resume toda a carta; e realmente revela do que se trata e o que ela significa. É sempre muito útil uma coisa assim, abrangente. Aqui está: *“...o mistério da sua vontade...que propusera em Cristo, de fazer convergir nEle, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu, como as da terra; nele, digo...”* (Ef 1:9,10). ‘Convergir todas as coisas em Cristo’. Essa palavra “convergir” talvez não transmita completamente o que o Apóstolo realmente quis dizer e estava dizendo. Ela vai até um limite. Talvez fosse melhor dizer: “reunir (ou melhor ainda: subordinar, agrupar) todas as coisas em Cristo”.

Desintegração Humana

Quando o pecado entrou por intermédio de Adão, um grande processo de desintegração se iniciou. Em primeiro lugar, essa desintegração começou no próprio homem: ele já não era uma entidade única, mas se tornou uma personalidade dividida. Cada filho de Adão é uma personalidade dividida; tem uma guerra civil na sua própria natureza e constituição. É um homem dividido, que está em conflito consigo mesmo. Isso não é verdade em relação a todos nós? Conhecemos o suficiente sobre nós mesmos para saber que não há nada em nossa natureza e constituição que remeta à harmonia. Existe uma guerra dentro de nós: em nossa constituição e temperamento. Nós estamos

quebrados; divididos; desintegrados. Isso aconteceu no próprio homem.

E então aconteceu isso aconteceu entre os dois primeiros – e únicos – o homem e sua esposa. É possível discernir os elementos de desintegração e ruptura entre eles: o homem começa a culpar a mulher, e isso é o início de uma divisão doméstica. Havia uma unidade e harmonia maravilhosas; eles eram “uma só carne”, diz (Gn 2:24), mas agora algo aconteceu e eles não são mais assim. Quando foram expulsos do jardim, sem dúvida estavam culpando uns aos outros, dizendo: 'Isso é tudo culpa sua!' Estamos familiarizados com esse tipo de coisa – recriminações e assim por diante. A divisão surgiu; temos uma tensão na vida.

O que dizer da família que foi gerada deles? Temos Caim e Abel, os primeiros filhos, envolvidos em divisão, desintegração, até ao ponto do assassinato. E fora da família, isso se espalhou para a raça, até que se seguiu a grande dispersão, a divisão da raça em muitas, muitas partes, com toda a sua diversidade de línguas, como a temos hoje. A raça inteira está despedaçada, numa condição de total desarmonia. Prosseguindo, antes de sair do Antigo Testamento, vemos toda a raça dividida em duas seções irreconciliáveis, judeus e gentios, odiando-se mutuamente com grande amargura. O judeu não quer relação nenhuma com os gentios, chama os gentios de “cães” – coisas impuras – e não se associa com eles. As nações gentias reagem contra os judeus, como sabemos que sempre fizeram e continuam a fazer nos dias de hoje. O estado atual da raça humana é de quebrantamento, dispersão, discórdia e ódio, brigas e contendas, conflitos e guerras. Tudo está em pedaços, e todas as peças estão umas contra as outras. Não há harmonia, nem unidade, nem integração na raça humana.

O Segredo de Deus

Mas Deus tinha um segredo. Ele sabia de tudo isso, sabia o que ia acontecer e o que estava por vir, e Ele planejou Sua própria maneira de enfrentar esse problema. Deus tinha um segredo em Seu coração sobre como resolveria essa situação terrível. Este segredo é o que Paulo, nesta e em outras epístolas, chama de “o mistério”. Como Deus faria isso? Ele iria ‘reunir todas as coisas em Cristo’. Ele faria de Seu Filho o Centro e Esfera integradores de uma nova

criação, na qual todas essas diversidades e conflitos nunca mais seriam encontrados. Este é o resumo desta Carta aos Efésios: “reunir todas as coisas em Cristo”. Afirmo que isso é algo que nos emociona, e não importa quantas vezes já tenhamos o ouvido antes.

E assim, nesse contexto, três coisas vem à luz.

Em primeiro lugar, vemos a Cruz de Cristo. Você percebe aqui que Paulo diz: “destruindo por ela [a cruz] a inimizade” (2:16). Temos muitas concepções e ensinamentos sobre a Cruz, mas aqui vemos algo maravilhoso: na Cruz a inimizade foi dominada e destruída. Se houver uma obra da Cruz em nós, qualquer divisão cessará, seja ela nacional, internacional, pessoal, social ou mesmo cristã. A Cruz é o instrumento para tratar com isso – e ela vai de fato resolver essas questões. Se a Cruz realmente tocar o mais profundo do nosso ser, toda a situação, tanto em nós como entre nós e os outros, mudará. A Cruz opera de forma que nós não mais nos encontraremos no terreno natural. Nós estaremos no terreno celestial e espiritual, no terreno de Cristo.

Em segundo lugar, vemos que o próprio Cristo é o ponto focal e a esfera disso. Encontramo-nos “em Cristo” – esta é a grande afirmação: “reunir todas as coisas em Cristo”. Observe quantas vezes aquela essa pequena expressão “em Cristo” é usada: tudo está “em Cristo”. Ele é o centro e a esfera desta maravilhosa nova integração. “Em um só Espírito”, diz o Apóstolo, “todos nós fomos batizados em um corpo” (1Co 12:13).

Em terceiro lugar, como resulta claramente desta carta, a Igreja é o vaso de manifestação disso tudo. O segredo de Deus não era apenas que Seu Filho seria o ponto focal, mas que a Igreja deveria ser o vaso no qual esta unidade deveria ser manifestada. Que tragédia que isso não aconteça mais! E, no entanto, como disse, onde obtemos uma verdadeira expressão da Igreja, é isso que encontramos - todas as coisas em desintegração do lado de fora e a poderosa integração do amor Divino dentro. Vemos um testemunho real do Corpo de Cristo.

Estamos muito familiarizados, é claro, com essas frases e essa terminologia. Mas é maravilhoso perceber que, na plenitude dos tempos (ainda não

atingimos a “plenitude dos tempos”, mas penso que estamos chegando muito perto dela), Deus tem o propósito de reunir – não geográfica e fisicamente, mas em uma gloriosa unidade de espírito – todas as coisas em Cristo. Deus se determinou a fazer isso, e será um dia maravilhoso quando esse propósito for cumprido.

‘Destruindo a inimizade pela cruz’ (Ef 2:16). Querido irmão, querida irmã, preste atenção nisso. Se houver alguma inimizade entre você e outro irmão ou irmã em Cristo, isso é uma negação da Cruz; é uma negação de Cristo e é uma negação da Igreja. Isso é muito sério.

Você tem alguma inimizade com outro irmão? ou outra irmã? A Palavra *diz aqui que na Cruz a inimizade foi destruída!* Onde está a Cruz - onde está Cristo - onde está o Espírito - onde está a Igreja - se ainda estiver presente entre nós aquilo que a Cruz deveria ter eliminado, sim, e na realidade *já* eliminou? Isso não tem lugar entre nós.

Na grande oração que Paulo faz no terceiro capítulo de Efésios (vs 14-19), ele diz: *“Me ponho de joelhos diante do Pai...”* Então somos uma família! Aí percebemos o cerne das coisas. Qual é a principal característica de uma verdadeira paternidade e de uma verdadeira família? É o que Paulo diz aqui – é o amor. Ouça o que ele diz: *“... e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com TODOS os santos”* - observe que - *“a fim de compreender, com todos os santos qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento...”* Vemos um amor em dimensões tamanhas, que é capaz fazer isso, e que pode alcançar esse fim de reunir juntos todos os quebrantados em Cristo. Isso só será realizado por esse amor poderoso, muito poderoso, com sua largura, seu comprimento, sua altura e sua profundidade. Esse amor é grande o suficiente para fazer isso; mas nós precisaremos ser fortes, com todos os santos, para compreender isso. *Apreenda esse amor* e Deus alcançará o Fim que Ele propõe.

Colossenses: A 'plenitude' restaurada

Só poderemos passar brevemente pela segunda destas “epístolas gêmeas” – a Carta aos Colossenses. Qual é a grande palavra, ou declaração, contida nessa

carta? É esta: *“porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude”* (Cl 1:19); *“também, nEle, estais aperfeiçoados”* (Ef 2:10). O que aconteceu?

Em primeiro lugar, no início da criação, o grande Oleiro criou, moldou, por assim dizer, um belo vaso. E quando Ele se afastou e olhou para ele, afirmou: 'É muito bom.' E Ele encheu aquele vaso com Sua plenitude – e com que plenitude Ele encheu o vaso desta criação! Quão cheio está o vaso desta criação, ainda hoje, em sua condição atual – cheio da beleza e da glória de Deus! Mas no início estava cheio de beleza e glória imaculada. E então, um grande inimigo entrou e desferiu um golpe naquele vaso e o despedaçou: toda aquela plenitude divina e espiritual vazou – ela se foi; e em seu lugar encontramos, em comparação com o que já foi, apenas desolação e vazio.

Agora o Grande Oleiro retorna, para 'fazer dele outro vaso' segundo bem lhe pareceu (Jr 18:4). Aqui está o vaso – a Igreja. Este é o vaso do Senhor: um belo vaso, uma *“igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito”* (Ef 5:27). Ao olhar para ela de acordo com Seu próprio pensamento e Seu próprio ideal, ponderando tudo o que Ele pretende e tudo o que Ele realizará através dela, Ele afirma: 'Uma Igreja gloriosa! Isso é muito bom.' E nesta Carta aos Colossenses vemos o vaso refeito, agora cheio de toda a plenitude. O vaso está consertado, todos os seus fragmentos estão reunidos; não podemos rastrear as rachaduras e as junções; esta Igreja como Ele a tem aqui é mais uma vez um belo todo; e agora Ele o enche novamente com toda a Sua plenitude. *“Para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.”* (Ef 3:19), é a oração do Apóstolo. *“Nele, habita, corporalmente, toda a plenitude.... e nele, estais aperfeiçoados”* (Cl 2:9,10). É assim que deve ser.

Uma coisa deve ser grifada: embora este seja um processo que Deus está buscando realizar, seja o fim para o qual Ele está trabalhando, devemos lembrar que a realização desta grande e gloriosa consumação - esta 'reunião' novamente, de todas as coisas em Cristo, este enchimento do vaso *“reunido”* com toda a Sua plenitude – requer, e deve ter, um trabalhar contínuo da Cruz. Esse é o desafio de tudo o que vimos nas páginas anteriores: o desafio da Cruz em tudo, em relação ao grande propósito de Deus.

Esta reintegração, se for permitido ao Senhor fazer o que Ele deseja, será

efetuada por meio da Cruz. Se houver algo contrário à integração, à unidade, será sempre atribuído a algo que resistiu, ou está resistindo, à obra da Cruz. Isso se aplica às nossas próprias vidas e às nossas assembleias. Se há algo que ainda representa desintegração, divisão, cisma, se as coisas estão quebradas, não são uma só entidade e um todo, isso pode ser atribuído a uma falha em permitir que a Cruz faça o seu trabalho em alguma direção.

Essa é a única e abrangente explicação para isso explicação. Se a Cruz realmente fizer o seu trabalho, esta integração será um resultado espontâneo.

O caminho da unidade não é o caminho de consertar as coisas a partir de fora – o caminho da unidade é resultado da obra da Cruz na vida. Quando a Igreja realmente permite que a Cruz atue na sua própria constituição, o problema da divisão se resolve. E se existe pobreza espiritual, se existe escassez, se existe limitação nos nossos recursos espirituais, e não estamos conhecendo essa plenitude, é pelo mesmo motivo. Se a Cruz opera, a medida aumenta, de forma bastante espontânea: sempre acontece dessa maneira, quando você tira do caminho coisas que são contrárias a Cristo.

Conclusão

E assim terminamos onde começamos. “A quem é revelado o braço do Senhor?” Se tivermos algum interesse ou preocupação em conhecer Deus conosco e por nós em poder, em apoio, em proteção, libertação e socorro, este é o caminho. A resposta a essa pergunta de Isaías 53 se encontra nesse mesmo capítulo: é revelada a *Este* que vai até Cruz, que experimenta a Cruz; Àquele que deixa tudo aos pés da Cruz; que desce em vergonha e desonra na Cruz; que perde tudo o que é seu na Cruz: a Ele é revelado o braço do Senhor. E isso é revelado também a todos aqueles que seguem esse caminho junto com Ele. A história é a grande prova disso que estou dizendo. Ao longo da história, o braço de Deus foi, e sempre será, estendido a favor de Seu Filho e a favor de todos aqueles que estão com o Seu Filho como homens e mulheres crucificados - igrejas crucificadas - uma Igreja crucificada.

Há uma passagem da qual todos gostamos muito: “Seus olhos [do Senhor] passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é

totalmente dele” (2Cr 16:9). A Cruz é o instrumento para testar se nossos corações são perfeitos para com o Senhor, ou se temos interesses pessoais, mundanos, e interesses divididos. Essa palavra 'perfeito' significa 'completo' ou 'todo': o Senhor se mostrará poderoso em favor daquele cujo coração é completo para com Ele. E onde poderíamos encontrar uma personificação maior de alguém cujo coração estava completo para Deus, do que no Senhor Jesus naquela cruz?